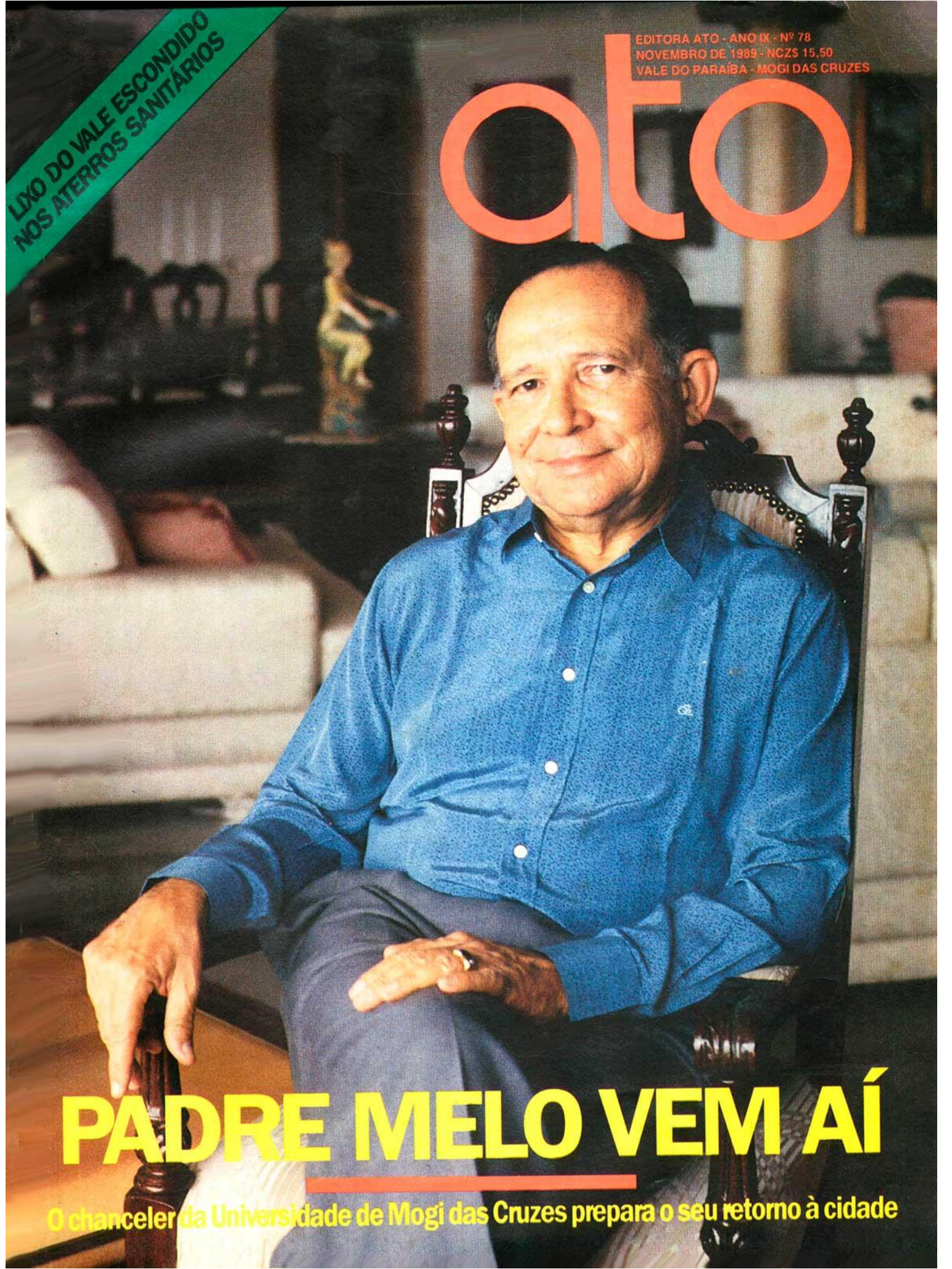


LIXO DO VALE ESCONDIDO
NOS ATERROS SANITÁRIOS

EDITORA ATO - ANO IX - Nº 78
NOVEMBRO DE 1989 - NCZS 15,50
VALE DO PARAÍBA - MOGI DAS CRUZES

ato



PADRE MELO VEM AÍ

O chanceler da Universidade de Mogi das Cruzes prepara o seu retorno à cidade



SUPERMERCADO

SHIBATA



HÁ 13 ANOS SERVINDO O MELHOR
PORQUE VOCÊ E SUA FAMÍLIA
MERECEM

Frutas e Verduras
FRESQUINHAS
ROTISSERIE
PADARIA
SEÇÃO DE FRIOS

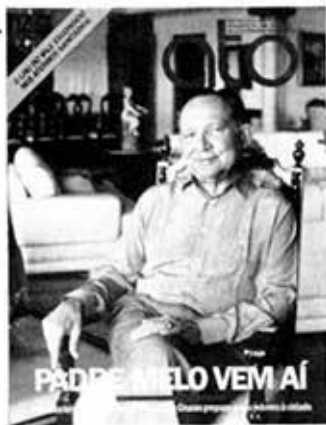
E MUITAS NOVIDADES NO 1º ANDAR



AV. SÃO PAULO, 564 - BAIRRO SOCORRO - M. CRUZES - FONE: 469-8801

ABERTURA

Depois de seis anos fora de Mogi das Cruzes, de onde se afastou por causa do clima úmido da cidade, o chanceler da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), Manoel Bezerra de Melo, vislumbra o retorno à cidade para, como ele mesmo diz, concluir o seu projeto. Nesta proposta estão pontos importantes como a retomada do desenvolvimento do setor educacional; uma nova tentativa de se eleger deputado federal por São Paulo (ele tem mandato até o próximo ano pelo Estado do Ceará, sua terra natal, onde manteve-se atuante neste período de ausência, tendo, inclusive, construído três colégios); preparar a filha Regina, hoje com 17 anos, para assumir a direção da UMC; e, se o povo quiser, disputar a Prefeitura Municipal. A reportagem de capa desta edição de **ATO** mostra não apenas os planos futuros de Melo, mas resgata a sua história,



desde 1962, tempos em que, ainda padre, foi escolhido para assumir a paróquia de Mogi das Cruzes. De lá para cá, Melo colocou a cidade no cenário educacional do país construindo a UMC, abandonou a batina e se casou, para pasmo da tradicional e conservadora sociedade local. Personagem polêmico, ainda chamado de padre, Melo é criticado por inimigos políticos e pessoais que, entretanto, não negam a importância de seu trabalho pelo município.

• Outro tema da edição é a dúvida quanto ao destino de 900 toneladas diárias de lixo domiciliar, industrial, hospitalar e de entulho coletadas no Vale do Paraíba. Das 36 cidades que compõem a região, apenas sete possuem aterros sanitários e fazem, devidamente, o tratamento do lixo. Em todas as outras, proliferam os lixões, onde os detritos são simplesmente acumulados a céu aberto, colocando em risco a qualidade da água, afinal eles sempre são instalados nas proximidades de rios que abastecem as cidades.

LEIA

Os maiores nomes da música erudita vêm sempre a São José, mas quase ninguém sabe disso.

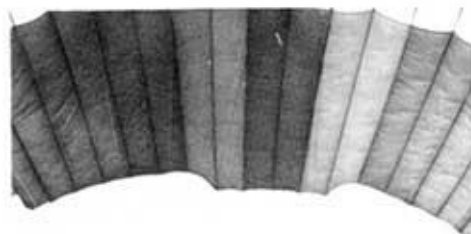
MÚSICA

Sem teatro, eles se apresentam em salas reservadas. **Páginas 36 a 43**

CIDADES

O prefeito Bevilacqua descobre o banco de terras do ex-prefeito Sérgio Sobral

e vende área pública para pagar as dívidas de São José. **Páginas 28 a 31**



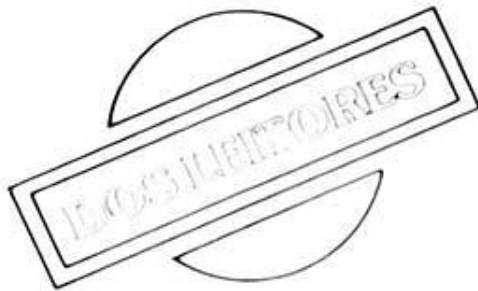
Uma nova forma de voar está virando moda: o paraglider, um pára-quadras que voa como uma asa-delta. **Páginas 102 a 104**



Uma greve de 1,3 mil funcionários da Bundy, em São José dos Campos, indústria que até então detinha 90% da produção de tubo para freios no país, praticamente paralisou a indústria automobilística. **Páginas 99 a 101**

E	ARQUITETURA	88 e 89	ESPORTE	74	OPINIÃO	106
	CARROS	96 a 98	GENTE	66	PAINEL	6 e 7
	CIÊNCIA	72 e 73	HABITAÇÃO	32 a 34	PANORAMA	49 a 60
	ECONOMIA	76 a 78	IMPRENSA	46 e 47	PERSONALIDADE	65
	EDUCAÇÃO	24 e 25	NEGÓCIOS	20	SOCIAL	61 a 64

FOTO DE CAPA: LAILSON SANTOS



APARECIDA

Estive em Aparecida pela primeira vez no mês passado, quando da comemoração do Dia de Nossa Senhora Aparecida, e fiquei satisfeita por perceber que a fé do povo brasileiro, que muita gente acha em baixa nos últimos tempos, continua tendo muito valor. É bom saber que acreditar em Deus não é um sentimento tão fora de moda assim.

Regiane Macieiras
São Paulo

Muito oportuna a matéria de capa da última edição de ATO. É um retrato fiel do que ocorre hoje na cidade.

Maria Helena Shapper
Aparecida

OPINIÃO

Lá e reli várias vezes a revista ATO e não posso deixar de externar-lhes minha opinião: é ótima, perfeita em todos os sentidos, instrutiva e cheia de artigos "bons exemplos" dignos de imitações por parte de quem os lê.

José Alves Batista Sobrinho
São José dos Campos

CTA

Em uma época em que se ouvem comentários desairosos para com a imprensa brasileira, é com imensa satisfação que cumprimento os responsáveis pela linha editorial da revista ATO, pela imparcialidade e honestidade de propósitos com que informam seus inúmeros leitores, dentro do mais moderno e elevado espírito jornalístico. Em particular, no número 76, de setembro passado, destaca com a mais absoluta clareza o trabalho do CTA no



motor a gás, um dos muitos projetos nos quais nossos técnicos vêm dedicando toda a competência da engenharia com vistas a oferecer opções válidas para o nosso país. Ainda no mesmo número, a revista teve comentários elogiosos sobre minha pessoa, com algumas referências a fatos passados ocorridos no CTA, que se aproximam do acontecido, apesar de

um pouco romaneados. Resta-me agradecer as bondosas palavras e deixar a promessa de que tudo farei para superar as atuais dificuldades e, com o apoio das autoridades da Aeronáutica, conduzir o CTA para a posição de destaque que sempre ocupou, por mérito da sua competente equipe técnica, na busca de soluções tecnológicas compatíveis com as possibilidades e necessidades do país.

Brig. do Ar - Sérgio Xavier Ferolla
Diretor Interino do CTA

TEATRO

lendo a edição 76, fiquei surpresa com a qualidade das matérias, especialmente a reportagem "Fazendo marolas" sobre o meio ambiente e as páginas dedicadas aos festivais de teatro e aos grupos teatrais em extinção. Verifico, com satisfação, que a revista ATO alcança o melhor nível eleitoral na sua área e representa adequadamente a pujança do Vale do Paraíba.

Deputada Ruth Escobar
São Paulo

Cartas para ATO,
av. Dr. João Guilhermino, 429
10º andar - conjunto 101
São José dos Campos - Cep 12200.
rua Cap. Manoel Caetano, 203
Mogi das Cruzes - Cep 08710.

ato

Diretores: Márcio L. M. de Paula
Ernani Bicudo de Paula

Diretor Comercial: Antonio Carlos U. Andari

Diretor Jurídico: Ademir R. Vendramini

REVISTA ATO

DIRETOR DE REDAÇÃO

Márcio L. M. de Paula

Editores: J. Eustáquio de Freitas, Alberto Villas e Dirceu Roque de Sousa.

Colaboradores: Hélcio José da Costa Jr., Solange Rodrigues Nunes, Antônio Marmo, Chico Pereira, Flávio Nery e Ricardo Júlio (São José dos Campos); Luiz Eduardo Grunewald e Pedro Orlando Abib (Jacareí); Irani Lima (Taubaté); Maricy Guimarães, Rafael Masgrau, Fernando Machado, Marcos Lima, Silene da Cunha Pinto e Edson Maia Rodrigues Pires (Mogi das Cruzes); Márcio Trindade e Fernando Yamasaki (Suzano); Carlos Chagas (Brasília); Francisco Augusti, João Pires, José Fernando Lefcadito Alvares, Leonor Amarante, Luciano Dias Pires Filho, Luiz Fernando Emediato, Rubens Edwald Filho, Sérgio Vaz, Vital Bataglia, Fernando Leal, Federico Mengozzi e Jotabé Medeiros (São Paulo).

Fotografia: Lailson Santos e Sérgio Castro.

DIRETOR COMERCIAL

Antonio Carlos Urbano Andari

Publicidade

Gerente: Mônica Lemes Padovani

Contatos: Sandra Regina Pissato, Ana Di Rienzo, Evani Santo e Laura Moreira.

Representantes: FT Representação e Publicidade Ltda. Tels. 256-1195 e 259-8738 (São Paulo)

FF Work Ltda. Tels. 242-1843 e 252-7119 (Rio de Janeiro); 223-2745 (Brasília)

Assinaturas

Gerente: Marina Aranha Magalhães Alcoba

Circulação: Walter Pereira Jr.

Não aceitamos matérias pagas. ATO é uma publicação mensal da REVISTA ATO, Editora e Publicidade Ltda. Sede - Mogi das Cruzes: rua Capitão Manoel Caetano, 203 - telefones (011) 460-2066 e 469-5969 - Cep 08710. Sucursal - São José dos Campos: av. Dr. João Guilhermino, 429 - 10º andar - sala 101 - telefone (0123) 22-4703 e 22-5518 - Cep 12200. ATO é distribuída por mala direta e vendida em banca, circulando no Vale do Paraíba, Litoral Norte, Mogi das Cruzes e região. Composição: Revista ATO. Fotolito: Força. Impressão: DCI - Indústria Gráfica e Editora S/A.

SERVIÇO DE ATENDIMENTO
AO ASSINANTE: TEL. (011) 468-1391



A revista ATO é impressa em papel couché fabricado pela
**COMPANHIA SUZANO
DE PAPEL E CELULOSE**

Construído e decorado há vinte e cinco séculos. Em mármore.



O Pártenon foi construído na Grécia, no século V a.C. E ainda está de pé. Desde aquele tempo o mármore já era considerado um dos materiais mais nobres da natureza, pois alia sua beleza clássica à durabilidade que as construções antigas provam que ele tem. Agora imagine o que você pode fazer na sua casa, combinando esse material consagrado há vinte e cinco séculos com a melhor tecnologia do século vinte.



MARMORARIA NACIONAL LTDA.

Rua Dr. Deodato Wertheimer, nº 3001 – Mogi das Cruzes/SP – Fone: 469-7111

Semana de Humanas

Para não ficar de fora do tema mais discutido neste ano – a sucessão presidencial – a 7ª Semana de Humanas da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) deu destaque para as campanhas políticas que tomaram conta do país inteiro. Os alunos montaram painéis pelos corredores da Universidade com documentos e recortes coletados de jornais e revistas, procurando esclarecer a opinião pública sobre a posição ideológica de cada partido e seu candidato. O ciclo de palestras teve a presença de nomes importantes como os jornalistas Ignácio de Loyola Brandão (O Processo de Criação), Marcos Faerman (A Reportagem), Fernan-

Social do Estado de São Paulo no VII Curso de Extensão em Jornalismo, promovido pela Editora Abril. Cada escola deverá selecionar os 15 melhores alunos para concorrerem às 60 vagas disponíveis para o curso, dividido em aulas teóricas, com jornalistas das principais revistas editadas pela Abril, e as oficinas realizadas na própria empresa. O curso tem o objetivo de aproximar o recém-formado com o mercado de trabalho, de maneira a encurtar a distância entre as escolas de Comunicação e a realidade da profissão. Para o professor Dirceu Roque de Sousa, chefe do departamento de Jornalismo da UMC, a inclusão de Mogi como participante significa o reconhecimento do Jornal Comunitário, um trabalho

mais eficaz – começam a operar as equipes de resgate “Anjos do Asfalto”, especializadas no atendimento de urgência. Funcionarão seis postos, instalados em pontos críticos da rodovia. No Vale do Paraíba paulista serão três postos: Jacareí (km 226), Taubaté (km 113) e Lorena (km 54).

Cada posto funcionará 24 horas por dia e terá dois tipos de veículos de atendimento: uma ambulância tipo Centro de Tratamento Intensivo (CTI), com equipamento de reanimação cardiorespiratória, e um carro resgate, com equipamentos contra incêndios e serras para a retirada de vítimas de ferragens. Cada equipe será integrada por dois enfermeiros, um médico e dois bombeiros.

Pelas estatísticas do DNER, o atendimento especializado tem chance de salvar 20% das pessoas que sofrem acidentes em estradas. Em 21 minutos, os “Anjos do Asfalto” poderão chegar a qualquer ponto da Dutra. A operação está sendo patrocinada pela Bradesco Seguros, que não revela os custos do investimento.

Projeto Resgate

A partir de dezembro estará em funcionamento, em São José dos Campos, o Projeto Resgate, formado por um grupo especial para atendimento e socorro de vítimas de traumatismos. São José dos Campos será a primeira cidade do Interior do Estado a ter um serviço desse tipo. O projeto é iniciativa das secretarias da Saúde e Segurança do Estado, Corpo de Bombeiros e da Prefeitura. Até o final do ano, chegarão a São José quatro viaturas especiais, doadas pelo Sistema

Unificado e Descentralizado de Saúde (Suds), dotadas de equipamentos para salvamento em altura, mergulho e retirada de vítimas de ferragens (cunha hidráulica). Cada viatura custou NCz\$ 500 mil, em outubro. As viaturas têm ainda material para primeiros socorros – tala e colar de imobilização, balão de oxigênio e aparelho para aferir pressão arterial.

Dois veículos ficarão no Corpo de Bombeiros da Vila Industrial (onde haverá médico e enfermeiro de plantão), um terceiro na unidade da Vila Betânia e outro em uma unidade provisória no Parque Industrial. Em outubro, o Corpo de Bombeiros e a Secretaria de Segurança Pública realizaram um curso de socorrista para 30 bombeiros, que trabalharão no Projeto Resgate. O curso teve 100 horas/aula.



O jornalista Maurício Kubrusli, da TV Globo: auditório lotado na Semana de Humanas da UMC

do Jorge (O Jornalismo e a História), Tito Batini (O Último da Geração de 22 Depõe Sobre o Modernista) e Maurício Kubrusli, da Globo, que lotou o auditório para falar sobre a crítica na televisão brasileira. Na área de Direito, o advogado Cláudio Lembo, candidato a vice-presidente pelo PFL, falou sobre “A Constituição Cidadã” e, na de Economia, o deputado estadual pelo PSDB, José Serra, e o decano do Centro de Ciências Humanas da UMC, Waldir Pereira Gomes, discutiram o “Desenvolvimento e Crise da Economia Brasileira”.

Jornalismo na Abril

A faculdade de Jornalismo da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) vai participar como a oitava escola de Comunicação

realizado nos últimos cinco anos, sempre por alunos do 4º ano de Jornalismo, na disciplina de Projetos Experimentais. A cada ano é escolhido um bairro da cidade que serve como público alvo, onde os estudantes coletam informações e procuram defender os interesses da comunidade, como a reivindicação de obras, idéias para solucionar problemas e prestação de serviços.

Dutra mais segura

No ano passado, ocorreram 12.422 acidentes na Via Dutra, com 6.088 feridos e 858 mortos. A partir de fevereiro do próximo ano, o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) tentará reduzir essas estatísticas, tornando a Dutra uma estrada mais segura e com socorro

Revista Expressão

Os educadores, pensadores e profissionais da área de Educação ganharam, no início deste mês, uma tribuna para expor e debater um assunto tão problemático quanto fundamental: a Educação. Com 60 páginas em preto e branco e, inicialmente, uma tiragem de cinco mil exemplares, este novo espaço foi batizado de revista Expressão, lançada pela Editora Dublin. Projeto da escritora Sue Ly Nikolay e do pintor Ossamu Ikeda – ambos mogianos –, a revista Expressão se propõe a ser um espaço especializado em educação e cultura. Bimestralmente nas bancas, a revista trará textos escritos por colaboradores especialistas na área. A edição número um traz, entre outros colaboradores, textos de Maria Geni Borges, diretora da Divisão Regional de Ensino – 5 Leste, Dorhy Esterer, um francês especialista em antiguidades e Durcília Verreschi, diretora do colégio São Marcos.

Campanha pelo Tietê

Uma campanha para salvar o poluído rio Tietê. Essa é a idéia dos alunos do 7º semestre do curso de Comunicação Social da Universidade Braz Cubas. Para tanto, eles lançaram neste mês a campanha "O Tietê está morrendo". Com ela, os estudantes pretendem realizar trabalhos de conscientização sobre a importância da recuperação e conservação do rio em Mogi das Cruzes e cidades vizinhas.

Tarifa imediata

A Câmara de São José dos Campos derrubou o prazo de dez dias que havia entre a decretação de uma nova tarifa de ônibus urbano, pelo prefeito Joaquim Bevilacqua (PTB), e a entrada desta tarifa em vigor. Agora, a tarifa entra em vigor no ato do decreto. A carência de dez dias foi derrubada pela aprovação de um projeto de lei do vereador José Raimundo Romancini (PFL), que pedia, em princípio, que as planilhas de aumento da tarifa fossem enviadas não só à Prefeitura, mas também à Câmara.

A derrubada do prazo de dez dias aconteceu próximo da entrada em vigor de uma nova tarifa, passando o ônibus urbano de NCz\$ 1,1 para NCz\$ 1,3. Essa diferença de NCz\$ 0,20 reverteu em um lucro de NCz\$ 400 mil (valor de outubro) para as empresas, multiplicando-se os centavos pelo número de pessoas transportada pelo sistema

de transporte coletivo urbano em dez dias – dois milhões de pessoas. Isso significou um dia e meio extra de faturamento para as empresas. No projeto, Romancini derrubava o prazo de dez dias nos meses em que a inflação passasse de 10%. Desde maio a inflação abandonou a casa dos 10%, ficando em 9,94%. Em junho, ela saltou para 24,83% e disparou.

Novo reitor

Encerrada a crise aberta pelas extravagâncias cometidas por um grupo de estudantes do último ano, o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (Ita) passou a ter um novo reitor. O professor Jessen Vidal, um

promovido pelos alunos do quinto ano: é tradição eles realizarem a Festa dos Cem Dias antes da formatura, mas neste ano exageraram.

Primeiro, realizaram uma festa no alojamento dos alunos, encerrando-a com um carro de som percorrendo o CTA e parte da cidade, com palavras de ordem e discursos considerados ofensivos ao CTA e ao Ita. No dia 15 de setembro, fizeram uma mulher, contratada numa casa de massagens, desfilarem nua no restaurante, ao meio dia, durante o almoço de estudantes e funcionários.

A direção do Ita acabou considerando os episódios como mera "estudantada" e decidiu dar uma punição educacional para os



O poluído Tietê: campanha na UBC para a conscientização e recuperação do rio

pernambucano de Garanhuns, 58 anos, tomou posse no dia 20 de outubro, substituindo o professor Jair Cândido de Melo que colocou seu cargo à disposição da direção geral do Centro Técnico Aeroespacial.

Jair Cândido de Melo estava decidido a afastar-se da reitoria do Ita há algum tempo, por acreditar que a renovação faz parte da filosofia da escola. Ele já estava ocupando-se de funções diretivas desde 1981, quando foi indicado vice-reitor e, depois, como reitor a partir de 1985. Com a entrada do brigadeiro Sérgio Ferolla na direção do CTA, Jair Cândido colocou seu cargo à disposição.

Em setembro, Jessen Vidal foi convidado para o cargo e deveria ser empossado ainda naqueles dias. A posse teve que ser adiada alguns dias em função de uma festa

101 formandos deste ano. A Turma Antônio Ernirio de Moares (empresário escolhido como paraninfo) não participará da formatura e a solenidade vai resumir-se à colação de grau dos tecnólogos em computação. É a primeira vez que isso ocorre no Ita, embora outras vezes tenha acontecido o esvaziamento da solenidade devido ao clima político vivido pelo país.

Logo que saiu a decisão sobre a punição aos formandos, a direção do CTA providenciou a nomeação do novo reitor. Jessen Vidal já foi reitor do Ita entre 1977 e 1982, quando deixou o cargo para ser o secretário de Estado da Educação, no final do governo de Paulo Maluf. Sua tarefa principal nesse início de gestão será a implantação do curso de Engenharia de Computação, que começa a funcionar em janeiro. ●



Bezerra de Melo em seu apartamento na Volta da Jurema, em Fortaleza, com a esposa Maria Coeli: segurança e tranquilidade

ENTREVISTA DE CAPA

De malas prontas

O deputado federal Manoel Bezerra de Melo pretende voltar à Mogi das Cruzes e, se o povo quiser, chegar à Prefeitura

– Padre, o senhor me caiu do Céu!
 – Mas o senhor não me conhece, não sabe nem se sou padre...
 – Sei só pelo seu jeito!

O diálogo acima, ocorrido num dia de fevereiro de 1962, por volta das 5 horas da tarde, entre o padre Manoel Bezerra de Melo e o poderoso cardeal dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, poderia servir para iniciar qualquer história que se quisesse contar sobre a fantástica passagem de Manoel Bezerra de Melo por Mogi das Cruzes. Na verdade, a conversa mantida com o cardeal foi o momento preciso em que Mogi entrou na vida de Melo. Ou melhor, o instante em que Melo, aos 36 anos, quase um recém-ordenado, chegava numa cidade grande, idosa e tradicional para, em pouquíssimo tempo, começar a mudá-la.

O resultado da conversa rápida com o cardeal foi um “convite” ao qual não cabia recusa – Melo deveria assumir a paróquia de Mogi das Cruzes, onde o vigário Roque Pinto de Barros adoeceu gravemente. Com a mesma rapidez com que o cardeal escolheu o destino do jovem que nem conhecia, este iniciou suas atividades e logo ganhou notoriedade. A atuação de Melo começaria pelos costumes, pelo comportamento. Dotado da vigorosa formação jesuíta – e com uma vontade quase compulsiva de se fazer ouvir – o padre logo chegou às salas de aulas e ao público geral.

Encontrou em Mogi, cidade tradicionalmente aberta aos forasteiros, campo fértil para sua pregação. Falou abertamente de sexo, de educação, psicologia e juventude – um discurso moderno, sobretudo para um padre. Seu estilo irrequieto, que encontrara

restrições ao longo da formação religiosa, bateu asas em Mogi.

Em dois anos, a cidade percebeu que aquele padre não era um padre igual aos outros. Em quatro, ao vê-lo eleger-se deputado federal, assustou-se com a rapidez de sua ascensão. Aos oito anos, em 1970, provinciana como era, deliciou-se em comentar seu casamento. Afinal, tratava-se de um padre. Passados dez anos de sua chegada a Mogi, o padre – que não era mais padre, apesar de todos o chamarem de padre – tinha nada menos que uma universidade.

O resultado disso tudo teve um preço. Melo fez vários inimigos e criou na cidade a imagem nada lisonjeira de ser alguém que subiu e se esqueceu dos que o ajudaram. O padre nega. Ou melhor, justifica: “Numa caminhada profissional, nem sempre se po-

CURSOS	HOR.	VAG.	ANOS	VALOR out./89
EXATAS				
E. Civil	D/N	200	5/6	425,31
E. Mecânica	D/N	350	5	425,31
E. Química	D/N	200	5	425,31
E. Elétrica	D/N	250	5	425,31
Ciências	/N	400	4	425,31
Matemática	/N	400	4	425,31
Física	/N	400	4	425,31
Química	/N	400	4	425,31
Arquitetura	/N	200	5	465,47
Ciën. Computação	D/N	200	4	412,75
Total alunos: 5.260				
BIOMÉDICAS				
Medicina	D/	60	6	1.328,25
Odontologia	D/	200	5	809,13
C. Biológicas	D/	160	4	425,31
Psicologia	/N	100	4	589,16
Nutrição	D/	100	5	549,00
Enfermagem	/N	100	5	630,18
C. e Biologia	D/N	200	4	611,95
Educ. Física	D/N	400	3	439,39
Total alunos: 3.973				
HUMANAS				
Direito	D/N	700	5	255,49
Economia	/N	200	5	366,30
Contabilidade	/N	200	4	260,00
Administração	/N	450	3	260,00
História	/N	120	4	304,92
Comunicação	/N	300	4	329,76
Educ. Artística	/N	200	3	329,76
Letras	/N	120	3	304,92
Pedagogia	/N	120	3	304,92
Geografia	/N	110	3	304,92
Total alunos: 5.950				
Total Geral: 15.183				



O campus da UMC: mais de 15 mil estudantes distribuídos em 28 cursos

de fazer com que todos completem a travessia." Em 1983, 21 anos depois, alegando problemas de saúde, ele deixou a cidade – e a universidade – e foi morar em Fortaleza, onde, em 1986, elegeu-se mais uma vez deputado federal.

O perfil de Melo, tema central dessa edi-

O que pensam de Melo

“Um empreendedor extremamente ouvido e capaz. Como político, direcionou seu trabalho exclusivamente em favor da Universidade de Mogi das Cruzes.” **Maurício Najar, deputado estadual pelo PDS.**

“É o maior canalha que existe sobre a Terra. Ele chutou a todos que o ajudaram. Usava a casa da praia da gente, andava no carro da gente.” **Theóphilo Passos Salustiano, o Netinho, ex-diretor Administrativo da Faculdade de Engenharia.**

“Manoel Bezerra de Melo é um empre-

gador, é um depoimento onde o ex-padre usa de rara franqueza. Sobretudo no aspecto político. Diz, por exemplo, que deixou a Arena pelo PMDB ao perceber que ficaria na contramão da História. “Imediatamente aderi a Tancredo Neves”, confessa. Admite, sem meias palavras, que muda de comportamento antes das eleições que disputa. “Abraço todo mundo, não deixo de receber um só eleitor e sorrio tanto a ponto de chegar a ter dor nos músculos da face”, revela. Em Fortaleza, quando resolveu candidatar-se, precisava de algo para mostrar. Ergueu três colégios, montou uma creche e se elegeu. “Foi meu carro-chefe”, diz.

Morando num excepcional apartamento de 520 metros quadrados e US\$ 200 mil, na sofisticada Volta da Jurema, padre Melo rodeia-se de requintes que incluem uma central telefônica com dez ramais, a segurança de um edifício de granito negro que não tem portas para a rua e a vista deslumbrante de um mar que às vezes

é verde e no qual costumemente desfilam jangadas.

Figura controvertida, não há como negar a obra que fez em Mogi. E, principalmente, a revolução que ela desencadeou. É por isso que ele – também de maneira franca – diz que não há como escapar desta constatação: quem fala em Mogi fala em padre Melo. E vice-versa. É verdade. Bezerra de Melo deve abandonar o cenário de sonho onde vive agora para dar o retoque final em seu projeto mogiano. Vai voltar e com certeza candidatar-se a deputado federal. A longo prazo, a filha, Regina Coeli, que se prepara para ingressar na faculdade, deverá assumir a direção da Universidade, como pretende.

Aí então, terá chegada a hora do que poderia ser o ponto culminante da passagem de Melo por Mogi. A Prefeitura. Ele não nega. Ao contrário. “Depois de seis anos fora, acho que o povo está querendo a minha volta. Eu não fiz mal a Mogi. Eu fiz bem. Se o povo quiser, disputo a Prefeitura da cidade.”

Padre Melo vem aí.

endedor dinâmico, capaz e inteligente. Traça seus objetivos e os alcança. Não deixa nada para trás.” **Ernani Bicudo de Paula, diretor-presidente das Faculdades São Marcos e Faculdades Tibiriçá.**

“É um aventureiro, foi muito vivo. Não tem amigos.” **Carlos Augusto Ferreira Alves, o Carlito, diretor da Faculdade de Educação Física do Clube Náutico Mogiano.**

“Se ele traiu até Jesus Cristo, porque não iria traír o Alfredo Nahum?” **O autor da ironia, Alfredo Nahum, recusou-se a falar de Melo. Mas confirmou a frase acima.**

“Não acho nada dele. Não tenho opinião. Mal o conheci. Ele, uma vez, foi a um comércio na Capela, comigo. Só isso.” **Jair Ro-**

cha Batalha, advogado e ex-professor do Instituto de Educação Washington Luiz, onde lecionou com Melo.

“Conheço-o muito pouco. Apesar de eu ser contra a escola particular, ele fez uma obra importante. Como deputado é um político voltado para a classe dominante. Está no parlamento para defender esses interesses e não vejo mal nisso.” **Sônia Sampaio, vereadora do PT.**

“Uma pessoa pela qual tenho muita admiração. Estive, junto com meu pai, Nenê Lopes, na primeira eleição do padre Melo. Chiquito Franco, eu e meu pai que o colocamos na política. Depois nos afastamos. Ele ficou com o Waldemar.” **Jacob Lopes, empresário e político.**

ATO – Quando o senhor veio para cá?

MELO – Vim para Mogi no dia 1º de março de 1962, como coadjutor do vigário da Paróquia de Mogi das Cruzes, que era o cônego Roque Pinto de Barros. Vim a pedido do cardeal de São Paulo, dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, pois padre Roque estava muito doente. Eu era jesuíta, estava saindo da Companhia, da Ordem de Jesus, passando para padre secular – saindo da ordem religiosa para me encardinar na Arquidiocese de São Paulo.

ATO – O senhor logo começou a dar aulas, não é?

MELO – Fui procurado pelo diretor do Instituto de Educação, professor Maurício Chermann, que estava precisando de um professor de Ciências, Filosofia e de Francês. Comecei a dar aulas no Instituto em março de 62.

ATO – E as faculdades?

MELO – Naquele mesmo ano, nós começamos a trabalhar em um projeto para instalar a primeira faculdade de Filosofia da região leste. Aliás, da Grande São Paulo, pois fora da capital só existia a Faculdade de Direito de Santos e a Católica de Campinas, o resto era em São Paulo: USP, PUC e Mackenzie. Fomos os primeiros da interiorização do ensino no Estado. Fui indicado diretor e o Maurício secretário. O processo foi autorizado em 63 e, no ano seguinte, fizemos o primeiro vestibular.

ATO – E a Braz Cubas?

MELO – A Sociedade de Educação Braz Cubas nos pediu para ajudá-los na elaboração de um projeto de faculdade de Direito, o que foi feito juntamente com o doutor Plínio Boucault e o Bóris Grinberg. No final, chegamos à conclusão de que seria melhor uma das duas entidades ficar com a faculdade de Direito. A Braz Cubas ficou com a faculdade de Direito e nós com a de Filosofia.

ATO – Mogi estava começando a mudar.

MELO – Começou a mudar inteiramente. Pedimos cursos de Ciências, Matemática, Física e Química. Formamos dentro da faculdade de Filosofia um núcleo com características de Tecnologia e Ciências da Saúde. Em 67, pedimos as faculdades de Medicina e Engenharia, autorizadas no ano seguinte; em 68, foi a vez de Ciências Econômicas, Administração de Empresas...

ATO – Estava surgindo a Universidade...

MELO – Com esses cursos, na época ao redor de 15, partimos para a elaboração do projeto da Universidade. O projeto foi feito em 1970 e o reconhecimento saiu no dia 15 de março de 1973. Eu fui reitor da Universidade durante oito anos, depois veio o

professor Casimiro Ayres Cardoso e hoje a reitora é a professora Maria da Conceição Bernardo Silva, que foi uma das primeiras professoras da primeira faculdade.

ATO – Qual o cargo que o senhor ocupa hoje?

MELO – Sou o presidente da Organização Itogiãna de Educação e Cultura, a Omec, que é a mantenedora, e o presidente da mantenedora é o chanceler da Universidade, o cargo mais alto e que decide tudo, respeitada a autonomia universitária.

ATO – Vamos dar um corte agora e falar de política. Quando o senhor começou a atuar na política local?

MELO – Comecei em 1962, na eleição para governador, apoiando o Jânio Quadros, através do professor Jair Rocha Batalha, que trabalhava comigo no Instituto de Educação. Estive com Jânio certa vez na casa do professor Jair e ele prometeu, caso eleito, transformar-me em secretário da Educa-



Em 64, com o bispo diocesano dom Paulo Rolim Loureiro

ção. Ganhou o Adhemar de Barros e ainda ocupei o cargo de diretor substituto de Relações Públicas da Secretaria da Educação. Fui muito ligado ao Adhemar de Barros. Em 1966, resolvi candidatar-me a deputado federal e tive de pedir ajuda ao presidente

Em campanha, sorrio tanto que doem até os músculos da face

Castelo Branco para conseguir uma legenda. O Arnaldo Cerdeira, dono do PSP do Adhemar, dominava a política e não me dava chance. O Castelo Branco veio a Mogi inaugurar a Aços Anhanguera e falei com ele – era cearense e conhecido de minha família. Uma semana depois, o Cerdeira me ligou dando a legenda.

ATO – E como foi essa eleição?

MELO – Fiz campanha durante dois meses.

Não tinha dinheiro nem nada. Me lembro de um dos primeiros comícios, em Braz Cubas. Estávamos o Alfredo Nahum, um pipoqueiro e eu. O Alfredo Nahum era o introdutor dos comícios. Eu havia chegado há três anos, o povo me conhecia pelas faculdades, mas parece que não estava acostumado a grandes comícios como eu queria. Ao longo da campanha a assistência melhorou – começava com 100 pessoas e terminava com duzentas e poucas. Nos últimos comícios eu já conseguia reunir perto de mil pessoas. Parti também para o Interior, dormia nas casas paroquiais, pedia a ajuda do vigário e também dinheiro emprestado para a gasolina.

ATO – Qual a reação da cidade?

MELO – Os políticos de Mogi me ridicularizavam, achavam que eu era louco. Fiz dobradinha com Chiquito Franco, aqui de Mogi, que foi presidente da Assembléia Legislativa. Fui o penúltimo colocado, com

15.162 votos, e obtive em Mogi mais de seis mil votos; nenhum outro candidato, nunca, havia chegado a tanto para deputado federal. Fizemos uma grande passeata e passamos em frente à casa do Waldemar Costa Filho, meu adversário na época. Quando a caravana de carros passou, ele, da sacada, pôs a mão na cintura, como quem iria puxar uma arma. Mas foi só brincadeira. No começo eu ia para Brasília de carro, mas depois tive de optar pelo avião. Demorava três horas o voo no Viscount, a passagem era cara e o que a Câmara pagava não dava para cobrir, mas não tive outro jeito.

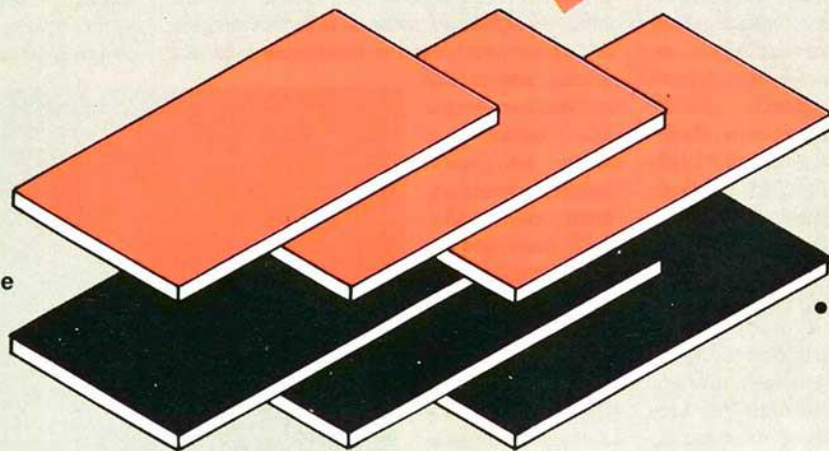
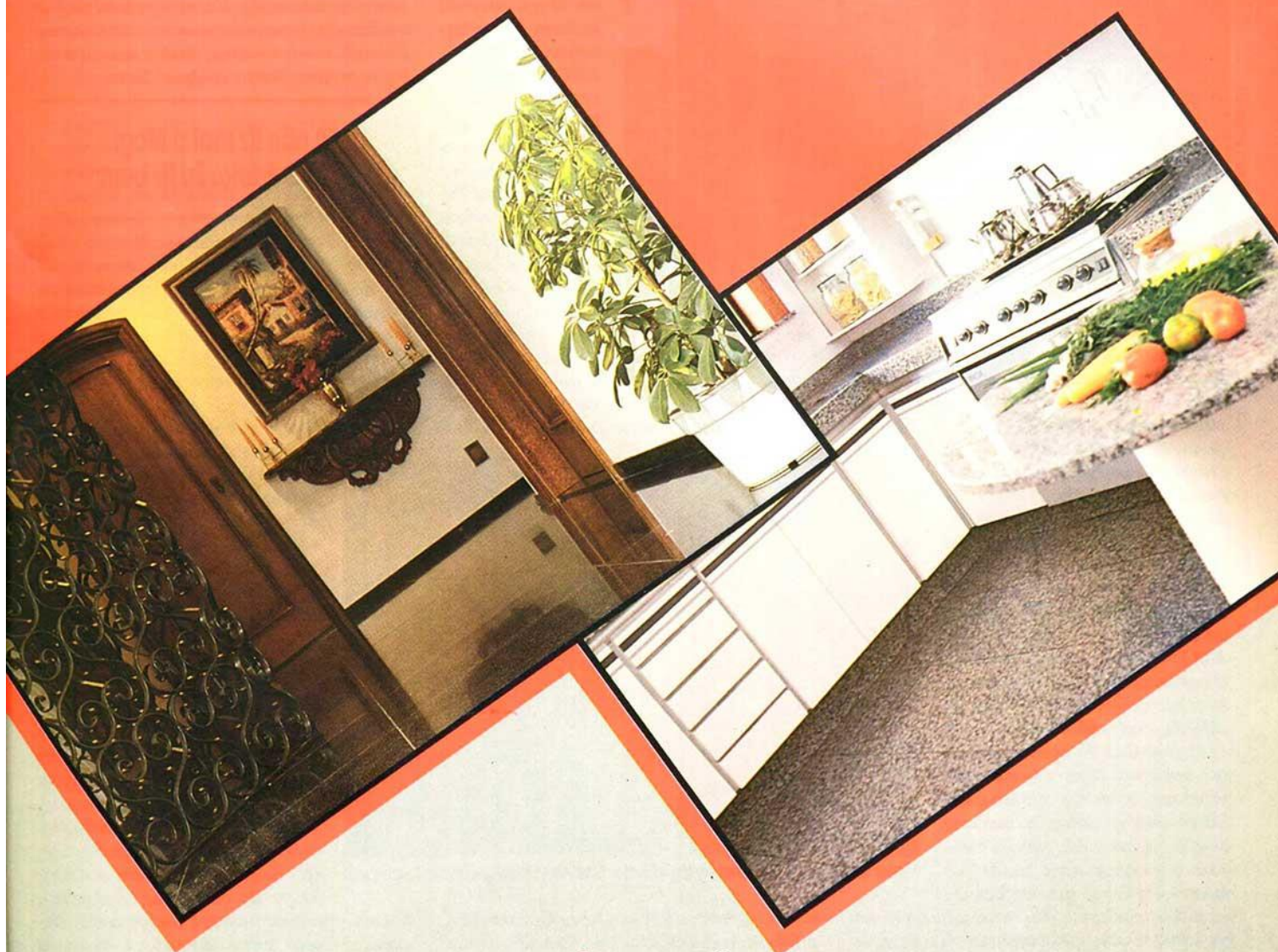
ATO – E as outras eleições?

MELO – Fui candidato novamente em 1970 e recebi mais de 40 mil votos. Na terceira eleição, em 1974, não fui feliz. A Arena teve aquele grande revés e eu também não pude fazer campanha, pois estava implantando o campus universitário e estava endividado até a raiz dos cabelos. Havia feito empréstimo externo via Banco do Brasil de US\$ 1,2 milhão e estava trabalhando de uma forma até braçal. Obtive ainda mais de 35 mil votos, mas me faltaram 270 votos. Peguei a terceira suplência. Voltei a disputar eleição em 78 e então fiz uma campanha planejada, para receber 100 mil votos. Comecei a trabalhar um ano antes e minha votação foi de 91.178 votos.

ATO – Ai o Waldemar já era um aliado político?

MELO – Era. Depois da minha primeira eleição, em 1966, nos aproximamos. Isso ocorreu depois dele ter renunciado ao cargo de vice-prefeito do Carlos Alberto Lopes. Em 67, quando ele saiu candidato a prefeito, fizemos um acordo. Eu o ajudaria

TUDO O REFINAMENTO E A CLASSE DO
GRANITO E DO MÁRMORE A SEUS PÉS.



- Grande variedade e estoque
- Arquitetos especializados à sua disposição

- Atendemos também todo o Litoral e Vale do Paraíba

MOGI MÁRMORE
a griffe em granito e mármore

RUA SENADOR DANTAS, 864 – M. CRUZES – FONE: (011) 469-8237



Noivo, em 71, Melo passeia com Maria Coeli em São Sebastião

a se eleger prefeito e ele me apoiaria nas eleições seguintes para deputado. Há poucos dias, conversando, Waldemar recordava e me dizia: "Não me esqueço do trabalho que você fez por mim na minha primeira eleição e nas demais. Amanhã, se você vier a se candidatar por São Paulo, não posso deixar de apoiá-lo. Na última eleição você me apoiou e tenho de apoiá-lo em todos os sentidos". O Waldemar para mim é um irmão.

ATO – O senhor seria eleito ainda uma vez por São Paulo, não?

MELO – Exato. Em 78 obtive mais uma vez votação expressiva, mas no final do mandato procurei o então governador Paulo Maluf para avisar que estava me mudando para o Ceará por problemas de saúde – o clima daqui me estava fazendo mal. Ele ainda me disse que a eleição era garantida, mas eu disse que não iria me candidatar. "Vou fazer uma pausa, governador. Uma mudança nessa altura da minha vida, tenho quase 60 anos, não é brincadeira. Vou levar a minha família, terei de voltar muitas vezes a Mogi por causa da faculdade, não dá para me candidatar". Mudei-me em dezembro de 83 e voltei a pensar na Câmara Federal nas eleições de 1986. Candidatei-me pelo PMDB do Ceará e fui eleito com a terceira maior votação, quase 58 mil votos.

ATO – Agora, parece que o senhor está voltando para Mogi, inclusive deve candidatar-se novamente por São Paulo, não é?

MELO – Acredito que minha reeleição pelo Ceará não se dará. Se continuar na política prefiro me candidatar por São Paulo. Há um pedido grande de minhas bases paulistas para isso. Então, estou tendendo a me candidatar por São Paulo, até porque encontro em Mogi das Cruzes na pessoa do Waldemar e dos vereadores um apoio muito

obrigação era apoiá-lo, pois se tratava do candidato do partido. Eu até o chamo de comandante, de Varão da República, ele é realmente um grande estadista, foi o ho-



Melo e Maria Coeli na festa de 3 anos de Regina, que...

mem que realmente fez a nova Constituição.

ATO – E a sua eleição pelo Ceará?

MELO – Quando comecei a trabalhar para a candidatura comecei também a fazer algumas coisas. Na minha terra, onde não havia feito nada, não havia nenhuma obra política minha. Resolvi fazer um colégio gratuito para 500 alunos, com a ajuda de pessoas abastadas, de amigos da minha família. Construí o colégio e fiz uma escola de primeiro e segundo graus, à qual dei o nome de Manoel Mano, meu pai. Ele se chamava Manoel

grande. Provavelmente morarei em São Paulo, com minha família, mas estarei muito em Mogi, onde até já comprei apartamento.

ATO – O senhor apoiou o Ulysses...

MELO – Foi uma questão de coerência, até de dignidade. Era o candidato do meu partido. Durante a convenção, estava com Íris Rezende, mas quando Ulysses ganhou, a

Bezerra Lima, mas era conhecido como Manoel Mano. O colégio funcionou muito bem no primeiro e no segundo ano, mas em virtude do aumento muito grande dos salários dos professores e funcionários – e também por motivos políticos – resolvi doá-lo ao Estado, porque o governo não tinha em Crateús, a minha terra, onde construí o colégio, prédios bons e colégios bons.

Eu não fiz mal a Mogi. Ao contrário. Eu fiz bem

ATO – O colégio foi a arrancada...

MELO – Mas fiz mais. No bairro mais pobre de Fortaleza, o Pirambu, construí uma creche para 30 crianças, que não tem o meu nome, mas todo mundo sabe que fui eu quem fez. Com verbas e convênios com o Estado e LBA nós a mantemos. Comprei também um colégio que estava para fechar, o Ruy Barbosa, por um preço abaixo do mercado. Reformado, ele é hoje um bom colégio para a classe média para baixo. Dá bolsas, tem um bom ensino e sua renda equilibra com as despesas. Fiz também um colégio na área nobre da cidade, o Capital, no bairro da Aldeota, para famílias mais ricas. Tem uma pedagogia avançada, não é um colégio para muitos alunos, o atendimento é praticamente personalizado. No 1º grau menor e alfabetização são 20 alunos; no 2º grau nunca mais de 40; e no 3º grau, nunca mais de 50. Não é um colégio que visa lucro; é para formar e educar a elite de Fortaleza. Essas obras foram o carro-chefe da campanha. Percorri o

Estado, que é pequeno, e usei muito a televisão. Fiz um vídeo de tudo e assim fui eleito.

ATO – Vamos falar de sua formação reli-

giosa, não é?



...em agosto último, em Fortaleza, comemorou 17 anos

giosa. Como é que ela começou?

MELO – Eu sempre tive vontade de ser padre. Em Crateús, minha cidade, fui coroinha durante seis anos. Aos 14, entrei no seminário de Sobral e passei três anos lá, sempre como primeiro aluno. Senti, em seguida, estar vocacionado para ser jesuíta e parti para a Escola Apostólica dos Jesuítas, em Baturité, também no Ceará, isso em 1943. Fiz dois anos de noviciado, estudando Letras Clássicas, e depois fui para Nova Friburgo, no Rio, onde passei pelo que eles chamam de Curso de Ciências, com especialização em Matemática, Física, Química e Biologia. O próximo passo foi a cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, para três anos na Faculdade de Filosofia dos Irmãos Maristas, de onde saí para o magistério, que eu teria de exercer por três ou quatro anos, o que cumprí em Baturité, Ceará, depois Colégio Nóbrega, no Recife. Nesses locais, lecionei Matemática, Francês e Filosofia.

ATO – Um aprendizado muito longo...

MELO – Mas tem mais ainda. Concluída a etapa do magistério, dirigi-me novamente ao Rio Grande do Sul, em São Leopoldo, para fazer o curso de Teologia, de três anos. No terceiro, por motivos de saúde, mudei-me para o Recife, onde concluí essa etapa. Retornei então ao Rio Grande do Sul, e ordenei-me padre no ano de 1958. Segui para Buenos Aires a fim de concluir a formação teológica, com uma especialização em Direito Canônico. Voltei em 1960 e fiquei no Rio de Janeiro, lecionando no Colégio Santo Inácio, dos jesuítas, por dois anos...

ATO – Nessa época é que veio para Mogi, não?

MELO – Exato. Por motivos próprios, pessoais e particulares resolvi sair da ordem dos jesuítas e ingressar – ou reingressar – na vida de padre secular, porque havia co-

meçado por um seminário de padres seculares. Naquela ocasião, vim do Rio para São Paulo e me apresentei ao cardeal Carmelo de Vasconcellos Motta.

ATO – E foi fácil o contato com o cardeal?

MELO – Eu não tinha entrevista marcada com ele e fiquei das 3 às 5 da tarde esperando uma vaguinha. Consegui falar com o cardeal numa tarde de fevereiro de 1962. Quando entrei na sala o cardeal olhou para mim e disse: “Padre, o senhor caiu do Céu!”. Eu respondi: “Mas o senhor



Em 66, com Nahum, Carvalho Pinto e Carlos Alberto Lopes

disse: “Mas eu nem sei onde é Mogi das Cruzes...”. “Não se preocupe, eu lhe ensino. Amanhã você pega as malas, vai para a Estação do Norte...”. Bom, a verdade é que eu ainda passei algum tempo em São Paulo. O cardeal me pediu para observar um movimento de contestação que estava surgindo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e eu fiquei...

ATO – Estava-se vivendo a antevéspera da Revolução de 64...

MELO – Já havia clima de revoltas, de baixos salários, falta de alimentação, falta de mão-de-obra. O Jango havia retornado da viagem à China para assumir a Presidência em substituição ao Jânio, que renunciara e o clima do país era péssimo, principalmente nas escolas e universidades. Então fui para a PUC e achei até uma experiência interessante. Fiz o seguinte relatório

ao cardeal: estava vindo uma revolução em massa, pois assistíamos à desestabilização política da sociedade. Depois disso, peguei duas malas, uma de roupas e outra de livros, e vim para Mogi.

ATO – Cônego Roque Pinto de Barros ainda estava na ativa...

MELO – Estava, apesar de bastante combatido. Mas ele não queria deixar de tra-



O primeiro mandato de Melo como deputado federal, em 67

não me conhece, não sabe nem se sou padre!”. “Sei só pelo seu jeito!”, respondeu. Pegou-me pelo braço, convidou-me para jantar e perguntou o que é que eu queria.

Disse que desejava me encardinar na Diocese de São Paulo e poderia para isso oferecer cartas de recomendação. “Não, absolutamente. Sei que você é uma pessoa muito boa e vai ficar comigo. Estou precisando de um padre em Mogi das Cruzes e amanhã você vai para lá”.

ATO – Foi assim que tudo começou...

MELO – Eu ainda

Se a Igreja permitisse, eu voltaria a atuar como padre

balhar. Apresentei-me, disse que era novato, sem experiência, mas que em pouco tempo aprenderia.

ATO – O senhor morava onde?

MELO – Na paróquia, atrás da catedral. Fazia refeições na casa vizinha, de dona Alice Franco. Depois vem aquela parte da história que já contei. Ainda em 62, no dia 16 de junho, fundamos a Omec e no dia 3



Em campanha na cidade paulista de Pacaembu, há 11 anos

de setembro ocupei o prédio da Senador Dantas, onde hoje está o Colégio São Marcos, do Ernani Bicudo de Paula. Era um prédio antigo e quando chovia a água escorria pela escada. Fundei a Omec com o Maurício Chermann, doutor Limongi Sobrinho, Luiz Beraldo de Miranda... Para minha surpresa, o colégio lotou. É que o pessoal já me conhecia pelos sermões, eu era novo, tinha muita facilidade de expressão e falava de uma maneira muito moderna para a população. Escrevia uma coluna semanal no **Diário de Mogi** chamada Diálogo, com fotografia e tudo, onde falava de psicologia, pedagogia etc. Além disso, dava aulas no Instituto de Educação. Em 64 já veio a primeira faculdade e a coisa evoluiu até que compramos a área onde está hoje o campus universitário. Compramos a área da Prefeitura, que recebeu em doação da USP, que por sua vez recebera em doação de Ya-Ya Mello Freire. O prefeito era o Waldemar, que vendeu o terreno para mim e para a Braz Cubas, com um pagamento inicial e o restante em 12 anos. Creio que tanto nós como a Braz Cubas liquidamos antes. Eu porque precisa ter a escritura para dar o terreno em garantia num emprés-



Década de 80, com o ministro Eduardo Portela, da Educação

timo, junto ao Banco do Brasil, de US\$ 1,2 milhão.

ATO – A sua vida religiosa segue até quando?

Eu e o Waldemar estamos juntos desde 1966. Ele é meu irmão

MELO – Fui vigário até 1970. Alguns meses antes disso, dirigi-me ao bispo dom Paulo Rolim Loureiro e fui franco: “Senhor

bispo, eu acho que preciso me casar; eu não tenho ninguém ainda, não namoro, sou um padre responsável e vou continuar assim até que chegue minha licença para casar. Af direi nos meus sermões que vou-me desligar da Igreja”. Dom Paulo achou muito interessante minha franqueza e seis meses depois, Roma mandou a autorização.

ATO – E como foi a partir disso?

MELO – Bom, eu precisava escolher uma moça e então fui para a Igreja com o documento na mão. Fiz um sermão sobre o celibato, dizendo que não estava disposto a continuar celibatário. Eu queria casar. Não me lembro

do dia, mas sei que o anúncio foi feito no sermão da missa das 6 da tarde, num domingo. O povo ouviu com naturalidade. Jamais fui hostilizado, tanto que nas minhas campanhas, uso o padre Melo nas propagandas. Todo mundo me conhece por padre, meus amigos inclusive me chamam de padre Melo. Outro dia o Waldemar espantou o governador quando, falando de mim, chamou-me de padre. “Mas o senhor o chama de padre”, quis saber Quércia. “Lá em Mogi todo mundo chama o padre de padre”, respondeu o prefeito.

VENHA SE DELICIASAR...



Av. Narciso Yague Guimarães, 786 - Tel. (011) 460-3206 - M.Cruzes - SP.



ABERTO DE 3ª A DOMINGO

RODÍZIO DE FRUTOS DO MAR
TODAS AS SEXTAS-FEIRAS
DAS 11:00H ÀS 15:30H.
E A PARTIR DAS 18:00H.

ACEITAMOS TODOS OS
CARTÕES DE CRÉDITO

SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN



SSTEIN[®]

JOALHEIROS

R. DR. PAULO FRONTIN, 63 - FONE: (011) 469-0700 - M. CRUZES - SP
Estacionamento grátis no Central Park à r. Senador Dantas, 120

Gold Finger

JOALHEIROS

SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN
SSTEIN

Gold Finger

Gold Finger

Gold Finger

Gold Finger

Gold Finger

Gold Finger

Gold Finger

Gold Finger

Gold Finger



R. ALFREDO SCHURIG, 77 - JACAREÍ - SP
TEL.: (0123) 51-7949

R. XIV DE NOVEMBRO, 295
S.J. CAMPOS - SP - TEL.: (0123) 22-2666

R. MARTINIANO, 77 - GUARATINGUETÁ - SP
TEL.: (0123) 22-3086

EM BREVE NO SHOPPING
GUARATINGUETÁ

ATO – Afí o senhor começou a namorar...

MELO – Apaixonei-me naquela ocasião por uma aluna minha, uma menina aqui de Mogi que não vou dizer o nome. Me apaixonei e fiquei noivo. Não deu certo. Fiquei então noivo de outra aluna, já de mais idade, mas também não deu certo. A terceira, com a qual estou casado, era cearense e eu a conheci quando fui visitar meus pais, doentes no hospital. Ela também fazia uma visita. Uma moça muito bonita, vistosa, professora, culta e inteligente. Olhei para ela e disse: "Eu vou me casar com você". Foi amor à primeira vista. Ela levou um susto enorme. Depois de sete meses de namoro, casamos no civil, em Mogi, no dia 25 de setembro, e no dia 2 de outubro, no religioso, no Rio de Janeiro. Apesar de casado, apoio a idéia de o padre casado poder voltar às funções sacerdotais. Até formamos uma associação, nacional, a Rumos. Eu voltaria e teria até, talvez, mais fé. Sou um homem mais experiente. Hoje prestaria orientação melhor à sociedade e à família.

ATO – O senhor chegou a ter problemas com o casamento, não foi?

MELO – Recebi recomendações do Vaticano para que casasse numa igreja isolada, com a presença só de familiares, sem publicidade. Recomendaram ainda que me afastasse de Mogi das Cruzes, mas ponderei com dom Paulo que isso seria impossível, por causa de minhas faculdades. Casei-me na igreja São José da Lagoa, no Rio, só com a presença de familiares. No Rio, ao chegar para o casamento, também recebi recomendações do cardeal Eugênio Salles para que tudo fosse discreto, sem publicidade.

ATO – O senhor chegou a defender o divórcio...

MELO – Defendi, mas só para não católicos. Foi muito criticado por isso e o cardeal arcebispo de São Paulo, na época dom Agnelo Rossi, me chamou para que explicasse o pronunciamento que fizera na Câmara, em Brasília.

ATO – O senhor é uma pessoa conservadora?

MELO – Não me considero, porque sempre defendi posições que não tinham nada de conservadoras. Posso ter sido num passado muito distante. Tenho sido sempre um homem de posições avançadas. Tanto na Igreja como ensinando em Mogi das Cruzes, no Instituto de Educação, no começo dos anos 60, quando eu, padre, já falava de educação sexual para os alunos. Em 1963, fui o primeiro padre de São Paulo a desfilar num aniversário da cidade em trajes civis. Um escândalo na Igreja. Por causa de atitudes como essa, fui chamado a São Paulo várias vezes, uma delas porque estava dan-

çando no Clube de Campo. A sociedade não me censurava por isso.

ATO – O senhor não teve problemas no seminário?

MELO – Muitos. Sempre fui teimoso e no seminário já defendia o casamento para os padres. Tive discussões muito sérias com meus superiores. Minha ordenação como

Percebi que ia ficar na contramão. Aderi a Tancredo

sacerdote, no Rio Grande dos Sul, foi questionada por causa das minhas idéias. Eu, por exemplo, defendia que os seminaristas deveriam ter acesso ao rádio, TV, jornais e revistas. Fui transferido da Escola Apostólica dos Jesuítas, em Baturité, porque meu superior julgava-me muito avançado e me mandou para o Colégio Nóbrega, do Reci-



FOTOS DO ARQUIVO PESSOAL

Em 65, o padre apresenta seu projeto de universidade



Inaugurando a estação dos estudantes

fe. Tinha absoluta convicção de que o religioso deveria estar em sintonia com a sociedade, viver dentro do mundo e não fora dele.

ATO – O senhor foi vaiado ao votar a anistia...

MELO – Fui vaiado por esquerdistas que estavam nas galerias e queriam uma anistia ampla, geral e irrestrita, não aquela que o governo estava propondo, que era a anistia possível, um começo para as mudanças que estavam vindo e agora estão aí.

ATO – O senhor também votou pelas diretas já. Como foi isso?

MELO – Votei pelas diretas porque passei do PDS para o PMDB. Daí para cá sou um homem muito mais aberto, condescendente. Hoje, por exemplo, aceito o protesto, a manifestação de professores e alunos. Hoje não enfrento como antes. Minha universidade está aberta, qualquer um pode falar lá, mesmo um comunista. Jânio, Montoro, Maluf já foram. Quem ainda não se interessou foi o Lula, mas é só querer.

ATO – Certa vez o senhor proibiu dois peemedebistas, Fernando Moraes e Audálio Dantas, de falarem para os alunos...

MELO – É verdade. Mas eu então era do PDS e estava lutando para me eleger. Eles iriam fazer campanha dentro de meu colégio eleitoral, pois considero a universidade um dos meus principais colégios eleitorais.

ATO – O senhor chegou a expulsar quatro alunos da universidade...

MELO – Quatro não, um apenas. Mas foi por uma atitude de rebeldia total desse aluno. Contra o regimento interno. Não havia outra saída.

ATO – Como se deu sua passagem do PDS para o PMDB; o senhor percebeu que iria ficar na contramão?

MELO – É, percebi que iria ficar na contramão. Imediatamente aderi ao Tancredo e me engajei completamente na luta. Apoiei também o Tasso Jereissati na campanha para o governo do Estado. Ele estava lutando contra os coronéis que sempre mandaram no Ceará. O homem tem de mudar. Antes de morrer, o homem tem de mudar. Principalmente o político. Para mim teria sido muito fácil eleger-me deputado federal pelo outro lado, o PFL do coronel Adauto Bezerra, por exemplo.

ATO – Vamos falar dos seus inimigos. Parece que o senhor os tem em Mogi em número razoável. Vários deles eram seus antigos aliados, como o Alfredo Nahum, Netinho Salustiano, Carlito Ferreira Alves...

MELO – O Carlito foi briga de política. Os outros foi mais por uma questão de não ter dado a eles um status melhor. Eles me aju-

daram, é verdade, mas não chegaram a ser peças decisivas na elaboração do meu projeto. Talvez tivessem uma visão mais estreita, quem sabe...

ATO – O que se diz é que essas pessoas o ajudaram e o senhor as abandonou no meio do caminho. Isso não o incomoda? Afinal, passa uma forte sensação de ingratidão.

MELO – Isso não me faz mal porque é humano. Você não pode carregar todos os que colaboram com você durante todo o tempo. No meio do caminho há pessoas mais engajadas, que colaboram mais. Meu projeto em Mogi ainda é muito grande, a universidade não é estática e vai procurar se integrar cada vez mais na comunidade. Isso representa uma metamorfose e talvez venha a criar outros problemas do tipo.

ATO – Nesse projeto está a provável candidatura a deputado federal por Mogi. A Prefeitura também está nos seus planos?

MELO – Tudo isso está dentro de um esquema político global. O político deve sempre observar um contexto, ver o que a sociedade, o que o povo quer. Se sentir que o povo vai me prestigiar, não tenho dúvida de que me candidatarei a prefeito.

ATO – O senhor não sente existir na cidade uma certa rejeição ao seu nome?

MELO – Concordo que a imagem era ruim, havia muita maledicência, coisa natural numa cidade pequena como Mogi. Mas isso ficou para trás. Depois que eu saí, senti um anseio muito grande do povo para que eu voltasse. Eu não fiz mal a Mogi. Eu fiz bem. Mudei a cidade, a mentalidade, o ângulo pelo qual a cidade era vista. Toda vez que alguém fala em Mogi lembra do padre Melo. Toda vez que se fala do padre Melo, lembra-se de Mogi. A história de Mogi não se faz hoje sem o padre Melo. Não há como esquecer-lo. Acho que os problemas ocorridos devem-se à franqueza humana. Afinal, tive uma rápida ascensão como deputado, como homem. Então tudo tem relação com a inveja, com as minhas posições avançadas, cultural, social, moral e educacionalmente falando.

ATO – Isso então...

MELO – Me dá o direito de pensar que Mogi me quer de volta. Isso vai depender da minha filha. Se ela vier mesmo morar em Mogi para assumir a universidade, como diz que fará, eu me engajaria novamente na política mogiana.

ATO – Por que, então, o senhor nunca tentou a Prefeitura?

MELO – Por que eu não vislum-



FOTOS LAILSON SANTOS

Em Fortaleza, Melo construiu três colégios, que atendem a...



...várias classes sociais: Rui Barbosa,...



...Manoel Mano e o Capital, que inclui um centro esportivo

brei esse apoio do povo. Hoje eu vislumbro. E a minha saída de Mogi foi muito importante para que isso ocorresse. Acho que o povo sentiu a minha ausência. Eu deixei rastros profundos. Onde quer que você vá, deixa sempre pegadas. Seja contra, seja a favor.

ATO – Uma espécie de opinião formada sobre o senhor é em relação aos gastos que tornaram possíveis suas eleições...

MELO – Gastar todo mundo gasta. Quanto mais tem, mais gasta. Minhas eleições não foram fruto de poder econômico, mas da simpatia do candidato. Eu sou um homem simpático numa campanha, podendo até

ser antipático fora dela. Abraço a todos. Até os morféticos. Sempre fui ao Sanatório Santo Ângelo abraçar os leprosos. Eu tomo cachaça na esquina com cara que está bêbado. Eu me misturo ao povo. Não ataco nenhum adversário. Não me preocupo com eles, preocupo-me com minha eleição.

ATO – Agora mesmo no Ceará, o senhor sofreu ação por abuso de poder econômico...

Confio no meu taco, na sorte e em Deus. As soluções aparecem

MELO – Foi tudo coisa de um ex-deputado federal, Haroldo Stanford, do Ceará, que fez a acusação. A ação foi julgada pelo Tribunal e eu ganhei de 10 a 0. Ele gastou muito mais do que eu e não se elegeu. Se eu quisesse seria deputado federal até o final de minha vida. Durante um ano antes eu não deixo de atender um só eleitor. Faço questão. Não sou uma pessoa sorridente durante o tempo todo, mas durante um ano os músculos da minha face, eu me lembro, doíam de tanto que eu sorria. Os meus princípios eu não mudo; o secundário, sem dúvida, mudo. O político tem de ser acessível. Se eu falo num auditório ou num comício, eu convenço. Minhas atitudes refletem uma decisão interior.

ATO – Como o senhor convive com a constatação de ser um ex-padre e um ex-padre milionário?

MELO – Nunca tive interesse em ficar rico. Educar é uma missão que Deus me deu. As soluções sempre apareceram. Eu nunca tive dinheiro nos momentos em que resolvi construir cada um dos prédios do campus. As soluções apareciam. De repente, aumentava o número de candidatos ao vestibular. Se eu fosse

esperar para ter dinheiro, jamais teria construído o campus.

ATO – E a sua prisão, pela Aeronáutica, às vésperas de um vestibular, sob a acusação de venda de vagas na Medicina?

MELO – Foi um episódio terrível. O chefe do escritório da Omec em São Paulo, o doutor Saiani, percebeu que poderia negociar as vagas na Medicina para alguns candidatos. Eu não tinha porque duvidar daquele funcionário, sempre fora correto. Alguém denunciou, a polícia constatou a venda da vaga, mostrando-se interessada em comprar uma, e o pessoal da Aeronáutica, numa certa manhã, veio a Mogi. Eu rigorosamente não sabia de nada e o país vivia aquele momento de fechamento, com as famosas Comissões Gerais de Inquérito.

ATO – O senhor foi preso, não foi?

MELO – Tive meus direitos de cidadão afrontados. Um coronel me deu ordem de prisão e não me explicava o motivo. Apenas que eu seria levado para Cumbica e lá seria mantido incomunicável. Tentei com jeito saber do que tratava até que estourei. Não ia para Cumbica no carro da Aeronáutica e, apesar de padre, mandei o coronel a p.q.p.,

esbravejando pela atitude arbitrária e violenta. Minha raiva não passou ao chegar a Cumbica, onde fui colocado frente a frente com o tal de doutor Saiani – ele disse aos

Se o povo quiser, eu vou disputar a Prefeitura de Mogi

militares que eu não sabia de nada. Solto, entrei em contato com o ministro da Educação, Jarbas Passarinho, de quem exigi duas coisas: primeiro, uma rigorosa investigação

para que fossem identificados os culpados; segundo, que ele distribuisse, ao final, nota oficial informando os resultados. Não se chegou a nada além da culpa do chefe do meu escritório em São Paulo e o ministro divulgou a nota isentando a Omec e a mim.

ATO – Quanto vale a universidade hoje?

MELO – Acho que a universidade, o patrimônio, deve ser avaliado em dólares, pois em cruzado não tem mais sentido. Acho que uns US\$ 100 milhões, assim por alto. Eu não sou especialista nesse tipo de cálculo.

ATO – O senhor se considera um homem de sorte?

MELO – Sempre confiei no meu taco, na minha sorte e em Deus. Para iniciar o ginásio da Omec tomei emprestadas carteiras que as freiras não queriam mais. Para reformar o prédio, pedi empréstimo ao gerente do banco Inco. Eu não tinha cadastro no banco. Lembrei para o gerente que o filho dele estudava lá e que sem dinheiro eu iria fechar o colégio. Consegui o empréstimo. Comecei com a cara e a coragem. O povo dizia que eu cheguei a Mogi puxando a cachorrinha. Com uma não atrás e outra na frente. Quando eu tenho um projeto, vou até o fim.

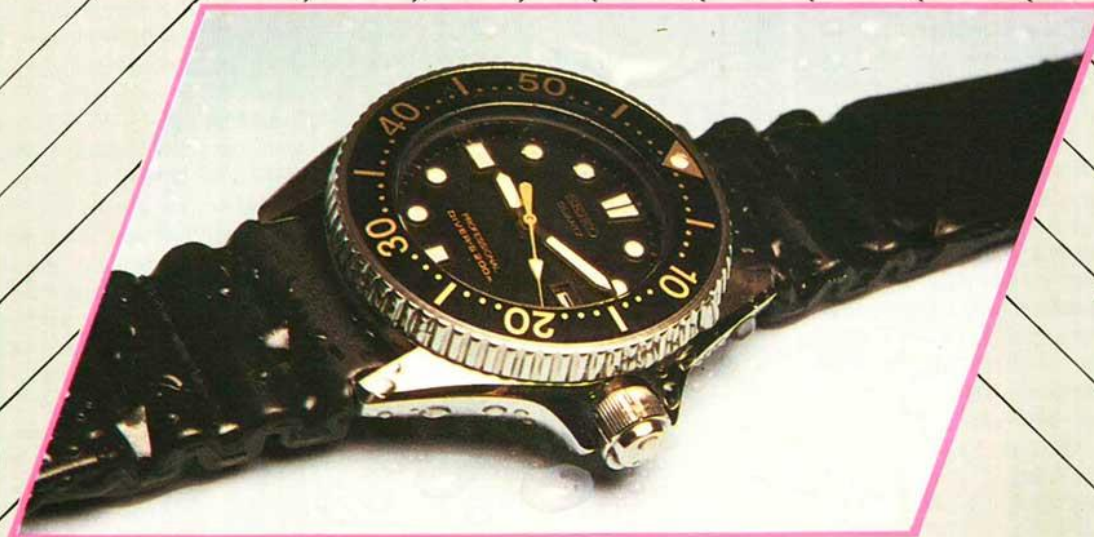
Entrevista a Fernando Leal



LAILSON SANTOS

Bezerra de Melo: respeito à autonomia da Universidade

SEIKO



VOCÊ SABE
QUE É O MELHOR



RUJIBI



R. DR. DEODATO WERTHEIMER, 1330 – FONE: (011) 469-1599 – M. CRUZES
R. DR. DEODATO WERTHEIMER, 1277 – FONE: (011) 469-1624 – M. CRUZES
R. GAL. FRANCISCO GLICÉRIO, 360 – FONE: (011) 476-1698 – SUZANO

SUPERMERCADO
IGOM

O ATENDIMENTO ESPECIAL
QUE VOCÊ MERECE



**PREÇOS
INCOMPARÁVEIS**

Venha e Comprove!

Av. Getúlio Vargas, 174 – Tel. (011) 469-3060 – M. Cruzes
R. Dr. Deodato Wertheimer, 3.963 – Tel. (011) 469-8613 – M. Cruzes
Av. Expedicionários, 1179 – Tel. (011) 466-0938 – Arujá

Pela contra-mão

A meio caminho das três maiores montadoras de veículos, sobrevive em Caçapava uma fábrica de carros de boi

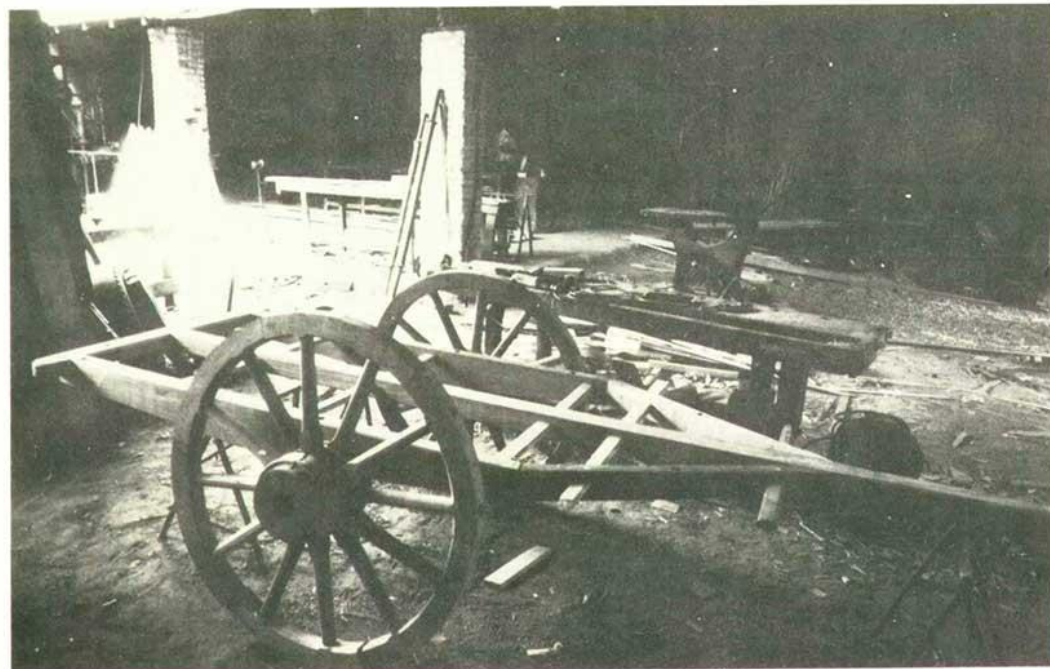
Vizinha às principais indústrias montadoras de automóveis instaladas no Vale do Paraíba, sobrevive uma fabriquetada centenária, especializada na produção de um veículo bem diferente dos que são produzidos pela General Motors, em São José dos Campos, Ford ou Volkswagen, em Taubaté. É a Carpintaria Irmãos Tozetto, um galpão de 1,5 mil metros quadrados, de cuja linha de montagem saem até dois carros de boi por semana. Um tipo de carro que, ao contrário dos produzidos nas indústrias vizinhas, permanece inalterado há séculos, com suas duas rodas de madeira, o "gemido" que faz ao andar, puxado por uma ou duas parrelhas de bois.

"Não conseguimos atender todos os pedidos", garante João Tozetto, 57 anos, que, com seus irmãos Roberto e Alberto, é dono da carpintaria, instalada no centro de Caçapava. Uma lista de fazendeiros e sitiantes interessados comprova a afirmação de João. "Tem tanta gente interessada que, às vezes, o primeiro da lista, ao receber o carro, até vende para os últimos com ágio, dependendo da pressa de cada um", afirma. Cada carro de boi, a preços de outubro, custava entre NCz\$ 1,7 mil e NCz\$ 2,2 mil.

A produção dos Irmãos Tozetto é mais ampla — ali são fabricadas carroças e charretes. Batizada como Irmãos Tozetto há 40 anos, a carpintaria foi aberta no sé-



Os Tozetto na linha de montagem da fábrica



A fabriquetada dos Tozetto tem capacidade para produzir até dois carros de boi por semana

culo passado pelo avô, Pedro Tozetto, que veio para o Brasil com 18 anos, deixando a Itália em plena lua-de-mel — como gosta de contar Alberto, 61 anos, o mais velho dos irmãos.

CAFÉ COM LEITE — A chegada de Tozetto da Itália coincidiu com uma grande transformação no Vale do Paraíba, até então uma região produtora de café, rica, cheia de viscondes e barões que dominavam a política brasileira. Ao mesmo tempo que Tozetto assentava-se no Vale, o café, na época uma cultura nômade, caminhava para o oeste do Estado e atingia o norte do Paraná. No seu rastro ficou um punhado de "cidades mortas", como as denominárias, anos mais tarde, Monteiro Lobato.

Pedro Tozetto não se deu por vencido. Trabalhou muito e sua carpintaria sobreviveu, esperando uma nova virada econômica na região. Isso aconteceu com o leite — o Vale do Paraíba virou a maior bacia leiteira do país, abastecendo os dois maiores centros da recém-proclamada República, Rio e São Paulo. Com o leite, veio a sobrevivência do carro de boi: de veículo transportador das sacas de café, passou a transportador dos latões de leite. "Antes do vovô morrer, meu pai, Basílio Tozetto, assumiu a carpintaria", relembra Roberto, 60 anos, que começou a trabalhar fazendo traquinagens, ainda criança, na carpintaria.

TRADIÇÃO EM PERIGO — Essa tradição de três gerações, entretanto, pode acabar em breve. Não por falta de encomendas (essas não faltam), mas porque os filhos dos irmãos Tozetto não querem assumir a oficina. João, Roberto e Alberto têm 12 filhos, cinco deles homens. Dos cinco, quatro trabalham em indústrias em São José e Taubaté. O outro é patrulheiro rodoviário. Nenhum deles sequer pensou em fabricar um carro de boi.

Seria o fim de uma tradição centenária. Na carpintaria, os Tozetto ganharam e ganham a vida, criaram os filhos e compraram suas casas. Eles não escondem a mágoa pela iminente quebra da tradição. Reconhecem que os filhos e sobrinhos "seriam loucos" se largassem seus empregos e assumissem a carpintaria. Mas, no fundo, torcem para que alguém faça essa sábia loucura.

Flávio Néry



**ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA PELO INSTITUTO
DE PESOS E MEDIDAS DE SÃO PAULO.**



LINHA COMPLETA EM EQUIPAMENTOS PARA:
COZINHAS INDUSTRIAIS,
RESTAURANTES, HOTÉIS, HOSPITAIS,
BARES, LANCHONETES,
AÇOUGUES, CONFEITARIAS,
PIZZARIAS, CHURRASCARIAS.



EQUIPAMENTOS:
FOGÕES, FORNOS, FRITADEIRAS, COIFAS,
DESCASCADORES, LIQUIDIFICADORES,
CORTADORES DE FRIOS, BATEDEIRAS,
BALANÇAS, REFRIGERADORES E GELADEIRAS.
MANUTENÇÃO E REFORMAS.

**AV. 23 DE MAIO, 400 — VL. MARIA — TEL. (0123) 22.5468 E 22.0408
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS**

O melhor da pré-escola agora também no 1º grau



Considerado por muitos especialistas como pré-escola modelo da região, o **Colégio Joana D'Arc de Mogi das Cruzes** vem a cada dia dinamizando ainda mais o seu sistema educacional, com o objetivo de sempre alcançar um melhor desenvolvimento científico da criança e assim melhor prepará-la para uma sociedade da qual é reprodutora dos valores e ideais de cada um.

Sobre esse aspecto, a pré-escola passou a ser ainda mais importante, porque a criança de hoje já não tem mais a rua para jogar sua "bolinha de gude" ou o quintal para riscar sua "amarelinha". Daí a importância da pré-escola, onde através de jogos ludo-pedagógicos a criança desenvolve suas potencialidades, recebendo aulas de natação, ballet, psicomotricidade, música e alfabetização, preparando-se para o 1º grau.

MUITAS ATIVIDADES – A motricidade, quando pedagogicamente orientada, proporciona o trabalho de todos os itens influentes nos movimentos esportivos e cotidianos, proporcionando assim o aumento das potencialidades individuais e coletivas nos aspectos motores, psíquicos e fisiológicos.

Este trabalho deve ser iniciado na idade pré-escolar, entre 4 a 7 anos, período em que a criança tem o seu desenvolvimento motor em fase de aperfeiçoamento e, conseqüentemente, adquire as suas primeiras combinações de movimentos.

EDUCAÇÃO MUSICAL – Cabe à educação musical propor o que fazer e como fazer para desenvolver a linguagem sonora ou musical. Para isso coloca à disposição das crianças atividades que envolvem o som e o ritmo, como aulas de piano, estimulando a discriminação auditiva, o senso rítmico e a expressão vocal.

BALLET E NATACÃO – O objetivo do ballet é dar reconhecimento do espaço para a criança, procurando aprimorar seu condicionamento fís-

sico e o desenvolvimento de técnicas de passos e de postura, como o clássico.

Já a natação tem dado enorme contribuição para o desenvolvimento psico-motor da criança, através de jogos e atividades aquáticas. A eficácia dessa atividade no aprendizado é comprovada por especialistas, devido ao fato de a natação criar situações em que a criança é levada ao raciocínio e conseqüentemente a uma melhor coordenação psico-motora.

Sobre o ponto de vista fisiológico, a natação contribui para a melhora do aparelho locomotor, sistemas circulatório e respiratório, além de auxiliar no tratamento de portadores de deficiências respiratórias – tão comuns nos dias atuais.

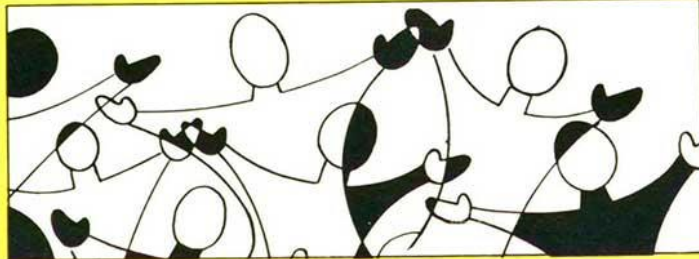
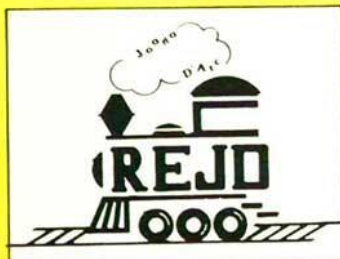
Mas todo esse projeto educacional só foi possível devido ao empenho de Cleide Aparecida Fernandes Ferraz, proprietária do **Colégio Joana D'Arc**, que durante anos vem se dedicando à educação. Após 17 anos de magistério, ela decidiu montar sua própria escola e dar início a uma nova fase de vida.

Hoje, além da pré-escola, o **Colégio Joana D'Arc de Mogi das Cruzes** trabalha com o 1º grau, mantendo salas de aulas com, no máximo, 25 alunos, a fim de não comprometer o aproveitamento das crianças. "Nossa filosofia de trabalho é qualidade e não quantidade", atesta Cleide, lembrando que toda a equipe pedagógica do **Colégio Joana D'Arc** é de altíssimo nível, tendo no comando Lenith Sakoda, coordenadora pedagógica responsável pelo planejamento, supervisão de aulas, professores e didática.

No **Colégio Joana D'Arc**, além do aprendizado normal, a criança tem uma série de atividades paralelas que auxiliam o seu desenvolvimento físico e mental. Traga seu filho para o **Colégio Joana D'Arc** (rua Tenente Manoel Alves, 404, fone 469-9351). Agora, o melhor da pré-escola também no 1º grau.



COLÉGIO JOANA D'ARC DE MOGI DAS CRUZES





Filmes em VHS e Betamax
Americanos, nacionais e japoneses
Acessórios para vídeo
Cabos, fitas virgens, antenas, etc...
assistência técnica convênio Centrotec

fores
477-1144/469-0553

414

CAPTURE

Elegância
Praticidade e
Bom gosto

fone 469-6761

1441

FLOR DE MOGI



PADARIA E CONFEITARIA

fone: 469-9707

365

REQUINTE'S
cabeleireiros

uma questão de estilo

fone: 468-2328

DEPILAÇÃO COM CÉRA MORNA

331



voar agora é mais
fácil do que nunca

fone: 469-9044

1642



Laboratório
Hematologia
Hemoterapia

fores
469-4762/469 3762

1718

SOLANGE
Cabeleireiros

fone: 469-2437

PERFUMARIA E COSMÉTICOS

1410



moda jovem •
esportiva • habillé

fone 460-2533

267

PASSAGEM
OBRIGATÓRIA

Praça
NORIVAL
TAVARES

O voto dos jovens

Alunos do Colégio São Marcos realizam programa político-pedagógico "Eleições Simuladas 89"

Sem descartar a possibilidade de as eleições presidenciais terem um segundo turno para definir entre os dois candidatos mais votados no último dia 15 o sucessor de José Sarney, desde agora, os estudantes do Colégio São Marcos de Mogi das Cruzes, já estão pensando em formalizar apoios e alianças entre comitês internos de campanha, a exemplo das articulações políticas hoje vividas no cenário nacional: é a retomada do programa político-pedagógico "Eleições Simuladas 89".

Coordenado pela diretora da escola, Durcília Verreschi, e desenvolvido pelos professores de História, Mário Sérgio de Moraes, Carlos Silva e Eliane de Campos Moraes, o programa iniciado em outubro, tem como objetivos participar do momento político mais importante dos últimos 29 anos de história republicana do Brasil — a eleição direta do presidente — e exercer a

democracia com os estudantes do São Marcos, de forma participativa.

Uma vez definidas as regras do programa "Eleições Simuladas 89", os alunos envolvidos — cerca de 900 ao todo, reunindo o primeiro e segundo graus — tiveram liberdade para se aglutinar em torno das candidaturas oficiais. Fator sintomático da tendência do eleitorado jovem do São Marcos foi a rejeição imediata de nomes como Aureliano Chaves, do PFL; Ulysses Guimarães, do PMDB; Ronaldo Caiado, do PSD; e Affonso Camargo, do PTB; das micro-candidaturas ditas "de aluguel" e mesmo aquela que liderava as pesquisas de opinião pública na época, a do ex-governador de Alagoas, Collor de Mello, do PRN. Nenhum destes candidatos contou com comitê eleitoral na escola. E a razão foi simples: essas candidaturas não entusiasmaram os eleitores do Colégio São Marcos.

Outro fator importante registrado durante o transcorrer do programa — que culminou com a realização de um debate, no dia 27 de outubro, reunindo representantes do PSDB, PT, PDS, PL, PDT, PV e PCB, antes da eleição simulada do último dia 10, e do qual os alunos também participaram perguntando e triplicando aos políticos — foi a divergência ideológica manifestada abertamente entre correligionários de partidos de direita e de esquerda. Mais do que a defesa individual das idéias e programa de cada presidenciável, os estudantes se posicionaram em blocos de influência. Isso deixou em aberto a probabilidade dos comitês de campanha articularem, no segundo turno, a união das forças conservadoras contra as progressistas, caso os postulantes à Presidência defendam concepções políticas divergentes.

CIDADANIA — Os professores responsáveis pelo "Eleições Simuladas 89" consideram o programa-piloto em andamento no São Marcos — que além do debate e eleição, contou com palestras, pesquisas de intenção de voto e campanha eleitoral — altamente didático e formador de consciência política individual. "Nossas expectativas estão se confirmando", avaliam. O programa procura, antes de tudo, contribuir com o resgate e formação da cidadania, promover a



FOTOS ANDERSON PRADO

A diretora Durcília e os professores Eliane, Mário e Carlos



O debate: reforço das divergências entre esquerda e direita

Av. Benedito Matarazzo, 9403
CenterVale Shopping — Loja 418
12215 — São José dos Campos

TEL. 21-6217

COXIXO
boutique

**VOCÊ
REALIZA O SEU
BOM GOSTO**

ROUPAS FINAS PARA TODAS OCASIÕES

discussão e debate do momento atual e estimular os estudantes à pesquisa e participação no processo democrático.

O programa envolve alunos das quintas e sextas séries do primeiro grau, responsáveis pela montagem e organização do pleito. Eles têm a tarefa de confeccionar as urnas, cabines de votação e cédulas, fazer as prévias eleitorais e redigir o jornalzinho "Convoc-Ação". Este trabalho, especificamente, substitui o conteúdo programático para o quarto bimestre (o período republicano na História do Brasil), pois "pensamos que devemos aproveitar o momento histórico que estamos vivendo... e que é da maior importância, ensinando, na prática, o exercício da democracia e da cidadania: objetivos diretos do sistema republicano", salienta a professora Eliane de Campos Moraes. "Procuramos, desta forma, dar aos nossos alunos a oportunidade de serem agentes de sua própria história", completa.

Os estudantes da sétima série do primeiro grau ao colegial cuidam da propaganda e formação de comitês espontâneos. Estes alunos tiveram liberdade para promover dentro e fora da escola qualquer tipo de propaganda política, desde o uso de camisetetas, botons e adesivos, até reuniões e colagem de cartazes e outras formas de propaganda em locais pré-estabelecidos

dentro do Colégio São Marcos. O programa, completa a diretora Durcília, também visa estimular a leitura de jornais e revistas, conhecer cada candidato e a proposta partidária, além de contribuir com a formação política dos alunos, de forma crítica e consciente. "Procuramos orientá-los para que o voto de cada um seja independente de influência de terceiros", salienta.

O professor Mário Sérgio lembra que a realização do evento estimula o estudante em momentos importantes da vida escolar, principalmente durante as aulas de História. "Hoje, quando vamos à sala de aula discutir algum ponto, os alunos associam figuras da política atual a fatos do passado. O interesse de todos é muito grande e percebemos que os alunos agora estão mais ariscos, mais ativos", observa. E o mais importante: "Cada eleitor do São Marcos está ciente de sua condição de cidadão e não se deixa levar pela opinião de pais e amigos neste instante de civismo."

CONSCIÊNCIA – Leonardo Sica e Ivan Vitale Júnior, membros do comitê Covas-Presidente, do PSDB, aderiram à candidatura "tucana" por convicção. "Votamos em um partido, a exemplo do que ocorre em países desenvolvidos. No Brasil, a maioria define seu voto em função do candidato", dizem. Leonardo in-

teressou-se pela candidatura do senador paulista em função de seu trabalho frente a Prefeitura de São Paulo e por sua atuação na Constituinte. "O PSDB tem um projeto de governo e pode ser considerado o único partido com propostas concretas e definitivas", resume. Os "brizolistas" Roberta Molina e Carlos Sepúlveda consideram a candidatura de Leonel Brizola, do PDT, comprometida com os pobres e com a erradicação da miséria no país. "Acho que o Brizola, entre os postulantes da esquerda, é o mais preparado para dirigir o Brasil, pelo seu passado e experiência", diz Roberta.

Carlos Eduardo de Souza e Silva e Luciane Marinelli optaram por Roberto Freire, do PCB. Ambos passaram a conhecer o candidato pela campanha presidencial e para eles o "partidão" representa "mudança". "Todos os políticos que aí estão já tiveram oportunidade de fazer algo pelo país e nada conseguiram", lembra Carlos. "É hora de mudar", completa Luciane. As irmãs Ana Cristina e Ana Paula Kimura e Renata Braga Rissoni acompanham a trajetória política de Afif Domingos, do PL, desde a eleição para o governo do Estado, em 1982. Elas reconhecem no liberal uma pessoa de "personalidade e de idéias diferentes, comprometidas com um programa sério e realista".

Rafael Masgrau



O comitê Freire, do PCB: o partidão é sinônimo de mudança



O comitê Covas, do PSDB: partido com propostas concretas

SKALA

COMÉRCIO DE MATERIAIS PARA CONSTRUÇÕES – FINANCIAMOS TUDO PELA ULTRACRED

Tintas em geral • Material hidráulico • Material elétrico • Telhas de amianto • areia • cal • pedra • esquadilhas • ferro

Av. Francisco Ferreira Lopes, 2779 – M. Cruzes – Fones : (011) 461-4924/461-4203

A partir do próximo mês, a **Auto Peças Kazeide**, um dos maiores e mais estruturados da região, com experiência de 25 anos de mercado, passará a atender à sua ampla clientela em novo endereço, na rua Dr. Prudente de Moraes, 1.180, ao lado da Suzancar.

A mudança para o novo endereço (atualmente a **Auto Peças Kazeide** localiza-se na esquina das ruas Antonio Marques Figueira e Prudente de Moraes) faz parte de um projeto de expansão idealizado por Roosevelt Carlos Watanabe, proprietário da **Kazeide**, que visa proporcionar um melhor atendimento ao cliente e difundir ainda mais o nome da loja na região, atingindo uma parcela muito especial do consumidor: o setor industrial.

A **Auto Peças Kazeide**, que trabalha com todo o tipo de peças para veículos de passeio e caminhões, já fornece peças para aproximadamente 50% das indústrias da região, bem como para órgãos públicos

em níveis municipal, estadual e federal. E isto não somente na área de Suzano e Mogi das Cruzes, mas também, e principalmente, a região do Vale do Paraíba, onde a **Kazeide**, devido à qualidade de seus serviços e bom preço de mercado, começa a apresentar uma boa penetração.

Com a inauguração do novo prédio, no dia 5 de novembro, a **Auto Peças Kazeide** pretende dar início a uma nova fase de trabalho, que tem como meta principal o bom atendimento e a comodidade do cliente.

Com uma área construída de 2.650 metros quadrados, distribuídas em três pavimentos, o novo prédio da **Kazeide** apresenta instalações de primeira linha, com equipamentos moderníssimos, como por exemplo, os elevadores de cargas leve e pesada. O atendimento ao cliente será feito no andar térreo, enquanto o primeiro e segundo pavimento serão utilizados para a estocagem de mercadorias.

No total, a **Auto Peças Kazeide** trabalha com mais de 20 mil itens, sendo todos de excelente qualidade, o que garante uma durabilidade ainda maior. Na parte elétrica, por exemplo, os destaques ficam por conta da Bosch e Wapsa; embreagens são da Amortex, Luk e Borg; rolamentos Tinken

e Fag; e amortecedores Cofap. No que diz respeito à linha pesada, o ponto forte são as coroa e pinhão da ZF, KL e TIPH. "Nossa linha de produtos é bastante diversificada, com todo tipo de auto peças para veículos da GM, VW, Ford, Fiat e Mercedes", frisa Roosevelt Carlos Watanabe.

Além de manter 14 balconistas para atender o público, a **Kazeide** possui um sistema especial de atendimento pelos telefones 477-3077, 477-3092, 477-1183, 476-1978 e 476-3765. Entre em contato com a **Kazeide** e venha conhecer uma das mais modernas auto peças da região.

Kazeide inaugura novas instalações





Conheça o mundo com a

Well's Tur Viagens e Turismo

Passagens aéreas e marítimas, nacional e internacional

As férias estão chegando e sem dúvida uma das melhores maneiras de aproveitá-las é através de uma viagem, afinal, ninguém é de ferro e viajar é indiscutivelmente a melhor terapia que existe. Você descansa, esprece e esquece da correria diária que hoje marca nossas vidas.

E foi pensando em proporcionar esses deliciosos momentos de descanso e lazer às pessoas que dois jovens mogianos, Wellington Bezerra Leite e Wellington Alves Arcaño, decidiram montar a **Well's Tur Viagens e Turismo**, uma agência de turismo moderna, diferente, onde o cliente é sempre o centro das atenções, recebendo um atendimento personalizado e de primeira qualidade. O relacionamento turista-agência é o ponto forte da **Well's Tur**, tornando sua viagem ainda mais agradável.

A agência trabalha com pacotes de excursões aéreas, marítimas e rodoviárias, com uma vasta gama de opções e ainda os melhores preços do mercado. E tudo isto feito com a maior seriedade, de forma que seu passeio seja o mais agradável possível e você descanse com descontração e elegância. Na **Well's Tur** a perfeita harmonia entre diversão, aventura, refinamento e lazer são pontos marcantes.

COPA, CARNAVAL E FÓRMULA 1

Dentre os pacotes especiais que a **Well's Tur** vem esquematizando, destacam-se os para a Copa do Mundo na Itália, Carnaval no Rio de Janeiro (bailes de salão, shows e desfiles das escolas) e Fórmula 1, que desde já agitam o turismo. Por isso, consulte logo a **Well's Tur** (Praça João Pessoa, 38, 2º andar, fones 460-1350 e 460-1049) e reserve o seu.



INGLÊS NOS EUA E CANADÁ

- Duração do curso: 30 dias
- 15 horas de inglês por semana
- Grupos pequenos
- Hotel com acomodação dupla
- Pensão completa
- Seguro saúde ● Translados
- Certificado de participação
- Atividades esportivas (ski), culturais e recreativas
- Passeios em Michigan, Detroit, Toronto e Orlando (Disney)

EXCURSÕES

- Copa do Mundo na Itália
- Disney World
- Serras gaúchas
- Sul do Brasil
- Foz do Iguaçu
- Litoral catarinense
- Cidades históricas
- Pousada do Rio Quente
- Pantanal matogrossense
- Rio de Janeiro, Guarapari e Vitória
- Norte e Nordeste em geral

VIP À RIGOR.



LAVAGEM A SECO VIP.
UM SERVIÇO ESPECIAL
PARA ROUPAS ESPECIAIS.



Campinas - Matriz - R. Adão Gonçalves, 63 - Nova Aparecida - Fone 42.8266 • Centro - Av. Moraes Sales, 1039 • Cambui - R. Gal. Osório, 1844 (Pão de Açúcar)
Americana - Rua Fernando de Camargo, 748
Bragança Paulista - Rua Cel. Teófilo Leme, 530 - Centro - Fone 433.2478
Itu - Rua Santa Rita, 1227 - Centro
Jundiaí - Av. Jundiaí, 551 - Fone 436.6195
São José dos Campos - Av. Heitor Vila Lobos, 1688 - Jardim Renata - Fone 22.1552
Sumaré - R. José Luiz Duarte, 285 - Fone 73.2949
Valinhos - Av. Independência, 315 - Centro - Fone 71.5714



SERGIO CASTRO

Em frente ao Paço Municipal, o estoque de terras vendidas pela Prefeitura

CIDADES

Banco de terras

Prefeitura de São José vende áreas públicas para pagar as dívidas, mas escorrega em detalhe e perde dinheiro

No início da década de 70, o prefeito nomeado Sérgio Sobral de Oliveira comprou uma longa faixa de terra, ocupada pela Favela da Linha Velha, que separava o centro de São José dos Campos da área do Jardim Paulista. Comprou por um preço irrisório - a área, ocupada por favelados, não tinha valor algum. Em seu lugar, planejava construir a mais moderna avenida da cidade, com pistas centrais de velocidade, pistas laterais para desaceleração e acessos às ruas próximas, ladeada por uma muralha de edifícios.

Pelo projeto, a Prefeitura não gastaria nada para construir a avenida, batizada de Fundo do Vale - os recursos viriam da venda dos terrenos laterais a preço de mercado. E existiam interessados, entre eles, o Banco do Brasil e o próprio governo federal. "A idéia era transformar essa avenida em um centro institucional e financeiro para São José dos Campos", descreve o ex-prefeito da cidade, Sérgio Sobral, hoje assessor da direção do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe).

O projeto de Sobral parou pela metade. As quatro pistas foram reduzidas a duas e os terrenos da Fundo do Vale - inicialmente chamada de Emílio Garrastazu Médici, depois Teotônio Vilela - ficaram, durante muito tempo, com a pecha de malditos. Sobral, entretanto, montara uma espé-

cie de banco de terras que poderia ser usado para sanear alguma crise financeira grave do município.

O cheque desse banco foi sacado em setembro pelo prefeito Joaquim Bevilacqua (PTB), antigo vereador do MDB na administração de Sobral, como socorro financeiro para as dívidas da Prefeitura de São José dos Campos. Quando assumiu o Executivo, em 1º de janeiro, Bevilacqua ganhou um déficit orçamentário de 100%, uma dívida com a Eletropaulo acumulada desde 1982, o não recolhimento do FGTS desde 1984, dívidas com o Iapás da mesma época, mais dívidas com empreiteiras, fornecedores e bancos. Apertou os cintos, teve a luz de prédios públicos cortada pela Eletropaulo, fez acordos, até descobrir que a Prefeitura tinha, em 48 áreas públicas, uma conta bancária polpuda, que poderia ser sacada a qualquer momento.

A área do Fundo do Vale, classificada como a Avenida Paulista da cidade do futuro, é um depósito especial desse banco. Mas existem outras áreas, espalhadas em diversos bairros, como o Jardim das Indústrias e o Esplanada - bairro valorizado de São José dos Campos, onde uma área de 900 metros quadrados foi vendida para a Martins Agro-Imobiliária por 76,1 mil BTN em setembro (valor atualizado para novembro de NCz\$ 380 mil). Ou na Mar-

ginal do Vidoca, onde uma área de 4,2 mil metros quadrados foi vendida para a Vila Nova Veículos por 293,9 mil BTN's (valor atualizado para novembro de NCz\$ 1,4 milhão).

Em todas as transações, o valor dos terrenos foi calculado pela Divisão de Patrimônio Imobiliário da Prefeitura e teve como base o Valor de Referência de Financiamento (VRF), índice de variação mensal e não diária, como a BTN Fiscal. Por esse parâmetro, o metro quadrado de terreno no Esplanada foi vendido a 8,4 VRF e no Vidoca, a 6,81 VRF.

MESTRA ERUNDINA – Citando a prefeita de São Paulo, Luíza Erundina (PT), para embasar seu programa de venda de áreas públicas, Bevilacqua anunciou no dia 29 de setembro a venda de um lote de áreas do banco da Fundo do Vale, dia também de transferência de escrituras e pagamentos das áreas. Dez lotes, de um total de 13, foram vendidos no ato. A área total dos terrenos oferecidos foi de 29.580,69 metros quadrados, e a Prefeitura recebeu naquele dia NCz\$ 8.031.157,30 – o equivalente a 2,9 milhões de BTN's (em valor atualizado, NCz\$ 14,8 milhões). Recursos usados para renegociar uma dívida com o Banco do Brasil, rolar o pagamento com o Eletropaulo, pagar parte da dívida com o FGTS (condição para liberar as parcelas do Projeto Cura para o Jardim Morumbi) e comprar uma máquina de blocos para o Campo dos Alemães. Bom negócio? Em termos.

“Antes, as áreas públicas eram doadas. Hoje, nós as vendemos a preço de mercado e usamos os recursos para sanear as finanças do município”, afirmou o prefeito no dia 29. Se a Prefeitura conseguiu NCz\$ 8 milhões naquele dia (NCz\$ 14,8 milhões em dinheiro de hoje), milhões escorregaram dos cofres públicos, por uma falha primária do edital de concorrência para a compra das áreas.

Enquanto o resto do país vive a época da BTN e da BTN Fiscal, para acompanhar, dia-a-dia, o galope da inflação, a Prefeitura de São José dos Campos escolheu como base dessa transação o VRF. Regeu os pagamentos o VRF de setembro (NCz\$ 27,15). Os cheques, entretanto, foram entregues no dia 29 de setembro, uma sexta-feira após as 16 horas – os valores, baseados em um índice fixado no início do mês, desconhecera a inflação do período, (29 dias) que ficou em 36,75%. Caso a Prefeitura esperasse passar o final de semana e recebesse os cheques na segunda-feira, dia 2 de outubro, quando, efetivamente eles foram depositados no Banespa, os valores teriam que ser calculados pelo VRF de outubro (NCz\$ 36,91), que trouxe embutido a inflação.

Traduzindo para cruzados, esse cálculo fica mais claro. Com o VRF de setembro, a Prefeitura recebeu NCz\$ 8 milhões; com o VRF de outubro, o total recebido poderia

para NCz\$ 10,8 milhões. Entre setembro e outubro, a diferença foi de NCz\$ 2,8 milhões – valor equivalente a 35% do total arrecadado pela Prefeitura com a venda dos lotes e maior que qualquer um dos cheques recebidos em 29 de setembro. A Paris Filmes, por exemplo, tem três áreas na Fundo do Vale, somando 6.536,65 metros quadrados, trocadas pelo Cine Center cotado a NCz\$ 1,7 milhão. Para uma Prefeitura interessada em levantar recursos para pagar suas dívidas, um erro que não poderia ter sido cometido.

As áreas da Fundo do Vale foram calculadas em 10 VRF por metro quadrado, conforme informou o diretor comercial da Construtora Presidente, Roberto Gerab, que comprou o lote 8 da Avenida, e pagou NCz\$ 545,1 mil. A empresa não havia definido, em 29 de setembro, que destino daria à área comprada. “Faremos um empreendimento na área residencial, mas ainda não temos um projeto definido”, diz Aniz Chap Chap, diretor da Presidente. A Presidente tem negócios imobiliários em São José dos Campos desde 1980, época da primeira administração do prefeito Joaquim Bevilacqua.

DÍVIDAS – A utilização do banco de terras, entretanto, é mais ampla, como informou o próprio prefeito na ocasião. Dez áreas da Prefeitura foram arrendadas à Shell para a instalação de postos de gasolina, por um valor de US\$ 800 mil. Problemas com os cheques desse banco, Bevilacqua só teve na conta do Bosque dos Eucaliptos (veja box à página 30). Até a área que a Secretaria do Serviços Municipais (SSM) ocupa no centro da cidade, entre a avenida Nelson D'Ávila e a rua Monteiro Sidney, está sendo vendida, e deve ajudar a Prefeitura a saldar suas dívidas.

Essa política radical de venda de áreas públicas e o aperto nos cintos dado pela Prefeitura resultou em índices positivos, anunciados por Bevilacqua na apresentação do orçamento de São José dos Campos para 1990. Em 1989, a dívida foi reduzida a 33% do orçamento e poderá descer a 10% até o final de 90, quando o orçamento da Prefeitura prevê um total de NCz\$ 6,5 bilhões. No início do ano, porém, as dívidas deverão chegar à casa dos NCz\$ 1,04 bilhão.

As armas da Prefeitura para uma redução das dívidas não se limitam à venda de áreas públicas. Bevilacqua aposta no aumento da receita do ICM, que chegaria a NCz\$ 2,9 trilhões – com aumento efetivo na participação de 20% para 25% –, no aumento das receitas de transferências (IPVA, FPM e IPI) e em reescalamento do Imposto Sobre Serviço (ISS) e do IVV. Nesse setor, a partir de 1º de janeiro, por exemplo, as indústrias do setor aeroespacial de São José dos Campos – como a Embraer, Avibrás e Tecnasa – passam a recolher ISS, com o término de uma isenção

SE VOCÊ QUER FAZER BONS NEGÓCIOS COM SEUS IMÓVEIS
Fale com quem tem tradição comprovada de eficiência e segurança

OKKIYO KAWA

IMÓVEIS – CRECI 8287

R. Navajas, 97 – Mogi das Cruzes – Tel.: (011) 469-4211 (KS)

dada em 1978, pelo prefeito nomeado Ednardo de Paula Santos. O fim da isenção representará um salto de 8% na arrecadação de ISS, 4% vindos da Embraer – uma fatia considerável, tendo como base o total de ISS previsto para 1990, na casa das 8 milhões de BTNs, correspondendo a 6,5% do orçamento.

Mas o grande “boom” preparado por Bevilacqua para 1990 está na área das receitas imobiliárias, o que se traduz em um aumento de impostos e taxas. O Imposto

Predial e Territorial Urbano (IPTU), que não chega a 2% da receita de São José dos Campos este ano, pulará para 20% em 1990 e será atualizado pela BTN, para que o município não perca o valor real dos recursos a serem arrecadados. A Prefeitura enviou à Câmara um projeto de lei corrigindo os valores venais dos imóveis, projetando um aumento de 9 mil por cento. Para minimizar o impacto na medida, a Prefeitura aplicará um imposto em cascata, maior para áreas desocupadas ou localizadas em áreas

“Conta” bloqueada

O programa de venda de áreas públicas do prefeito Joaquim Bevilacqua (PTB) sofreu uma derrota na Câmara em setembro. Bevilacqua pretendia vender oito áreas no Bosque dos Eucaliptos e teve que retirar o projeto de pauta na Câmara, frente a protestos dos moradores do bairro. No total, a Prefeitura venderia 31,4 mil metros quadrados, em terrenos localizados nas avenidas Cidade Jardim, Ouro Fino e Salinas – calculados em 173,3 mil Valores de Referência de Financiamento (VRFs). Em valores de novembro, as áreas renderiam NCz\$ 9,4 milhões à Prefeitura.

Após a retirada do projeto, Bevilacqua disse que, sem outra fonte de recursos, a solução seria aumentar os impostos e taxas municipais.

Outro projeto de terrenos foi abatido no mesmo período. A Prefeitura pretendia doar uma área de 5,6 mil metros quadrados entre a avenida Cidade Jardim e as ruas Itambé e Maranduba, no Bosque dos Eucaliptos, para a instalação de micro e pequenas indústrias de tecnologia de ponta e a formação de um Parque Tecnológico. Nova resistência dos moradores do Bosque e a incubadora de Bevilacqua será instalada na Novaurbe (ex-Urbanova), ao lado da área doada para o futuro campus da Universidade de São José dos Campos.



FERNANDO MOURA

Chap Chap: sem planos

SHOPPING

MINI

Ming Loure



Mie Fashion

MODA ESPORTIVA
CLÁSSICA
ROUPAS ÍNTIMAS
BOLSAS
CINTOS
ACESSÓRIOS

Av. Vol. Fernando P. Franco, 315
Tels.: (011) 469-7435 • 468-1302 – M. Cruzes

valorizadas, menor em áreas carentes ou populares.

"A última correção dos valores venais aconteceu em 1983", afirma Bevilacqua. Na área de receitas imobiliárias, subirá também o Imposto de Transmissão de Bens Imóveis (ITBI). Haverá, a partir de 90, um reajuste nas taxas de serviços públicos, hoje calculadas em 1,3% de seu valor real. "A Prefeitura não subsidiará serviços", anuncia o prefeito. Esse

aumento de receita, segundo ele, terá uma finalidade, além de pagar dívidas: obras.

A Prefeitura tem três áreas prioritárias – o Anel Viário, orçado em 50 milhões de BTN (NCz\$ 240 milhões, em valores atualizados), investidos em três anos, o Hospital Municipal e o Programa Habitacional, que prevê oito mil lotes urbanizados em 1990 e 15 mil até 1992

BANCO DE TERRAS – Junto com o orçamento enviado à Câmara, Bevilacqua mandou um Plano de Ação Governamental (Planag), em que detalha as prioridades de sua administração em 1990. As duas primeiras diretrizes são o pagamento do pessoal e o pagamento das dívidas. Depois vem uma série de projetos, entre os quais podem ser pinçados a implantação de um Instituto Municipal de Previdência, construção da sede da Fundação Hélio Augusto de Souza



Bevilacqua, na assinatura de transferência de escrituras

(Fundhas), construção de canaletas exclusivas para os ônibus urbanos, mais 2,2 mil vagas na rede escolar e reativação da Usina de Compostagem. E prevendo um investimento de NCz\$ 1,6 bilhão.

A expectativa para 90, entretanto, é ver se transformar a Fundo do Vale em área de edifícios e investimentos, resgatando economicamente uma área semi-abandonada no coração da cidade, atualmente só conhecida como canal de ligação entre dois pontos distantes, as avenidas Sebastião Gualberto e Nelson D'Ávila (rua Paraíba), e por suas enchentes e favelas. Bevilacqua queixou-se de um boicote das imobiliárias joseenses para a venda das áreas da Fundo do Vale, mas acredita ter feito bons negócios. Os novos donos da avenida terão, entretanto, até 1991, alguns vizinhos incômodos – os favelados, que se incrustaram há

anos nas áreas marginais da Fundo do Vale. A Prefeitura Municipal prevê para 91 a erradicação das favelas e a transferência dos moradores para áreas de habitação popular.

A conta especial aberta por Sobral na década de 70 serviu, quase 30 anos depois, para ajudar o município em uma época de crise. Vale a pena acabar com todo o banco de terras? A resposta depende do tamanho do buraco onde

foi metida a Prefeitura, após administrações fracassadas, que geraram mais dívidas que obras públicas. Os saques desse banco, entretanto, poderiam ser feitos de forma mais natural, para evitar que um simples erro de edital, como o verificado na transação da Fundo do Vale, resultasse na perda de dinheiro público.

Enquanto todo o país pensa em dólar ou em BTN – e a própria Prefeitura vai "betenizar" com atraso o IPTU em 1990 –, uma transação tão importante é calculada sem correção monetária adequada. E, quem sabe, essas operações poderiam ser acompanhadas por representantes da Câmara e da sociedade civil, para que não paire dúvida sobre as boas intenções dessas vendas, pois, como anunciou o prefeito, elas farão parte da própria política de administração do município durante o seu governo. ●

SOMENTE VEÍCULOS DE PRIMEIRA LINHA



NÁUTICA e VEÍCULOS Ltda.

A maior oportunidade para os melhores negócios

R. Santana, 300 · Jd. Santista · M. Cruzes

A força da união

Em Jacareí, associação compra área e monta sistema de habitação popular com economia de 500 "sem teto"

No final de outubro, 500 famílias de "sem teto" ocuparam uma área de sete alqueires no bairro do Parateí, em Jacareí, e começaram a demarcar os lotes. Em poucos dias, algumas casas já apareciam nos terrenos, divididos em áreas de 150 a 250 metros quadrados. A área, localizada à beira do km 6 da rodovia Dom Pedro I e a 12 quilômetros do centro da cidade, transformou-se em um misto de acampamento e canteiro de obras.

Desta vez, entretanto, ao contrário das outras duas invasões realizadas pelo mesmo grupo, em uma área particular no Jardim Pitoresco e em uma outra pertencente à Caixa Econômica Federal (CEF), os "sem teto" não foram expulsos pela Polícia Militar. Desta vez, eles estavam ocupando uma área própria, comprada em setembro por NCz\$ 220 mil, amealhados através de pequenas contribuições depositadas na conta 348D-6, da CEF.

Donos da terra, exerceram no final de

outubro o direito legítimo de ocuparem a área. Outras 500 famílias seguem agora o mesmo caminho e se preparam para entrar em outra área, dispostas a concretizar, enfim, o sonho da casa própria. Como não há investimentos para atacar o déficit de dez milhões de moradias no país ou projetos de habitação municipais, a fórmula encontrada pelos "sem teto" de Jacareí partiu da organização popular.

O eixo dessa organização é a União dos Sem Teto e Sem Terra de Jacareí, entidade fundada em junho, durante a ocupação do Centro Comunitário da Vila Zezé – de onde os "sem teto" foram expulsos pela Prefeitura. Entidade jurídica, registrada com o CGC 156.847.505/59, a União dos Sem Teto montou um esquema "pinga-pinga" para a compra de áreas, através do depósito bancário, entre junho e setembro, de NCz\$ 250 para cada família cadastrada. Assinado o contrato de compra da área, de propriedade de Dione dos Santos Silva, e entregue

um sinal de NCz\$ 10 mil, a entidade teve até 20 de outubro para liquidar a dívida. Isso custou um depósito de mais NCz\$ 200 para cada família. No total, os terrenos saíram por NCz\$ 450 para cada família.

ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA – A fórmula encontrada pela União dos Sem Teto não é mágica, mas sim a mais simples, segundo o presidente da entidade, o metalúrgico Ediberto Bernardo dos Santos – conhecido como "Hiena", militante do PT e que responde a processo por ter participado da ocupação da General Motors, em São José dos Campos, durante a greve de abril de 1985. Apesar do currículo, Ediberto afirma que a União não tem ligações político-partidárias. O co-idealizador do projeto, Waldir Leite, 1º secretário da União, por exemplo, é militante do PMDB. "Aqui não temos partido, queremos distância dos políticos", diz Ediberto.

"Político pode até fazer contribuição, mas só se aceitar ficar anônimo", acrescenta. As contribuições são importantes no esquema da entidade. Muitas famílias não conseguiram pagar as duas parcelas pela posse do terreno, mas a União lançou mão de um sistema de doações para cobrir o déficit, e estuda o lançamento de uma campanha tipo "Adote um Sem Teto".

O sistema de contribuições operará em toda a ocupação da área. Cada família entrou com NCz\$ 50 para a compra de mate-

INFORME PUBLICITÁRIO

Bezerrão: a primeira em Baby Beef

Uma mesa farta de amigos e boa carne, acompanhada de música suave, num ambiente tranquilo e descontraído é um bom motivo para sair de casa. A **Churrascaria Bezerrão**, além desses atrativos, oferece hoje uma técnica especial no preparo dos mais variados tipos de carnes, em igualdade de condições com as melhores casas de São Paulo.

Por tudo isso, no Vale do Paraíba, a **Churrascaria Bezerrão**, apoiada em mais de cinco anos de serviços e elevado nível de qualidade de seus produtos, ocupa a posição primeira no estilo "Baby Beef". É só conferir a picanha fatiada e o pintado na brasa, acompanhado de bebidas nacionais e importadas.

Segundo o diretor Dorival Candil, "a



tradição da casa é mantida pelos fiéis clientes que se tornaram amigos com a frequência, desde o início dos trabalhos". Atendendo diariamente das 11 à 1 hora da manhã, a casa tem estacionamento próprio e dispõe de manobristas habilitados. No interior da churrascaria, há uma equipe de profissionais experientes para reforçar o

nível e a qualidade do atendimento.

Com a chegada do final do ano, a **Churrascaria Bezerrão** já tem à disposição várias opções para a realização de banquetes para confraternizações familiares, profissionais e outras. Os interessados poderão fazer a reserva com antecedência, agendando a data que melhor lhe convenha. Antecipando as festas de fim de ano, a equipe do **Bezerrão** espera que esse

último ano da década seja o início de um caminho para a vitória daqueles que carregam a bandeira do trabalho digno, sério e honesto.

Churrascaria Bezerrão

Avenida Ademar de Barros, 717, centro, fone (0123) 22-0976, São José dos Campos, SP.

rial para a construção das casas, mas empresas do setor se comprometeram a doar tijolos, cimento e areia para a União. Outras emprestarão máquinas e equipamentos para a instalação da infra-estrutura do novo bairro, segundo Ediberto dos Santos. "Temos que ter esse loteamento dentro dos padrões exigidos pela lei", explica.

A preocupação tem fundamento. A ini-

ciativa não tem apoio da Prefeitura, que possui o direito de embargar loteamentos que não respeitem as normas de ocupação e uso do solo. "Espero que o loteamento respeite a legislação. Não será permitida a construção de um loteamento que não atenda o especificado pela lei", diz o prefeito Oswaldo Arouca. Inimigos não faltam à União. Além da rígida fiscalização que

terão da Prefeitura, os "sem teto" estão "subvertendo" um mercado imobiliário "aquecido" (veja box). "Não podemos aceitar a especulação imobiliária. Não queremos tomar as terras de ninguém, mas queremos pagar um preço justo por elas", diz o 1º secretário da União, Waldir Leite, zelador de uma escola estadual, no bairro de Santo Antônio da Boa Vista.

OS "SEM TETO" – Os sócios da União dos Sem Teto e Sem Terra são famílias de Jacareí, residentes há mais de seis meses na cidade. Desde que foram abertas inscrições para um novo grupo de 500 famílias, cerca de 20 pessoas procuram, por dia, a União, instalada em uma sala da sub-sede do Sindicato dos Metalúrgicos, em Jacareí. A maioria dos "sem teto" é de operários, trabalhadores de empresas como a Alpargatas, Johnson & Johnson, Gates e Embraer. Leonilda Correa da Silva tem a maior renda familiar dos "sem teto", NCz\$ 1,8 mil, e trabalha na Johnson. José Roberto dos Santos, casado, três filhos, trabalha na Gates há nove anos como vulcanizador e vive "de aluguel" há 18 anos.

Antônia Lemes Domingues, 65 anos, viúva e com um filho de 22 anos deficiente físico, vive uma situação mais crítica. Em Jacareí há dez anos, Antônia é caseira de uma chácara e recebe menos de um salário mínimo por mês. "Não posso pagar os NCz\$ 450 pelo lote", disse ela ao depositar

Casas a menos

Jacareí tem 260 mil habitantes e uma taxa de crescimento, nos últimos seis anos, de 10% ao ano, em razão de uma industrialização crescente. É a segunda cidade em arrecadação de ICM no Vale do Paraíba e a 14ª no Estado. O crescimento econômico e populacional não foi acompanhado, entretanto, por obras de infra-estrutura – há problemas de água, esgoto, saúde, educação e habitação. Nessa área, Jacareí tem um déficit de 20 mil moradias, agravado com a chegada de novas empresas.

A Construtora Andrade Gutierrez, responsável pela duplicação de um trecho da rodovia Dom Pedro I, alugou mais de 300 casas, para acomodar seus operários. A Kaiser e a Brahma, com

novas instalações, "inflacionaram" ainda mais o mercado. O boato de que 25 alqueires seriam transformados em loteamento, na Cidade Salvador, restou para que 500 famílias invadissem a área e demarcassem lotes à espera de poder negociar com o proprietário ou até com a Prefeitura.

Esse é apenas um indicador do problema. Após desocupação do Centro Comunitário da Vila Zezé, em julho, 30 famílias acamparam no terreno da Fundação Pró-Lar. Faltam banheiros, água e luz. Com as chuvas, a área tornou-se um lamaçal. Moradores de áreas vizinhas fornecem água, medicamentos e ajuda aos "sem teto" – e rateiam a conta com a União dos Sem Teto. No lugar das famílias, a Prefeitura vem utilizando o Centro Comunitário para guardar animais apreendidos.

A MÁQUINA QUE VOCÊ PRECISA...



O IS 286 plus, com o poderoso, microprocessador 80286, operando na frequência de 12,5 MHz, atende a todas as suas necessidades de processamento, tanto isoladamente – em aplicações DOS com CAD/Computer Aided Design, banco de dados, planilhas de cálculos, processadores de texto ou em rede – como servidor de rede local ou mestre de sistemas multiusuário.

IS 286 plus

...O JEITO DE FICAR COM ELA...

CONSÓRCIO



Itaotec

...O CAMINHO MAIS RÁPIDO E SEGURO



FONE: 460-3622

NCz\$ 20 em setembro e ser "adctada" por uma família - que a União não divulga o nome. Essas pessoas participaram da primeira invasão, em 22 de abril, ocupando 25 alqueires do bairro Cidade Salvador, atraídas pelo boato de que ali seria feito um loteamento popular. Dois dias depois, a Polí-

cia Militar retirou os invasores, por ordem do juiz Francisco de Aguiar Cortez.

Todos estão felizes pela perspectiva de ter uma casa própria. Segundo os planos da União dos Sem Teto, as casas serão construídas em mutirão, todas de uma vez, e sorteadas entre as 500 famílias, para que

ninguém seja privilegiado em uma área irregular, que faz limite com o rio Parateí. Existe o risco, entretanto, de que, prontas as primeiras casas, elas sejam invadidas e a união entre os "sem teto" desapareça. Esse sistema comunitário de compra de área e construção faz com que não haja prazo para o término do loteamento. Experiência inédita, entretanto, a compra de uma área pelos "sem teto" é uma resposta contundente, embora simples, na falta de programas oficiais concretos na área de habitação popular.

Jacareí tem um déficit de 20 mil moradias e nenhum programa habitacional municipal. O prefeito Oswaldo Arouca limita-se a dizer que a Fundação Pró-Lar estuda a viabilidade de implantação de um loteamento popular, que "não comprometa a capacidade de investimentos do município". Em cinco meses, uma união de pessoas comuns consegue uma solução para o problema de moradia. Estão prevendo a perfuração de um poço artesiano e a venda de área para um setor comercial, para arrecadar recursos a serem investidos na infraestrutura do novo bairro. Luz elétrica existe a 800 metros, nas chácaras do bairro do Parateí. Mais importante é que, dessa vez, cada família terá sua escritura de propriedade, sem Polícia Militar para expulsar ninguém.

Paulo Rogério Gilani, de Jacareí

Cronologia da crise

22 de abril - 500 famílias ocupam 25 alqueires na Cidade Salvador, de propriedade de Sebastião Paulo da Silva. A ocupação foi espontânea e surgiu por um boato de loteamento popular.

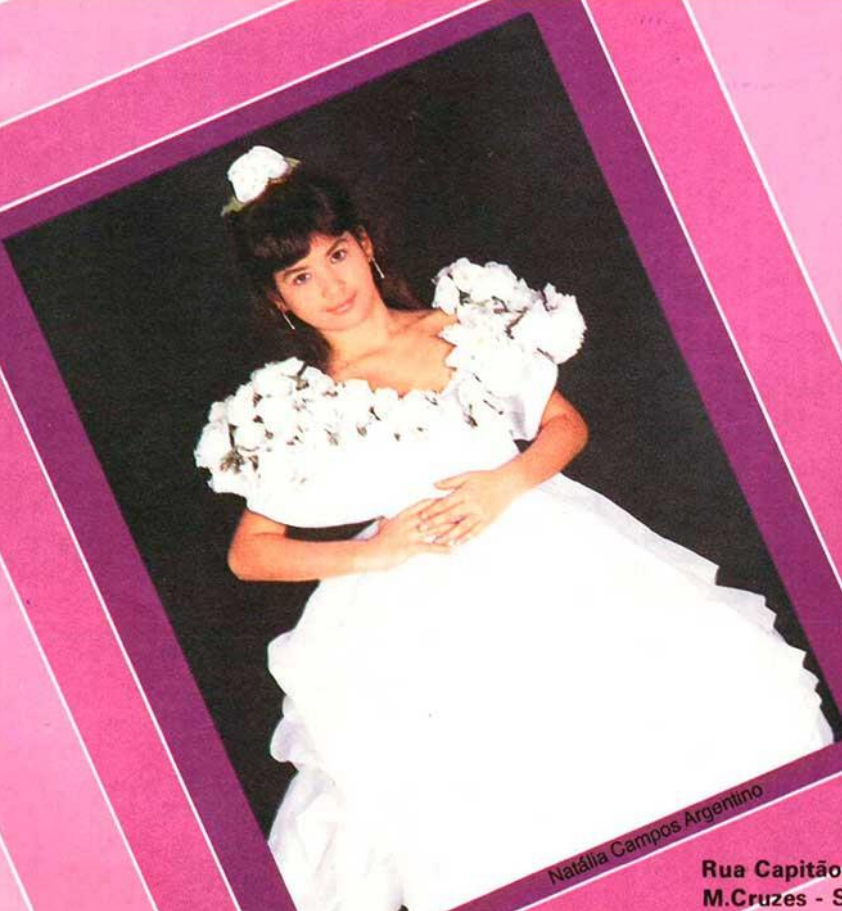
26 de abril - O juiz Francisco de Aguiar Cortez concede mandado de reintegração de posse da área. A PM desocupa a área e prende Ediberto Bernardo dos Santos, sob acusação de resistência. Os "sem teto" vão à Câmara em passeata. O prefeito Oswaldo Arouca pede uma semana para solucionar o problema.

9 de maio - Os "sem teto" ocupam o plenário da Câmara à espera de resposta de Arouca. O prefeito não aparece. Eles decidem ficar na Câmara até Arouca apresentar a solução. Na manhã seguinte, eles deixam a Câmara com a promessa de uma solução.

29 de maio - Os "sem teto" ocupam uma área de nove alqueires, da Caixa Econômica Federal. Sessenta famílias montam barracas e acreditam na abertura de negociações entre a Caixa e representantes dos "sem teto" para a compra da área. Até agora, Arouca não havia dado resposta sobre um projeto para abrigar os "sem teto".

7 de junho - O presidente da Caixa, Paulo Rubens Mandarino, diz, em Brasília, que poderia haver negociação, desde que a Prefeitura desse o aval. Dois dias depois, a Polícia Militar desocupa a área. Algumas famílias invadem o Centro Comunitário da Vila Zezé. No dia 12, fundam a União dos Sem Teto e Sem Terra de Jacareí.

13 de julho - A Prefeitura obtém o mandado de reintegração de posse do Centro Comunitário. Os "sem teto" saem do local antes da chegada da PM e ocupam área da Fundação Pró-Lar.



**Deliciosa
LILÁS!**

**Bem - vinda
à nova**

Lilás
boutique

**MODA INFANTIL
MODA INFANTO-JUVENIL**

Natália Campos Argentino

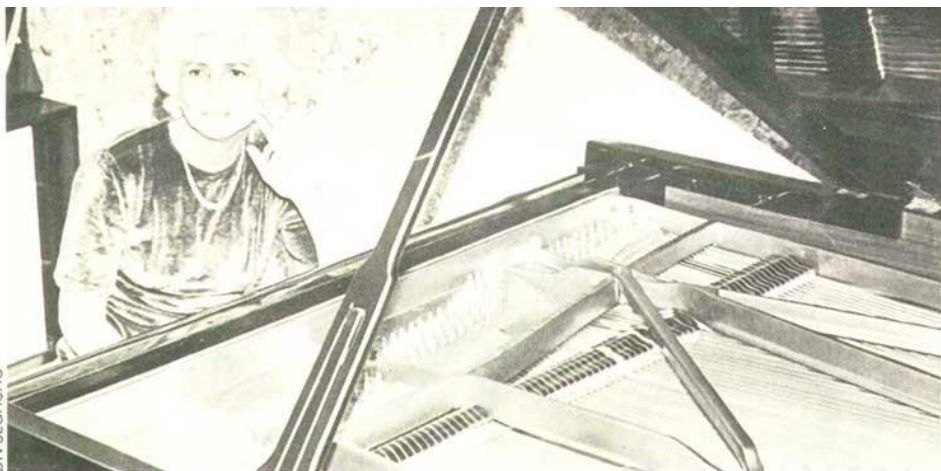
**Rua Capitão Manoel Caetano, 453.
M.Cruzes - SP. - Tel. (011) 469-2076**

AMAZON

casual wear

R. PROF. FLAVIANO DE MELLO, 919 - M. CRUZES FONE: (011) 469-7014

A MARCA PARA
QUEM EXIGE
QUALIDADE EM ROUPAS
(CONFECCÃO PRÓPRIA)



Isis: o sucesso em discos e concertos

MÚSICA

Um toque de classe

Artistas eruditos do Vale fazem sucesso fora, enquanto os aficionados trazem músicos para exibições reservadas

No final de setembro, a presidenta da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, Yolanda Borghoff, foi consultada sobre o interesse de trazer a São José dos Campos o francês Pierre Roullier, apontado como o maior flautista da atualidade.

Yolanda – que acumula os cargos de presidenta da Sociedade de Cultura e Educação Musical (Socem) e de presidenta do Musiclub – não teve dúvidas em aceitar imediatamente a oferta. Hesitou, no entanto, em encaixar o concerto na programação da So-

cem, que promove uma apresentação mensal na Igreja de São Benedito, para o público em geral. Ou na série de concertos do Musiclub, também realizados mensalmente, mas em um lugar restrito a um público seletivo – a casa da própria Yolanda Borghoff.

A presidenta da Fundação temia que na Igreja de São Benedito comparecessem para ver um dos melhores artistas do mundo uns poucos "gatos pingados". Para completar, o local não tem uma acústica aceitável. Já no clima mais íntimo de sua sala de estar, que chega a lembrar os antigos sarais, Yolanda Borghoff teria a certeza do sucesso do espetáculo, garantido por um público educado a consumir música erudita e ávido por bons concertos. Estariam, entretanto, negando esse direito a uma outra parcela da população.

A dúvida da presidenta da Fundação revela duas faces na realidade da música erudita em São José dos Campos. Uma delas mostra que é possível assistir a um bom espetáculo, com os maiores concertistas brasileiros e instrumentistas famosos. Este ano, por exemplo, apresentou-se em São José dos Campos o pianista Fernando Corvisier, segundo colocado no IV Prêmio Eldorado de Música (1988) e que, recentemente, gravou a primeira versão mundial das Quatro Estações, de Vivaldi, junto com o pianista João Carlos Martins, que será lançada em todo o mundo. Apresenta-



- OFF - SET
- IMPRESSOS TIPOGRÁFICOS FISCAIS E COMERCIAIS
- CARTAZES
- MALAS DIRETAS
- CARTÕES E
- CONVITES PARA CASAMENTO

**GRÁFICA[®]
GASTAR**

R. Cabo Diogo Oliver, 183 – Centro – Cep 08760 – M. Cruzes – S.P.

FONE: (011) 469-0717

ram-se também a Orquestra e Coral de Kent (Inglaterra) e o trio Oscar Lafer (violino), Tomás Lanz (violoncelo) e Eny da Rocha (piano). A maioria dos concertos realizada através dos contatos de Yolanda,



FOTOS SÉRGIO CASTRO

Yolanda: os melhores pianos

que tem 25 anos ligados à música.

A outra face da realidade, no entanto, é dura e se expressa na constatação de que não existe um único local apropriado para a realização de concertos em São José dos Campos. Fora isso, o público joseense ainda é tímido para esse tipo de evento. Há algum tempo, o início da apresentação do saxofonista Paulo Moura na Igreja de São Benedito teve de ser retardada em quase uma hora – na hora certa, a platéia era composta de apenas dez pessoas. Mas o constrangimento maior aconteceu pela falta de sanitários na Igreja, adequados ao público. A esposa do músico foi levada até a Câmara Municipal para ir a um sanitário.

MÚSICOS PERDIDOS – Falta de hábito, divulgação falha e carência de locais adequados. Motivos não faltam para os desastres ocorridos nos concertos. “Em qualquer cidade, uma apresentação de músicos famosos poderia reunir 300 pessoas. Aqui, apesar de existirem



Paulo: música em família

muitas escolas de música, não conseguimos atrair mais de 50 pessoas. Parece que nem os alunos e professores de música se interessam por música”, protesta a presidenta da Fundação Cultural. Se para quem pro-

OSMAR PANCIGASSI ARQUITETO

ARQUITETURA • ENGENHARIA • CONSTRUÇÕES

PROJETOS
RESIDENCIAIS • COMERCIAIS • INDUSTRIAIS

(10 ANOS DE EXPERIÊNCIA)

R. HAMILTON SILVA COSTA, 315 • FONES: (011) 468.2689 • 469.2498
MOGI DAS CRUZES • SP

move, o universo da música erudita é difícil, bem mais difícil se torna para os músicos essa realidade.

Falta de oportunidades para apresentações, cachês baixos e a necessidade de atividades e trabalhos paralelos tornam difícil a carreira do músico erudito no Brasil. Para vencer essas barreiras, tão importante quanto o talento é a persistência. "Só se

sobressai quem tem amor à música", afirma a pianista Ísis Moreira. Uma receita simples dada por quem tem um currículo invejável. Em 1972, com a gravação da Sonata de Hammerklavier, de Beethoven, considerado o soneto mais difícil para o piano, Ísis foi sucesso de vendagem de discos – junto com Roberto Carlos. Foi a primeira pianista do mundo a gravar o soneto.

Morando há 20 anos em São José dos Campos, Ísis é desconhecida pela maioria das pessoas, que ignora seus nove discos – com destaque para peças dos compositores brasileiros Almeida Prado e Dinorá de Carvalho –, inúmeros concertos no Brasil e na Europa e um prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Em São José dos Campos, a artista divide seu

Reserva especial

Nos últimos anos, quase todo evento de música erudita promovido em São José dos Campos foi realizado sem ajuda do poder público e sob a tutela de duas entidades: a Sociedade de Cultura e Educação Musical (Socem) e o Musicclub. Dois grupos mantidos pelas mesmas pessoas. A Socem foi criada para obter o apoio do poder público para o Madrigal Musicaviva, o coral mais antigo de São José dos Campos, que completou 20 anos em outubro. Passou a incentivar a formação de grupos amadores de música de câmara e a promover cursos. Hoje, tem um programa mensal de concertos.

Há quatro anos, o grupo da Socem formou o Musicclub. O objetivo era o

mesmo – promover concertos de música erudita. Mas as características do trabalho são outras – os concertos são realizados para pequenos públicos, na casa da tríplice presidenta da Fundação Cultural, Socem e Musicclub, Yolanda Borghoff. Taxada de elitista, Yolanda rebate a crítica.

"Nossa intenção é reunir pessoas em torno de uma boa música, em um ambiente informal e de intimidade", define. O Musicclub possui 60 sócios, que compram o programa anual da entidade ou pagam por espetáculos. Convidados e não sócios são aceitos, mas a presença tem de ser comunicada com antecedência para que não falte lugar a ninguém. "Aqui temos uma espécie de avant-première", afirma Helena Weiss, uma das diretoras do Musicclub. Muitas vezes, os sócios da entidade assistem a um programa que um concertista ainda vai estreitar no Brasil ou no exterior.

Se o instrumento a ser tocado pelo concertista for um piano, melhor. Na sala de Yolanda Borghoff estão dois pianos Steinway Hamburgo, considerado o melhor do mundo.

VÍDEO E PIANO – Falta de piano pode ser um pequeno entrave para a criação de um movimento semelhante ao Musicclub em Jacaref. Está em fase de elaboração o estatuto de uma sociedade que terá como objetivo básico estimular a música erudita. Já existem planos para promover bolsas de estudos para cursos de música e de comprar o tão precioso piano, que nem o Museu de Antropologia possui. Antes que o projeto deslanche, o grupo que discute os estatutos se reúne informalmente a cada bimestre para assistir vídeos de ópera. Até agora aconteceram três sessões: Otelo, La Traviata e La Bohème.

*Sensualidade
à flor-da-pele*

*Moda Feminina
e Infantil*

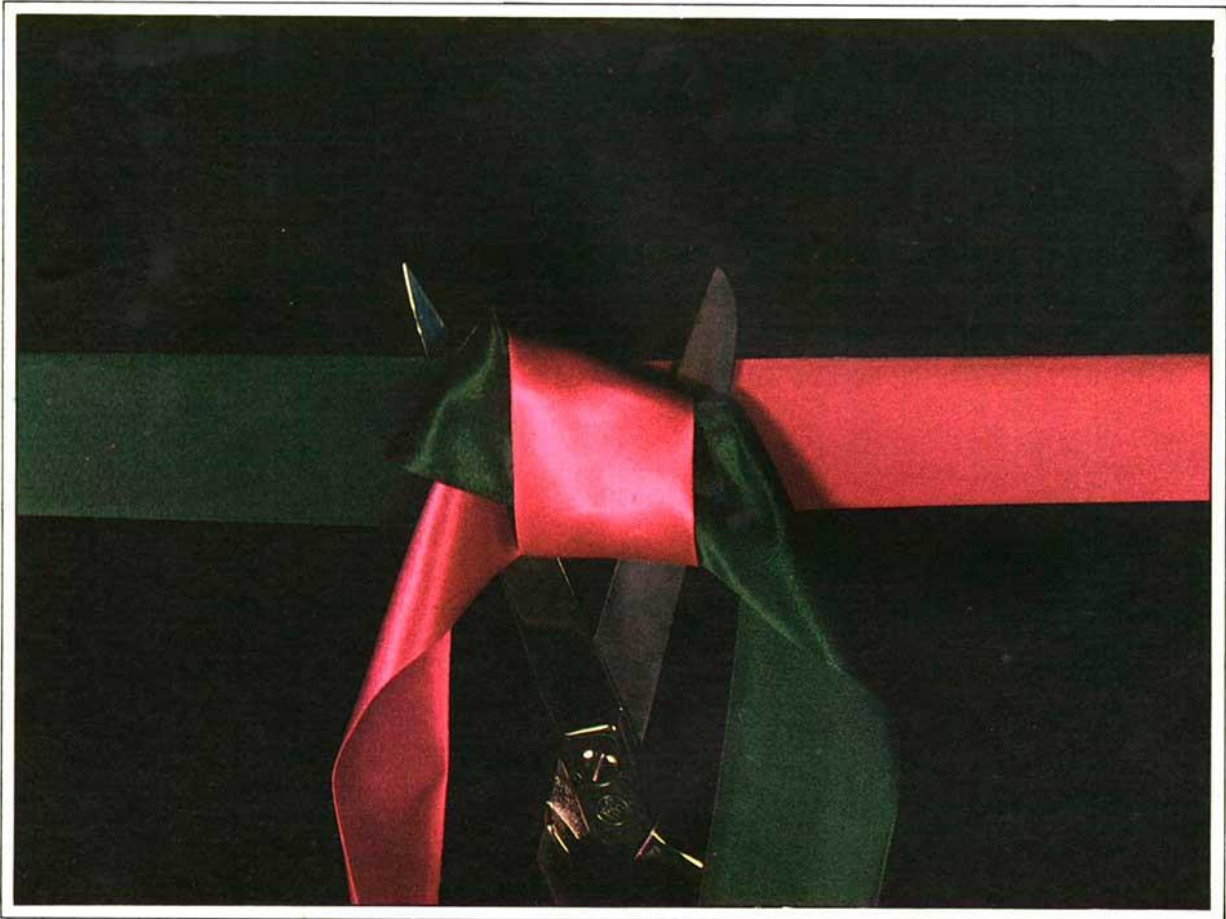
*Sex Seal • Valisière
Darling • Lumière
Jean Fabian*



*meias finas
de todas as
cores e tipos*

*R. Sen. Dantas, 185
Fone: (011) 469-3477
Mogi das Cruzes
Estacionamento
grátis*

INAUGURANDO UMA NOVA CASA SEM SAIR DE CASA



Celso Campos Propaganda

RUA DR. CAMPOS SALLES, 690 SUZANO

O Supermercado Guaió, que era regional, continua regional. Só que agora ele é regional em três opções: as duas que você já conhece e a que você vai conhecer em novembro. Conhecer e comprar. E, quando comprar, você vai dispor da mesma qualidade com que você está acostumado, mais a modernização com que nós vamos acostumar você. Modernização e regionalização você só encontra em um lugar de Suzano. Ou melhor, agora em três.

SUZANO - GUAIANAZES





Acácio: no circuito americano

tempo entre estudos de música e aulas de piano a crianças e adolescentes, dadas em sua própria casa.

Ísis Moreira não é um caso isolado de artista perdido na cidade. O violonista Acá-

cio de Oliveira, que há dois anos vem se apresentando nos Estados Unidos com patrocínio da Varig, é diretor e proprietário da Academia Villa-Lobos, em sociedade com sua mãe, a artista plástica Sônia Oliveira. "De um lado está minha carreira como concertista, do outro minha vida como diretor de escola", explica. Em 1988, Acácio fez duas apresentações com a Orquestra de Câmara de San Rafael e, em abril, tocou como solista a convite da Orquestra de San Francisco. Em um momento de ascensão no exterior, ele planeja gravar um disco independente só com Villa-Lobos.

REVELAÇÃO – O outro desconhecido ilustre é Paulo Abraão Esper, um tenor de 22 anos,

que estudou no maior teatro da América Latina e tem no currículo apresentações em palcos da Europa. Paulo, com um físico que não se associa à imagem forte e

vibrante de um tenor (ele tem 54 quilos e 1,68 metros de altura), é responsável pela contabilidade de uma loja no centro de São José dos Campos. O emprego divide seu tempo com o estudo de canto lírico e apre-



ANDRÉ FREIRE

Yara: música nas ruas



Instalada na Vila Ema, bairro rodeado de escolas e cursos importantes, a **Assert Papelaria** está há dois anos trabalhando com artigos escolares e uma diversidade de produtos característicos do setor, como materiais para escritório, desenhos artístico e técnico. Há também descontos especiais para escolas e entidades que mantêm convênios com a **Assert**.

Extremamente bem localizada, entre a esquina da rua Serimbura e travessa Santa Inês (final da avenida Nove de Julho), a **Assert** presta também serviços pouco comuns em papelerias, como o encapamento de livros e cadernos em época de retorno às aulas, já que muitos alunos ou suas mães não dispõem de tempo para isso. "Chegamos a destinar uma pessoa só para realizar esse tipo de serviço", completa José Franklin Falocci, que administra a empresa juntamente com Vera Lígia Falocci e Maria José Bruno.

Segundo ele, o comércio não deve servir apenas como um ponto de venda, mas sim assumir uma postura em benefício da sociedade. Nesse sentido, Falocci lembra que, muitas ve-

EM QUESTÃO DE PAPELARIA ASSERT



zes, chegou a desaconselhar clientes de comprar um material técnico quando o mesmo não se encaixava dentro das necessidades que o trabalho exigia. "Aí, então, tratamos de orientá-lo na escolha do material correto, preterindo, assim, a venda do produto incorreto."

Outro serviço extra executado pela **Assert** é a embalagem completa para qualquer tipo de presente. Lá se encontra uma diversidade de acessórios como fitas, adesivos, papéis dos mais variados tipos, ornamentos originais, caixas, sacos de estopa para embalagem e até

brinquedinhos. São embrulhados desde bombons e brinquedos de criança até aparelhos de som, bicicletas e escadas. Tudo dentro de um estilo original que Vera e Maria José desenvolveram através de cursos especiais em São Paulo. "Queremos fazer da embalagem um outro presente", diz Vera.

Papelaria Assert – Esquina da travessa Santa Inês com a rua Serimbura, s/nº, (final da avenida Nove de Julho) – São José dos Campos – SP – Fone (0123) 21-4426.

PIZZARIA

Charme
171

FORNO A LENHA

A maior e melhor casa especializada em pizza.
Reservamos mesa para confraternização. A massa fica à sua escolha —
fina ou grossa. Servimos frango à passarinho. Ainda a melhor pizza da cidade.

Av. 9 de Julho, 171 Tel. (0123) 21.6791

A IDÉIA MAIS GOSTOSA DO MOMENTO

Pastéis, doces e salgados. Café Expresso.

AV. NOVE DE JULHO, 243 — TEL. (0123) 21.7386

Pastelito



FARMÁCIA HOMEOPÁTICA HAHNEMANNIANA

Medicamentos Homeopáticos, Produtos Naturais e Cosméticos. Atendimento por
profissionais especializados. Aberto das 8:00h. às 19:30h.

Av. Nove de Julho, 347 — Tel. (0123) 21.7172

FORNO A LENHA

Reservas para confraternização de segunda a quinta-feira. Aberto
de 2ª a 5ª das 18:00h. às 24:00h. Sextas e sábados das 18:00h. à 1:00h.

Av. Nove de Julho, 685 — Tel. (0123) 22.0244



Av. **9** de Julho

UM SHOPPING COMPLETO

EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS



O MELHOR AMBIENTE, O MELHOR CHOPP, E É CLARO A
MELHOR PICANHA FATIADA DA REGIÃO. TUDO ISSO
E MUITO MAIS NO CHOPP E CIA.

AV. NOVE DE JULHO, 1137

ASSOCIADO
A ANFARMAG

EXIJA QUALIDADE.
AVIE SUA RECEITA COM TECNOLOGIA AVANÇADA.
EXIGA BYOFÓRMULA.

S.J.Campos, 9 de Julho, 542 — Tel. (0123) 22-2077
Mogi das Cruzes — Jacarei — Caçapava — Guaratinguetá

byofórmula
tecno pharma
FARMÁCIA DE MANIPULAÇÃO

PADARIA

9 de Julho

FRIOS — CONFEITARIA — LANCHONETE

Croissants, Pão de Queijo, Pão Italiano, Pettit Fours.

AV. NOVE DE JULHO, 275 — TEL. (0123) 21.2131

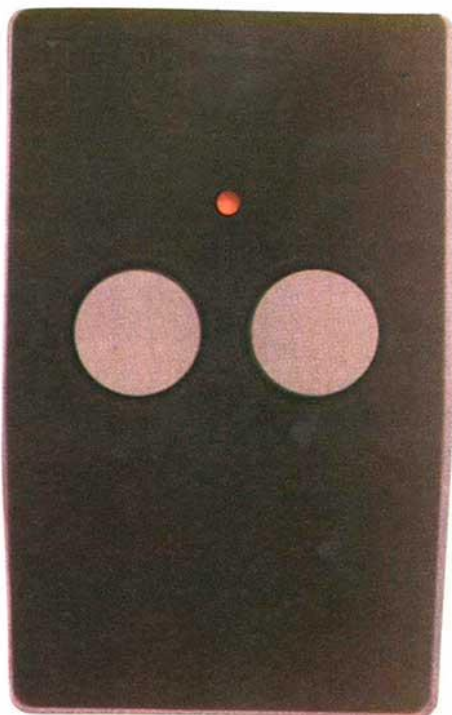
o **SicilianO** ENTREGAS A DOMICILIO

Estamos funcionando das 11:00h. às 23:00h.
Venha nos conhecer, ou peça pelos telefones **21.7000/21.6001**
Av. 9 de Julho, 1281



TESTE SEU CONHECIMENTO

VOCÊ SABE PARA QUE SERVE ESTE APARELHINHO ?



Se você sabe, muito bem!
Mas se não sabe, ele serve para que você e sua família tenham mais segurança, tranquilidade e comodidade, abrindo as portas de sua casa com toda privacidade que você merece, evitando a visita do alheio. Consulte-nos hoje mesmo.



Automatização e fabricação de portões de aço, madeira ou alumínio.

Rua Nilo Peçanha, 19
Mogi das Cruzes – Tel.: (011) 469-8911

sentações. Paixão adquirida pela ópera desde a infância, Paulo conseguiu em quatro anos o que a maioria dos tenores consegue só com dez anos de carreira – apresentar-se na Europa.

Em 1984, ele decidiu que queria ser cantor de ópera e procurou a soprano Cláudia Mocci, uma das cantoras líricas mais importantes do Brasil, para iniciar seus estudos. No ano seguinte, teve um pequeno papel na ópera Don Pasquale, com o Teatro Lírico de Equipe, com quem voltou a trabalhar em 1986, em Wether. Em 1987, passou quatro meses na Argentina e cantou no Cólón, em Buenos Aires, o maior teatro da América Latina. Em 1988, passou três meses em Barcelona, estudando com o barítono Jairo Becki.

De volta ao Brasil, Paulo Abrahão Esper decidiu lutar contra a realidade de ser um perdido na multidão. Em Jacareí, onde reside, apresentou à direção do Museu de Antropologia do Vale do Paraíba o projeto Música Jacareí, que promove um concerto de música erudita por mês. O

Yara e o Bicho

Ela é conhecida por seu talento e seu temperamento. É famosa sua negativa irredutível de cantar o Hino Nacional em solenidades oficiais. “O coral tem tanta dificuldade de ensaiar e tão pouco tempo, que não posso deixar nosso programa normal apenas para ensaiar o Hino, uma peça muito difícil de ser cantada. Aliás, o Hino deve ser executado pelo público espontaneamente. O papel do coral não é ensinar civismo, mas levar a arte até o povo”, proclama a regente Yara Campos, responsável pelo Coral Libercanto, mantido pela Fundação Cultural.

Arte, Yara tem. Além de reger os dois corais, ela dá aulas de Canto Coral no Departamento de Música da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP) e no Museu Lassar Segall, fora ter participado, durante cinco anos, da equipe de professores do Projeto Villa-Lobos, promovido pelo Instituto Nacional de Música (INM), da Funarte. Opinião firme, ela também tem.

Após reger durante quatro anos o Madrigal Musicaviva, Yara Campos deixou o grupo, por incompatibilidade com a direção da Socem. “Eu defendia acabar com a imagem ‘séria’ do canto coral, levá-lo às ruas e praças, mas a Socem e o público sonhavam com as grandes peças, como as apresentadas, no passado, pelo Madrigal”, explica. Yara saiu do Madrigal e formou o Libercanto, com metade dos integrantes do antigo

projeto, no princípio, esbarrou no preconceito de que não há público para música erudita na região. Transpor esse obstáculo, no entanto, não foi difícil – só bastou começarem as apresentações. Estreando com um concerto da soprano Cláudia Mocci, o Música Jacareí reuniu 180 pessoas e vem mantendo a média de 300 pessoas por apresentação.

O crônico problema da falta de recursos, entretanto, não foi contornado. Um desconto no cachê que os artistas aceitam por amizade, ou pelo interesse em se apresentarem no Interior, mais os patrocínios, seguram o orçamento. Com isso, Paulo sonha em programar, para 1990, apresentações de trechos de óperas famosas. As apresentações são feitas no Solar Gomes Leitão, sede do Museu de Antropologia, ambiente tão sem acústica como a Igreja de São Benedito, em São José dos Campos. O Museu não possui nem um piano, o que limita as apresentações realizadas, mas há boa vontade de sobra, compreensão e participação do público.

Regina Dore Roda

coral e uma proposta de popularizar a música/arte.

No final do ano passado, o Libercanto colocou na rua esse projeto, com o Bicho Coral, uma fantasia, misto de dragão chinês e centopéia, vestida pelos coralistas. "Agora, o Bicho já está tomando sol para tirar o mofo e, no final do ano, ele sai novamente", anuncia. Se Yara Campos, com seu talento e gênio forte, sempre reserva surpresas, maior susto levou ela própria no ano passado, quando ministrou um curso de canto coral no Sesc, promovido pelo Projeto Villa-Lobos.

"Não esperava muita gente, mas apareceram 220 pessoas e eu descobri que havia, pelo menos, 30 grupos de canto coral em São José dos Campos, entre coros de igreja, coros comunitários, de escolas ou de empresas", afirma. Mostra que o interesse pela música existe, falta, muitas vezes, identificá-lo.

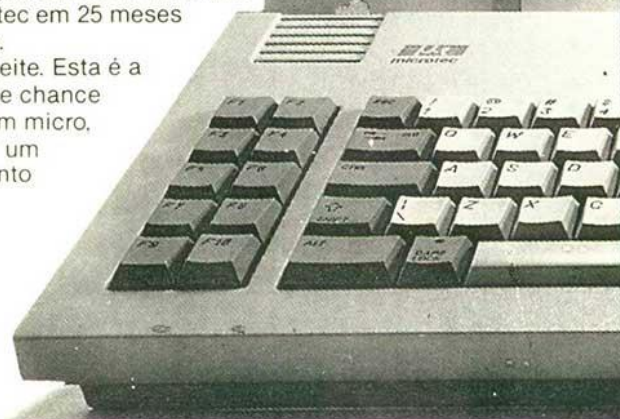
SOPRO NOVO – Em abril deste ano, um novo grupo de música surgiu na cidade, regido pela holandesa Mike Segre, há 13 anos em São José dos Campos. Três mulheres formam o grupo de flautas Flauteando, que tem no currículo quatro apresentações – duas na Igreja de São Benedito, uma no Sesc e outra no Museu de Antropologia (Jacareí). Mike toca flauta, Cibila Schelin toca violino e Loly de Souza toca piano, três professoras de música. "Formar o trio é uma forma de manter a técnica em dia e fazer o que todas nós mais gostamos, tocar", diz Mike, regente do coral do Instituto de Atividades Espaciais (IAE) e assistente de regência do Madrigal.

25 MESES SEM JUROS

PARA PAGAR O MELHOR MICRO.

Com o Consórcio Nacional Microtec, os melhores micros do mercado ficaram 25 vezes mais perto de você. É só passar num dos Revendedores Exclusivos Microtec, para conhecer o consórcio onde você compra um micro da Linha MF Microtec em 25 meses sem juros.

Aproveite. Esta é a sua grande chance para ter um micro, sem fazer um investimento macro.



microtec

Ligue já para reservar sua cota no revendedor autorizado Microtec

SUZANO (011) 477-1799 – SÃO PAULO (011) 299-3606

IMI MEDITERRANEO
INFORMATICA

Praça João Pessoa, 156, Suzano – Rua Conselheiro Saraiva, 35, Santana, SP.

Edifício Via Veneto

Centro - Suzano

Espaço, conforto, emoção, nobreza, requinte.

Tudo em 500 ms². de área construída, assim distribuídos:

ESPAÇO SOCIAL: 100 ms². de salas de jantar, estar, escritório

Para os dias de frio: aquecimento central e lareira acrescentando calor e conforto

ESPAÇO ÍNTIMO: 5 dormitórios (2 suítes com closet e hidromassagem), sala para TV, e piano com terraço

ESPAÇO DE SERVIÇO: copa ou sala de almoço, cozinha, despensa, lavanderia e dependência para 2 empregadas, garagem para 3 autos, salão de festas, jogos, ampla área de lazer.

Visitas com hora marcada pelo telefone:

(011) 477-4007 ou 477-3882 (chaves no ato)

**MEDITERRANEO
IMOVEIS LTDA**

R. Gal. Francisco Glicério, 36 - Centro - Suzano

Creci J4998



O espaço cultural no BB: aproximação...

EXPOSIÇÃO

Lucro garantido

Agência do Banco do Brasil abre espaço para a arte

A agência do Banco do Brasil de Mogi das Cruzes abriu suas portas, em outubro, para apresentar um novo serviço aos clientes e comunidade mogiana: o Ouro Arte. Embora o nome seja sugestivo, não se trata de uma aplicação financeira e sim a denominação de um espaço cultural permanente. Foi pesquisando meios de intensificar a integração do banco com a comunidade, que os gerentes de expediente Marcos Antonio Lascio Cusatis, Idene Deon Weirich e Luiz Carlos Honda chegaram a duas conclusões: a primeira, de que o melhor caminho para aproximar-se da comunidade seria através da cultura; a segunda, de que o artista mogiano distancia-se do público à medida que não conta com espa-



Bittencourt: público diversificado

(A) Edifício Azaleas

Travessa Mirambava - Suzano - Centro

(B) Edifício HORTÊNSIAS

R. N. Sra. Aparecida - Suzano - Centro

(A) 3 dormitórios (suíte), living para 4 ambientes, varandas, lareira, lavabo, sala íntima, copa, cozinha, despensa, área de serviço, quarto e W.C. para empregada, garagem p/ 2 autos
salão de festas, jogos, play-ground, sauna
piscina, sala para ginástica
SEGURANÇA ABSOLUTA

(B) 2 dormitórios (suíte), living p/ 2 ambientes, terraços
copa, cozinha, despensa, área de serviço,
quarto p/ empregada, garagem, play-ground, piscina
SEGURANÇA ABSOLUTA

LANÇAMENTOS A PREÇO DE CUSTO REAL

**MEDITERRANEO
IMOVEIS LTDA**

Suzano

R. Gal. Francisco Glicério, 36 Fones: (011) 477-4007 • 477-3882

Creci J4998



...do artista com a comunidade

ços adequados para expor e divulgar suas obras. Veio daí a iniciativa dos três gerentes de abrir as portas da agência à arte mogiana.

Com a presença de clientes e funcionários, autoridades municipais e artistas plásticos, as esculturas de Lúcio Bittencourt inauguraram o espaço cultural. Mas quem, em certos momentos, roubou a cena, foi a sócia da atriz Marilyn Monroe, que também marcou presença no coquetel de inauguração – na verdade, a modelo mogiana Débora Scavone, que interpreta a Marilyn na campanha publicitária do Banco do Brasil, veiculada na TV e revistas.

Acostumado a expor em vários lugares do país, Lúcio Bittencourt se declarou surpreso não apenas com a iniciativa, mas sobretudo com a organização do evento. Segundo ele, mesmo as mostras em galerias de arte exigem do artista desde a elaboração dos convites até o acerto de mínimos detalhes, enquanto que na exposição na agência do Banco do Brasil, Bittencourt contribuiu apenas com suas obras. Surpresas à parte, Lúcio confessa que na realidade o público das galerias é reduzido e selecionado, problema inexistente numa agência bancária, freqüentada diariamente não só por clientes, mas por pessoas de diferentes classes sociais e níveis intelectuais.

Satisfeito, o Departamento de Treinamento do Banco do Brasil, em São Paulo, vai tratar, agora, de divulgar a idéia para outras agências, através de um vídeo gravado na exposição em Mogi das Cruzes. Ele acredita no bom resultado da proposta e quer ampliar os espaços culturais, beneficiando artistas de cada região e a própria comunidade, como resumiu o secretário de Cultura do município, José Limongi Sobrinho: "Que seja um estímulo a outras empresas e bancos."

Club do
LANCHE
 CHOPP, LANCHES, REFEIÇÕES E SORVETES

Sempre um bom
 atendimento para quem
 tem bom gosto e
 bom-apetite

Pça. João Pessoa, 25
 Fone: (011) 460-3959
 M. Cruzes – S.P.

ANOS

W&G
Boutique

**Você não pode
 deixar de conhecer !**

**R. JOSÉ BONIFÁCIO, 226 - CENTRO
 MOGI DAS CRUZES**

A voz dos pequenos

Região de histórias curiosas, o Alto Paraíba tem em um jornalista seu canal de ligação com o resto do Brasil

Judas Tadeu de Campos, 45 anos, é a porta de ligação entre o mundo e os pequenos municípios do Alto Paraíba. Diretor de escola, dono da funerária mais antiga de São Luís do Paraitinga e Ministro da Eucaristia há 19 anos, Tadeu escreve há duas décadas a história das mudanças sofridas pela região, sua gente, mostra seus problemas, o abandono por parte dos governos do Estado e da União. É o porta-voz de um grupo de cidades que não têm, juntas, nem 10% da população de São José dos Campos e que lutam para sobreviver às margens da industrialização do eixo do Vale do Paraíba. Tadeu é, antes de tudo, jornalista, correspondente desde 1969 de **O Estado de S. Paulo**, símbolo de um jornalismo simples, ligado à terra, de defesa do Alto Paraíba, quase uma carta avisando que as coisas ora vão bem, ora vão mal.

Sobrinho de um dos pioneiros do jornalismo luisense na década de 20, Tadeu começou a carreira por acaso, cobrindo para

o "Estado" as eleições municipais de Lagoinha, em 1969. "Não sabia nada. Fui escolhido por ser um dos dois únicos assinantes do jornal - o outro era o padre", recorda. Hoje, tem orgulho do que já fez: "Se somar tudo o que escrevi, teremos 20 anos da história regional."

Tadeu, mesmo jornalista por acaso, é fruto de uma tradição de jornalismo no Alto Paraíba, iniciada no século passado em São Luís da Paraitinga e em Redenção da Serra. Benedito Alexandrino de Campos, tio de Tadeu, foi fundador do "A Tesoura" em 1928, um jornal de oposição e muito briguento. "Era uma época de muita briga política", lembra Benedito, 86 anos, conhecido em São Luís como "Xinica". Mas o jornalismo na região nasceu 71 anos antes das "tesouradas" do seu "Xinica". Em 1857, em um Brasil imperial e escravocrata, surgiu "O Luizense", fundado por Bernardo Joaquim Dias - jornal de quatro páginas, que reinou absoluto até 1917, quan-

do a cidade ganhou a primeira rotativa e, com ela, um segundo jornal, "A Ordem".

E apareceu a concorrência. Os dois jornais pertenciam a grupos políticos diferentes dentro do Partido Republicano Paulista (PRP) e recheavam suas páginas de acusações e denúncias. Nessa época, São Luís do Paraitinga chegou a ter cinco jornais, com o lançamento de "O Paraitinga", em 1924, e de "O Ataque", autodenominado "raquítico e político" por sua precariedade, em 1927.

SEGREDO DO TEMPO - Ainda no século 19, entretanto, o Alto Paraíba chegou a conhecer outro periódico, "O Treze de Maio", um jornal que tem um segredo que só o tempo sabe. Não há exemplares conhecidos dele, não se sabe sua duração ou até se chegou a circular. A única pista do jornal é uma carta, endereçada à Câmara Municipal da então Vila de Redenção, assinada por Francisco B. Lopes Guimarães, oferecendo "as colunas desta Folha, para divulgação do Expediente desta Câmara, mediante a quantia de 37.500 réis por trimestre". A carta, é datada de 31 de julho de 1928, dá indícios do eterno esquema de subvencionamento aos órgãos de comunicação e foi dirigida a um jornal que, pelo nome, deveria ser de algum abolicionista.

A história do jornalismo do Alto Paraíba não vive, entretanto, apenas de velhas lembranças. A região tem experiências pionei-

INFORME PUBLICITÁRIO

Divivale: o melhor para o seu escritório

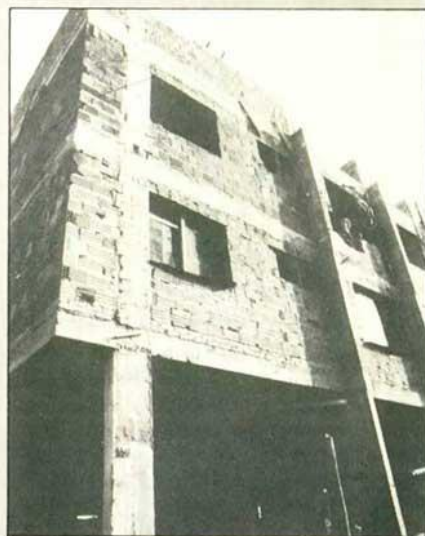
O ritual de trabalho do dia-a-dia pode até ser cansativo, mas torna-se mais agradável num ambiente leve e decorado com bom gosto. A **Comercial e Construtora Divivale Ltda**, agora também atuando no setor de construção civil, sabe como valorizar o seu escritório com o que há de mais moderno em termos de produtos e know-how.

Alicerçada numa tradição é oito anos em implantação de forros e divisórias, a **Divivale** foi a pioneira no ramo em São José dos Campos. Em pouco tempo conquistou as maiores indústrias da região, como a Kodak, Embraer, National, Petrobrás, Philips, Brahma, Unicolor, CST Engenharia, Ericson e Hitachi, por exemplo. Além de todo o Vale do Paraíba, a empresa presta serviços em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Hoje, a **Divivale** presta um serviço completo para escri-

tórios comerciais ou industriais. Tudo o que se possa imaginar, dentro do espaço físico do escritório, a **Divivale** cuida, inclusive serviços elétricos e hidráulicos. "Não queremos que o comprador fique preocupado em contratar vários empreiteiros. Por isso, não nos limitamos somente à implantação de forros e divisórias, mas também de móveis, pisos, telefones e até mesmo de antenas parabólicas", explica o diretor Armando Fiorito Filho. Ele reforça a tese dizendo que, quando o empresário contrata diferentes firmas para cada setor, o resultado final perde em harmonia.

Em termos de forros e divisórias, a **Divivale** trabalha com o que há de melhor no mercado, como as marcas Eucatex, Hunter Douglas, Alcôa, Fadamac (paviflex) e Santa Marina, entre outras. Mas não se limita apenas a representar essas firmas. A empresa tem uma divisão de produção própria de forros e divisórias.



Com uma equipe de arquitetos, decoradores e engenheiros, além da mão-de-obra, a **Divivale** alcançou estrutura suficiente até para entrar no setor de construção civil. Mas Armando ressalva que não pretende fazer concorrência com grandes empreiteiras, apenas cuidar do acabamento interno de escritórios. "Construímos alguns prédios, mas para uso próprio e pretendemos construir outros com a mesma finalidade".

Comercial e Construtora Divivale

Rua Itororó, 465, fone (0123) 22-7122
São José dos Campos, SP.



ras e episódios divertidos. Em 1977, os jornalistas de São Luís do Paraitinga fundaram uma cooperativa para lançar "O Chicote", transformado depois na Editora Chicote. Os jornalistas eram Judas Tadeu de Campos, José Alfredo Pereira Rodrigues, Sebastião do Nascimento Júnior, Sérgio Moradei e Marco Antônio Rio Branco. Mais tarde, o "O Chicote" foi substituído pelo "Correio da Serra", mudado para "Correio da Terra" para fugir da concorrência de outro jornal de nome semelhante, editado em Paraibuna.

"No 'Correio', fomos os pioneiros do jornalismo rural, com o 'Correio Rural', um suplemento voltado só para o homem do campo", afirmou jornalista José Alfredo. O jornal resistiu até 1982. Mas as curiosidades da imprensa luisense continuaram. Em 1984, novamente Judas Tadeu de Campos, ao lado de José Benito e Marco Antônio Rio Branco, voltou à carga com um jornal literário, sem compromisso com regras, o "Juca Teles do Sertão das Cotias".

Juca Teles era um antigo oficial de Justiça, Sertão das Cotias era São Luís do Paraitinga e o jornal tinha "correspondentes" em Santo Antônio do Paraibuna (Juiz de Fora), Planalto do Piratininga (São Paulo) e na Praia do Tombo (Guarujá). Esse livre exercício do jornalismo parou de circular em 1987, deixando em seu lugar apenas o "Boca Aberta", de Alexandre Medeiros, e

"O Morceguinho", em papel ofício e xerox, de Francisco Leiva.

HISTÓRIAS DE CENSURA – Todas as cidades do Alto Paraíba entram nessa história da imprensa. Jambreiro teve o "Jambreiroense", um jornal lançado sete vezes, a última em 1981, editado mensalmente por Benedito Ernesto Alves de Moraes. O jornal tem 600 assinantes "espalhados pelo Brasil todo". Lagoinha teve o "Lagoinhense", Natividade da Serra o "O Natividense" e Redenção da Serra conheceu seu primeiro jornal na década de 30 e o último de 1983 a 85, o "Boas Notícias", fechado porque seu diretor, Eduardo Simon, mudou-se para Caçapava.

Em Paraibuna, a trajetória da imprensa da região volta a ter contornos empolgantes. Com uma impressora trazida de Caragatutuba no lombo de burros, a cidade teve o primeiro jornal em 1904, "O Parahybunense", editado até 1910. Essa mesma máquina serviu para relançar, em 1936, o mesmo jornal, arrendada por Isidro Domingo e gerenciada por Jayme Domingues da Silva (mais tarde, eleito prefeito de Paraibuna). Oposição à Prefeitura, o jornal teve sua impressora – propriedade municipal desde 1911 – tomada. Com impressora nova e mais opositorista, o "O Parahybunense" recebeu do temido Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas,

uma carta de advertência, com relação a notícias com o sentido "de difamar as autoridades constituídas".

Ironia do destino, anos mais tarde, Jayme Domingues, já como prefeito, tentou censurar a "Folha da Serra", editada de 1980 a 83 por João Evangelista de Faria, Mauro Campos e João Carlos Braga. Passou de censurado a censor. Esse, entretanto, não foi o único caso de censura no Alto Paraíba. Na década de 70, Judas Tadeu de Campos não conseguiu noticiar no "Estadão" um fato que entrou para a história da região – o único assalto a banco do Alto Paraíba, ocorrido em Lagoinha. Em plena censura à imprensa, Tadeu viu "seu" assalto ser transformado em um trecho de "Os Lusíadas", do escritor português Luiz Vaz de Camões.

Nessa ocasião, a porta de ligação entre a região e o mundo esbarrou no "cadeado" do regime militar. Tadeu lembra o fato com bom humor, um caso a mais no meio de tantos outros vividos ou conhecidos no Alto Paraíba. De família luisense, nascido por acaso em Taubaté, mas criado em São Luís do Paraitinga, Tadeu não pensa em ter outra vida. Casado, sem filhos, ele se sente em casa nas pequenas cidades da região e realizado como porta-voz do Alto Paraíba. "Comecei por acaso, mas me encontrei na profissão", diz.

João Carlos Faria,
de Redenção da Serra



Decoração **NOVO LAR**

CARPETES: FADEMAC

BANDEIRANTE-TABACOW-SÃO CARLOS-ELO-ENTRURIA-ITA

Carpets, cortinas, forros e divisórias. Os melhores preços do Vale.

ORÇAMENTO SEM COMPROMISSO

Atendemos todo o Vale do Paraíba, Litoral Norte e Sul de Minas.

RUA HUMAITÁ, 116 - CENTRO
S.J.CAMPOS-SP

FONES: (0123)
22.4271 / 22.1992

ECONOMIA É LUCRO

- PREÇO SEMPRE EM BAIXA
- BOM ATENDIMENTO
- SEMPRE EM ALTA

SUPERMERCADO

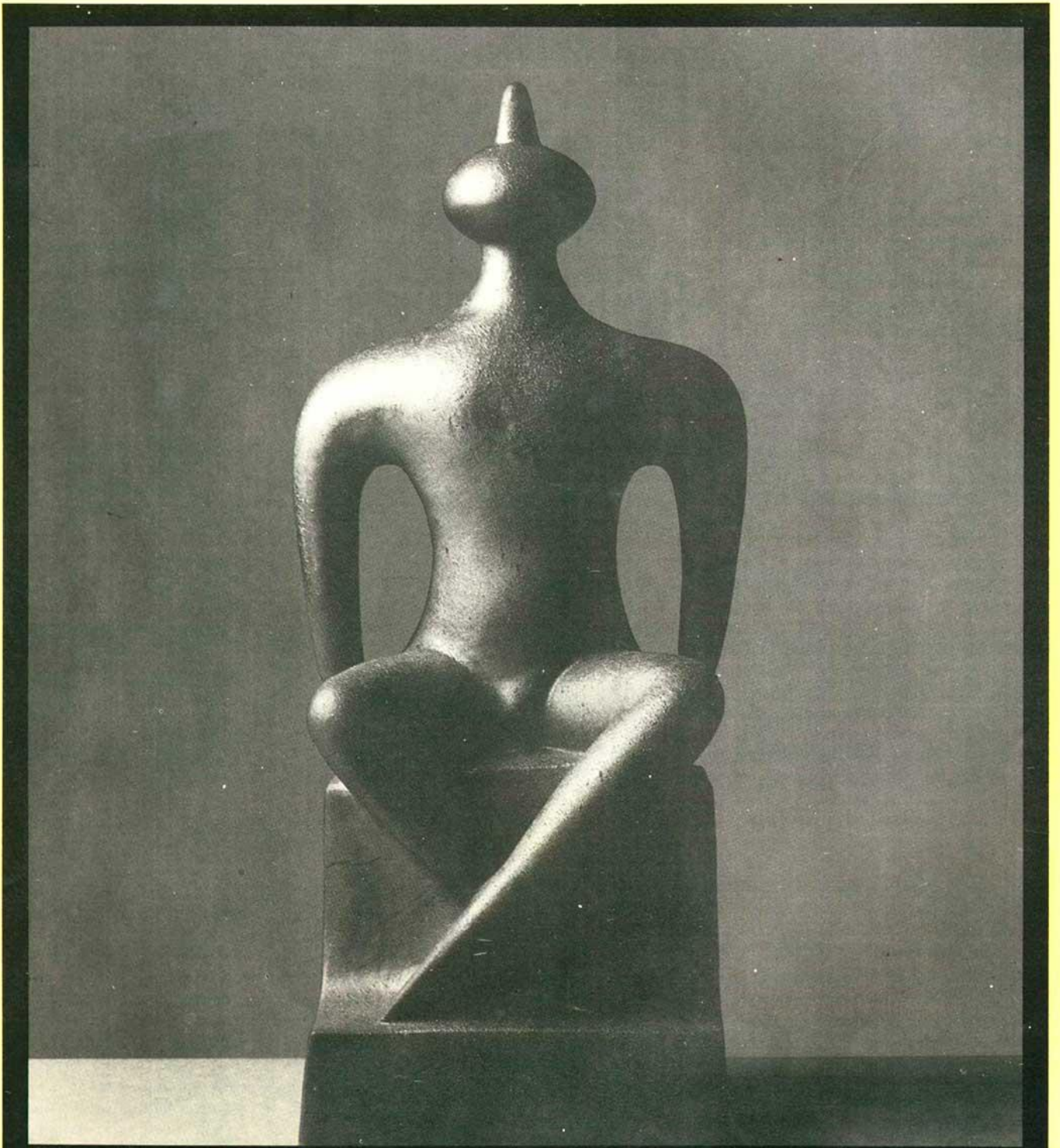


Vereda

AV. FRANCISCO FERREIRA LOPES, 2550 - BRÁS CUBAS - M. CRUZES

FONE: (011) 461-4490

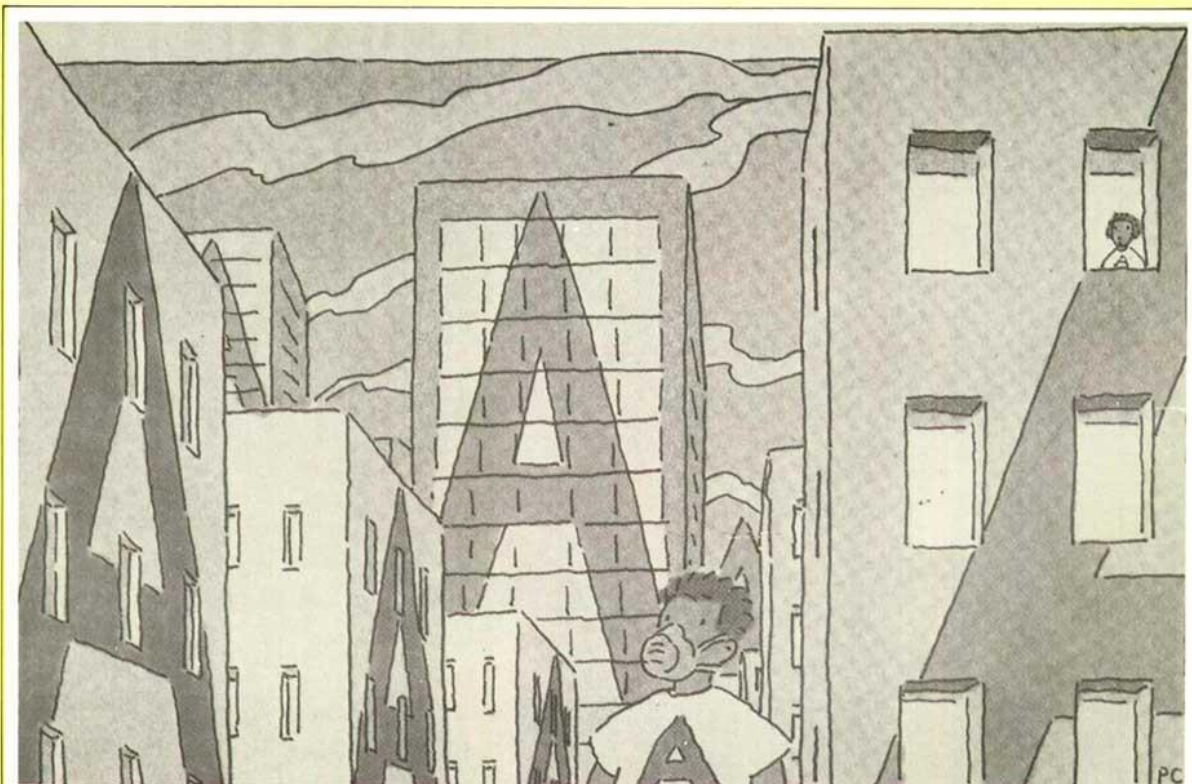
PANORAMA



O FOGO DAS FORMAS

O verde que vestiste

Depois de passar os seis primeiros meses do ano no hit-parade, a onda verde, a onda ecológica começa a abandonar os meios de comunicação no Brasil



A discussão de temas ecológicos não deve ser apenas uma onda passageira

Foram seis meses de sucesso. Sem sair do hit-parade. A ecologia tomou conta da mídia impressa e eletrônica. De corações e mentes. E agora o assunto chega ao fim do ano já caindo nas malhas do esquecimento. A revista **Veja** publicou, de janeiro a julho, um volume de informações ecológicas superior ao volume de informações publicadas durante os anos de 87 e 88. Os telejornais dificilmente iam para o ar sem uma, duas, três reportagens ecológicas. As TVs se arvoraram em editar e levar ao ar programas especiais cujo tema era o verde. O Fantástico, da Globo, e o Programa de Domingo, da Manchete, viraram porta-vozes da bandeira verde. Todos os dias a organização ecológica Greenpeace estava lá, na telinha brasileira.

No momento em que o país realiza sua primeira eleição presidencial livre em quase

trinta anos, o motivo para se discutir o futuro da natureza era grande. Mas não está sendo. Raramente se ouve um candidato falando do verde, da preservação dos rios, dos mares, dos animais. Parece claramente que o assunto está saindo de moda. O que é uma pena, o que é lamentável.

Apenas um candidato verde participa das eleições presidenciais. Fernando Gabeira, do Partido Verde, sem chances de vitória. Questiona-se até sua boa colocação. Tem gente que aposta que Marronzinho terá mais votos que o verde Gabeira.

Quem não se lembra do noticiário abundante sobre Chico Mendes? Por que o assunto saiu da pauta dos jornais? E a luta de Sting ao lado de Raoni? E as queimadas na Amazônia? Porque todos esses assuntos, como num passe de mágica, saíram do noticiário? Por que não se abre um

grande debate sobre o verde na televisão?

Os brasileiros e brasileiras precisam perceber que, apesar do assunto ter saído das páginas dos jornais e revistas, ele continua sendo um assunto da maior importância. Motivo de grandes discussões, de grandes polêmicas. Daqui a pouco estaremos entrando na década de noventa, no terceiro milênio. E nossos problemas ambientais são cada vez maiores e mais complexos. A hora é de discutir, conscientizar, mesmo que o assunto esteja, digamos, fora de moda.

É preciso estar atento a cada vazamento de óleo, a cada fumaça que escapa, a cada jacaré morto, a cada elefante desaparecido no continente africano. É preciso estar atento a qualquer informação. Mesmo que ela não ocupe mais as manchetes, os grandes espaços. Conservar a natureza é um assunto que deve estar sempre em moda. ●

O DOCE SABOR DA AVENIDA



Na mesma avenida onde você cuida das suas preocupações – a avenida dos bancos – você encontra agora um lugar para relaxar e saborear, de verdade, algumas das coisas boas da vida.

É a nova Mirella da **AVENIDA VOLUNTÁRIO FERNANDO PINHEIRO FRANCO, 228**. Lá você encontra a mesma qualidade e variedade das outras Mirella. A diferença é que agora, antes ou depois de ir até o balcão dos bancos, você pode dar uma paradinha no nosso balcão. E com um investimento bem menor, você consegue um resultado muito mais saboroso.

MIRELLA doces

Loja 1
Rua Dr. Paulo Frontin, 130
Fone: 469-1874

Loja 2
Rua Dr. Paulo Frontin, 91
Fone: 469-1874

Loja 3
Rua Barão de Jaceguai, 860
Fone: 469-7721

E AGORA NA AVENIDA DOS BANCOS

O charme, a beleza e o veneno

Não é uma flor, não é uma mulher. É a Orquídea Negra, que a Editora Globo coloca nas bancas para esquentar ainda mais o mundo dos quadrinhos



Os traços de McKean: modernidade

Imagine um fanático por histórias em quadrinhos, nos anos cinqüenta. Agora imagine congelar essa pessoa por mais ou menos uns quarenta anos. Agora imagine essa pessoa despertando, no finalzinho da década de oitenta. Agora imagine essa mesma pessoa pegando uma revista de história em quadrinho atual e folheando. Essa pessoa seguramente iria pensar que ali estava começando um sonho. Ou pesadelo.

A evolução do quadrinho nos últimos quarenta anos, é fato consumado. Como a TV, como o rádio. O antes e o depois. Como será que aquele fanático pelos super-heróis iria se sentir diante de um quadrinho tão moderno como **Orquídea Negra** (lançamento Editora Globo). Isso daria uma história. Em quadrinho.

A Editora Globo, que agora resolveu entrar prá valer no mercado de revistas no Brasil, resolveu também investir no merca-

do de quadrinhos, que cresce de maneira assustadora. Tudo o que as grandes editoras perderam no mercado de quadrinho tradicional, elas ganharam no mercado da modernidade. A Abril, que sempre foi Disney, está cada vez mais aberta a outros segmentos do mercado.

Orquídea Negra, uma graphic novel em três edições, é o retrato falado dessa modernidade. Escrita por Neil Gaiman e desenhada por Dave McKean, **Orquídea Negra** explora temas atuais e atinge a sublimação das histórias em quadrinhos. Usando recursos gráficos como colagens, fotografias, xerox, citações de mestres da pintura como Klimt e Bacon, os autores Gaiman e McKean acabam produzindo uma verdadeira obra de arte. Cada quadrinho pode ser lido como uma fotografia, como um quadro, como um poema.

Orquídea Negra, na verdade, surgiu há

muitos anos. Hoje, entretanto, a história dela é recontada de outra maneira e toma novos rumos. Beleza e poesia caminham lado a lado. O ambiente é o mais "gris" possível. Sombrio, corrompido pelo poder de um magnata sem escrúpulos chamado Lex Luthor. **Orquídea Negra** ressurgue como a mais rara das flores. Na verdade, ela é um híbrido que necessita das mesmas condições que uma planta precisa para sobreviver. Mas ela não é uma planta, nem uma mulher.

A minissérie promete muita aventura. Uma aventura diferente, romântica, às vezes até perfumada. Chique, com citações de Omar Khayyam. "Oh, venha com o velho Khayyam e deixe o sábio falar. De que a vida voa, não resta dúvida. Uma coisa é certa, o resto é mentira. A flor que desabrochou uma vez morre para sempre". **Orquídea Negra** coloca os quadrinhos nos anos noventa. Onde tudo pode acontecer. ●

O equilíbrio do barro

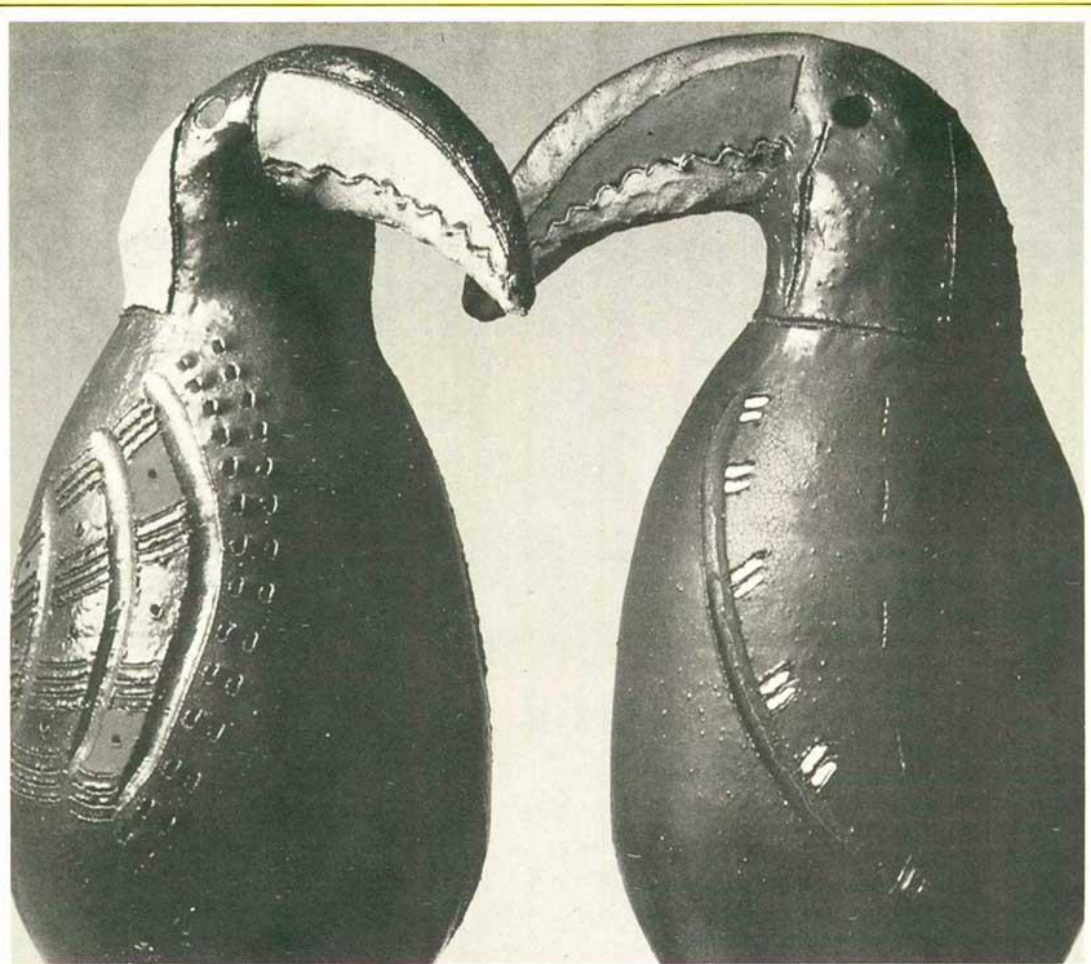
Depois de grande sucesso em Roma, Madri e Lisboa, oito ceramistas brasileiros mostram, no Brasil, suas criações

“O mundo contemporâneo é um lugar ao mesmo tempo acolhedor e ameaçador. Resgata o homem de muitas de suas misérias, mas o faz exigindo uma transgressão violenta do mundo natural à sua volta. A vertigem do equilíbrio perdido lança o homem em busca de seus sonhos restauradores. Neles, é preciso cada vez mais ousar o delírio, a utopia. O ceramista é um intérprete destes sonhos em busca da integridade rompida. As múltiplas formas que povoam o imaginário ganham expressão e realidade, no uso de elementos banais: o barro e o fogo”.

Este texto de L. Esmannoto, para roteiro de vídeo, ilustra bem o espírito da exposição **Formas do Fogo** que a Sala Fernandez Mera mostrou aos brasileiros. **Formas do Fogo** reuniu trabalhos de oito ceramistas brasileiros: Hylda Lucena Mello, Maurício Chaer, Jean-Jacques Vidal, Kimi Nii, Lica Cox, Clara Fonseca, Grace Gradin e Paulo James. Artistas, um dos grupos mais representativos de ceramistas. A contemporaneidade em fogo e barro.

São trabalhos cheios de brasilidade. A mulata de Hylda Lucena Mello convive em harmonia com a “Figura com Pernas Cruzadas”, de Maurício Chaer (foto da capa de **Panorama**), que trabalha em Mogi das Cruzes. Os “Pitóbulos” de Lica Cox também estão em perfeita harmonia com “Gravatá”, de Grace Gradin. São trabalhos distintos e afins.

A exposição, que já percorreu a Itália, Portugal e Espanha, com críticas sempre favoráveis, é um espelho moderno desta arte.



“Tucano”, 1960, de Jean-Jacques Vidal

Se alguns artistas optam explicitamente pelo belo, pelo puro, outros inventam formas urbanas e inquietas. Tudo dentro do ato de criar.

Maurício Chaer transforma-se em astronauta, para dentro de seu forno, reinventar seres. Paulo James investe na simplicidade absoluta. Grace Gradin, em seu forno primitivo, prepara plantas oníricas, de estações indefinidas. Kimi Nii faz poemas que transmitem a paz interior. Oriental. O traço fino, as cores sóbrias dentro de um clima sempre tropical.

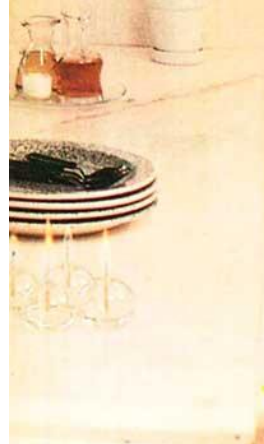
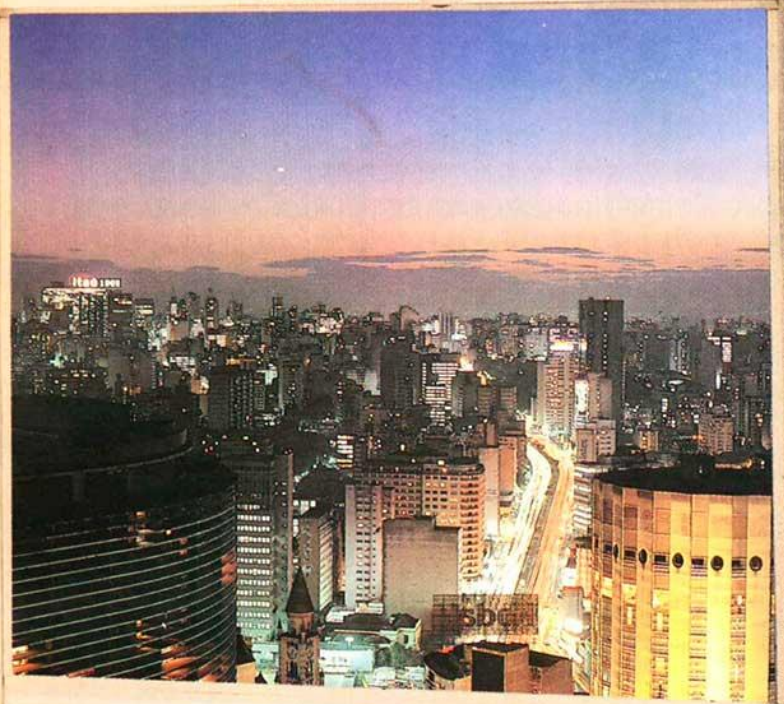
Os trabalhos expostos pelos oito cera-

mistas transmitem sonhos. Sonho que cada ser humano tem de dar novas formas, criar objetos imaginários, com luz e cor próprias. Reinventar a natureza. Redesenhar a pedra. **Formas do Fogo** foi uma boa oportunidade para mostrar aos europeus, novas formas e novos sonhos tropicais. A brasilidade presente de maneira moderna. A mulata baiana pode ser tão tropical quanto o neon. O tucano pode ser tão verde e amarelo quanto pequenas cidadelas de esmalte fosco. **Formas do Fogo** é tão Brasil quanto Japão. É só uma questão de reinventar. Recriar formas, recriar a natureza. ●



Aceita-se reserva

A Cuisine Elgin reserva para você a tendência marcante do design moderno. O conforto, a funcionalidade e a qualidade que você exige. Afinal você merece e nós sabemos disso.



Cuisine
O espaço mais gostoso da casa
ELGIN

Sinfonia de sons e imagens

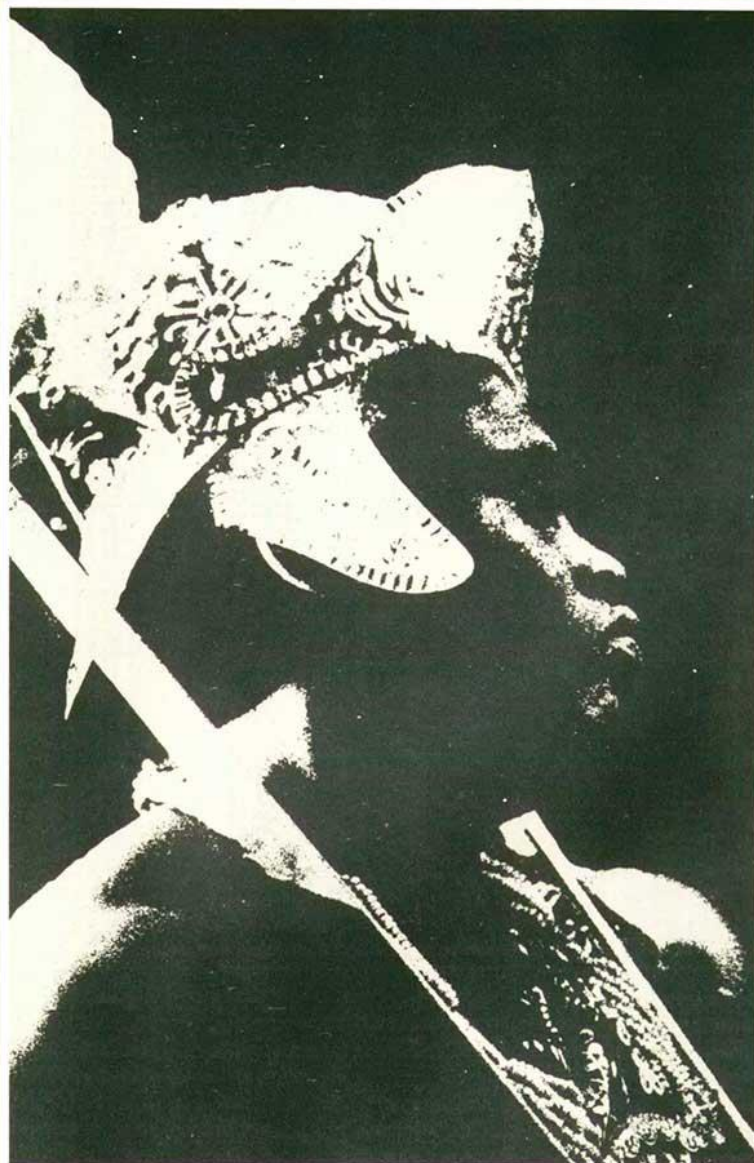
Um filme cheio de beleza e raça mostra a travessia do povo negro em busca de uma luz no fim do túnel. Orí, a luta continua

O filme **Orí**, de Raquel Gerber, é mais uma peça importante e fundamental para a luta dos negros. Não aquela luta tradicional, de ocupar espaços. Uma luta de cultura e civilização. De beleza, garra. **Orí** significa "cabeça". Termo de origem yorubá, consciência negra na sua relação com o tempo, a história e a memória. Em uma hora e meia de filme, **Orí** consegue ser um grande clipe. Comovente. Uma viagem por São Paulo, Minas Gerais e Alagoas. Uma viagem internacional pelo Senegal, Mali e Costa do Marfim.

A história de **Orí**, o filme, começa em 1977. **Orí** era apenas uma pesquisa cinematográfica de Raquel Gerber sobre a História e a identidade negra no Brasil. A idéia, o projeto inicial vai de encontro com as investigações históricas de Beatriz Nascimento sobre o Quilombo como história, ideologia e organização autônoma negra na América. E o projeto cresceu. Viajou.

O projeto **Orí** começou então a correr mundo, correr perigo. E transformou-se num filme denso, comovente, histórico. **Orí** é uma sinfonia de sons e imagens orquestrados por um gênio da nossa música contemporânea: Naná Vasconcelos. Naná conhece bem do assunto. O filme revela a emoção da luta pela liberdade do corpo e da alma dos povos da Modernidade do Ocidente: no cotidiano, nas festas, grandes festas como o Carnaval e nos ritos como o Candomblé, ressaltando o poder da Terra, dos Orixás e dos ancestrais.

Orí está dividido em três grandes partes, com um prólogo e um epílogo. Primeiro, Raízes e Genealogia. Segundo, Afirmação da Identidade e terceiro, a "luta pelo poder" e a "questão nacional", tendo como fundo a moderna história do Ocidente e da África, através do conceito de Quilombo. O filme mexe com o sangue. A música, presente a cada minuto, reforça e vibra. Bob Marley, Fela Anikulapo Kutí, Aretha Franklin, Gilberto Gil,



"Orí" é sinônimo de cabeça

Jimmy Cliff, Banda Black Rio e Caetano Veloso com sua comovente "Terra", carregam nas cores e nomes.

Orí é uma peça autônoma. Uma visão emocionada do mundo negro. Uma visão poética e quase delirante, que nos traz uma

nova visão da história do Ocidente, desde o encontro entre diferentes civilizações e continentes na época do Mercantilismo no século XVI. **Orí** é o próprio bonde da história. Bonde que partiu da África, correu mundo e se dirige rumo ao futuro. ●

O sentido de todos os sons

A Companhia das Letras coloca nas livrarias um livro totalmente fora do comum. Um livro que fala de música e mostra a música: O Som e o Sentido



“O Som e o Sentido”: música para leigos e entendidos

Aparentemente o livro **O Som e o Sentido**, do paulista José Miguel Wisnik, é um livro difícil. Aparentemente. Quem não conhece música a fundo, vai logo pensar que trata-se de mais um livro pesado, cansativo. Mais uma daquelas teses que viram livro e que permanecem estáticas nas prateleiras das livrarias. Quem pensar assim, está redondamente enganado.

Basta começar a ler as primeiras linhas de **O Som e o Sentido** – lançamento da Companhia das Letras – para perceber e decifrar que a obra é fácil e inteligente. Trata-se simplesmente de uma outra história das músicas. Trata-se de um livro objeto, para quem gosta e entende de música. Ou simplesmente para quem quer entender a música. Não apenas a música que está solta por aí. É um livro sobre vozes, silêncios, barulhos, acordes, tocatas e fugas. Em diferentes e diversos lugares do pla-

neta Terra. Ou melhor, do planeta Música.

Na apresentação do livro, Lorenzo Mammi, em poucas palavras, dá o tom. **O Som e o Sentido** é um livro de muitas possibilidades, um livro-instrumento – algo como um órgão de igreja com muitos registros, ou um canivete suíço de inúmeras lâminas. Pode-se, por exemplo, lê-lo como um guia – perfeitamente compreensível ao leigo como uma história sem nomes ou datas, constantemente apoiada em dois elementos básicos: o recurso à experiência acústica concreta e a comparação com as outras estruturas produtoras de sentido – a língua, o mito, a sociedade. Por outro lado, o músico ou aquele que está acostumado a ler sobre música vai se deparar com uma rede de questões (das físico-acústicas às estritamente ideológicas) que dificilmente se encontrariam, com tamanha amplitude e capacidade de in-

terconexão, nos textos especializados.

Um outro elemento serve de apoio às palavras tão bem traçadas pelo pianista, compositor e professor de literatura brasileira, José Miguel Wisnik. Trata-se de uma fita K-7 que acompanha o livro e que ilustra teoria e prática. A fita não é apenas um elemento auxiliar da leitura. É o passo-a-passo das formas – diferentes e múltiplas – do som. A fita que começa pelo canto de povo de um lugar termina com o mundo repetitivo de uma máquina de somar elétrica. Não se assuste. Os sons viajam pela África, pela região de Kouande (norte do Daomé), passando pela Sicília, na Itália. Vão a Turquia, Japão, Hungria. É uma viagem sem fim. Viagem ao mundo de Beethoven, Chopin, Bach, Mozart, Wagner. Música de gênios. Gente que nasceu para brilhar, para compor a trilha sonora do tumultuado planeta Terra. Música, maestro! ●

O maior shopping center da região.

VENDO TUDO

Família de mudança
para o Paraguai: veni
de mesas, cadeiras,
sofás, TV, som, bici-
cleta e muito mais.
Urgente!

Classi Diário

Poucas palavras. Muitos negócios.

469-8222

DIÁRIO

DE MOGI

O único da região.

CABINES E BALCÕES DE ANÚNCIOS

PRAÇA JOÃO PESSOA
Em frente Mogi Center - Centro

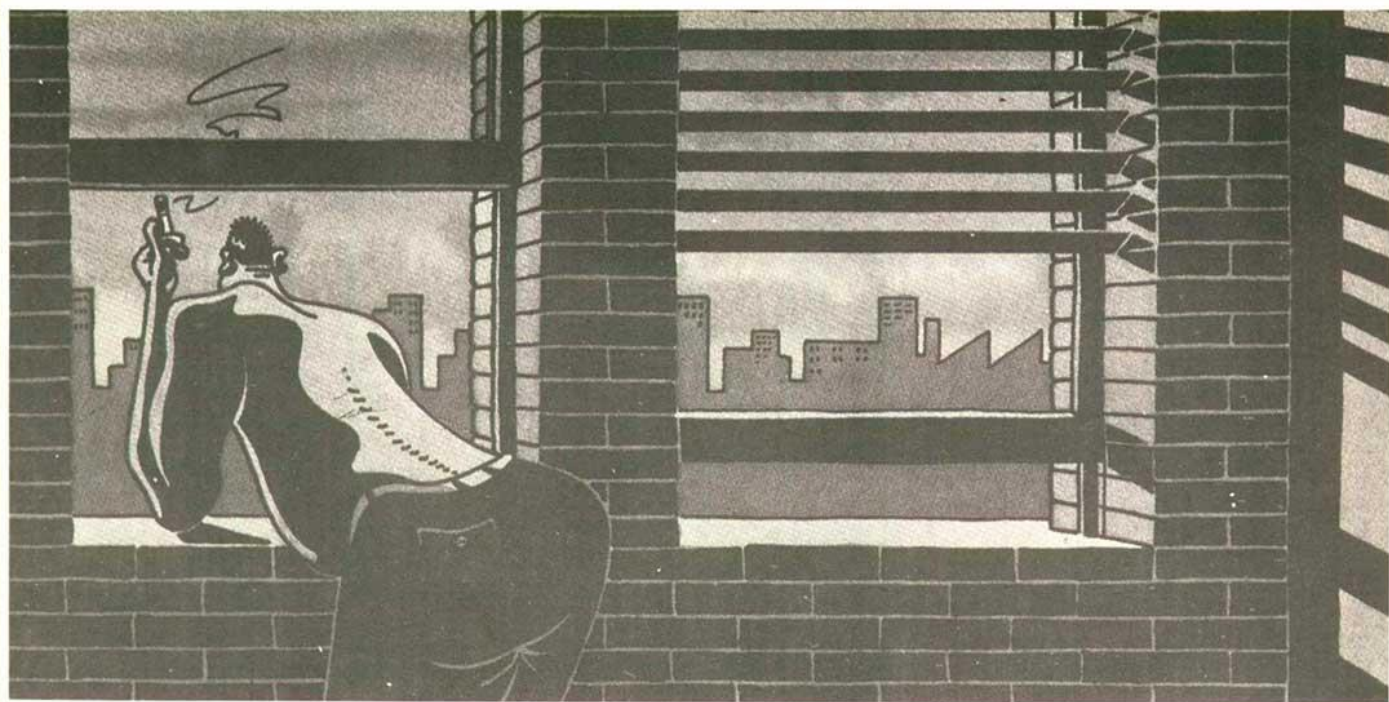
JARDIM DE BRAZ CUBAS
ao lado do Bradesco - Braz Cubas

RUA BARÃO DE JACEGUAÍ, 465 -
centro

RUA DR. RICARDO VILELA, 568 -
centro

O povo e os presidenciaíveis

Havia uma grande expectativa em torno do programa eleitoral gratuito na TV. Hoje, existe um certo tédio no ar. E a certeza de vários Brasís



Horário gratuito: o mundo na tela e na janela

A primeira palavra que qualquer pessoa lembra quando se fala em político, é demagogia. Principalmente quando o assunto é campanha eleitoral. É comum ouvir de qualquer cidadão brasileiro a expressão: "eles prometem, prometem e nunca cumprem nada". Ou: "são todos uns demagogos". É claro que muita gente não pensa assim mas, com o horário político gratuito na TV é certo que a maioria não esperava grandes coisas dos candidatos. Apenas promessas, promessas e nada mais.

O que se verificou durante o horário político gratuito concedido pelo Tribunal Superior Eleitoral aos 22 candidatos à Presidência, além das promessas, foi uma vontade grande, muito grande, de cada candidato, em estar na rua. Rua mesmo. Rua brasileira, feia, suja, ali bem perto da pobreza. Nos dias de campanha pela TV se viu candidato em favela, em botequim, dentro de ônibus, às cinco horas da manhã na porta de fábrica. Uma visão surrealista.

A visão é surrealista porque pôde-se perceber claramente que aquele candidato bonitinho, de terno e gravata, não tinha nada a ver com aquela calçada suja ou aquele barracão descascado. Que tem a ver tem, mas ficou claro que certos candidatos (a maioria) só frequenta o baixo Brasil na hora de pedir voto. É a demagogia ao extremo. Alguém imagina um senador andando de ônibus, conversando animado com o trocador? Ou tomando um cafezinho num boteco de periferia? Ou simplesmente na calçada de uma metrópole, tropeçando em mendigos e prostitutas?

A impressão que fica é que o candidato de tanto conviver com a miséria brasileira, durante a campanha, depois de eleito fica tão assustado que se fecha em palácios e não quer nem ouvir mais falar em cheiro de povo. Pelo menos é o que tem acontecido. Alguém consegue imaginar que o eleito vai continuar na rua, com o povo? Pelo menos para sentir de perto o que é sobreviver

neste país? Todos os dias foram mostradas cenas de miséria na TV, via programa eleitoral. E aquele candidato bonzinho falando assim: "Pois é, dona Maria, o café que a senhora acabou de me servir..." Como seria bom ver um candidato, depois de eleito, ao lado do povo.

É impressionante o volume de imagens de pobreza que se apresentou durante o horário cedido pelo TSE aos presidenciaíveis. Miséria às vezes absoluta. Depois de cenas explícitas de miséria, veio a eleição. Aí o cenário mudou. O fundo passou a ser sempre Brasília com seus suntuosos palácios. Miséria, jamais. A miséria, depois de eleita, passa a ser termos incompreensíveis de economia, com políticos tentando explicar que tudo vai muito bem. Aquele cafezinho com dona Maria, coisa simples, do povo... nunca mais. O horário político gratuito na TV mostrou claramente o Brasil como ele é. Só não mostrou os políticos como eles são.

Alberto Villas

Finalmente juntos

Depois de muita discussão, muitas entrevistas, muitos rumores e quatro discos solos, os Rolling Stones estão de volta. Em carne, osso e rock

Se dependesse dos boatos, os Rolling Stones já teriam voltado há muito mais tempo. Mas teriam acabado também há muito mais tempo. Se dependesse dos boatos, os Beatles já teriam voltado. Mas desta vez é sério. Depois de dois discos solo de Mick Jagger, um de Keith Richards e um de Charlie Watts, a maior banda de rock de todos os tempos está de volta, bem no finalzinho da década. E não apenas no vinil. Os Rolling Stones começaram via Estados Unidos uma mega turnê que só vai acabar quando o gás acabar.

Steel Wheels (lançamento CBS) é o produto desta reconciliação. Um produto que não deixa a menor sombra de dúvidas. Os Rolling Stones são os reis do rock. Nesses quase trinta anos de rock, a banda voltou porque está viva. Veio, mais uma vez, para provar que isso ainda é rock and roll. Imagine só quanta coisa se passou na estrada do rock. Desde os primeiros acordes de Chuck Berry, Elvis, até os trejeitos dos Smiths e do Sugar Cubes. Passando pelo punk do PIL e do Clash, passando pela ska, pelo romantismo do Cure e o reggae do BAD. E os Rolling Stones estão aí. Vivos, como mestres. A impressão que fica é que o rock passa, os Rolling Stones não.

Steel Wheels são doze composições, todas inéditas, no melhor estilo Jagger/Richards. Rock puro, sem firulas. A crítica inglesa, entusiasmada com a volta da banda, chegou a afirmar que o novo disco seguramente estaria entre os melhores do grupo, se não o melhor. É claro que é um exagero. É difícil dar notas a cada trabalho dos Stones. Já são tantos anos de rock, tantos, anos, que fica difícil dizer o que é mais significativo, menos significativo. Enquanto uns afirmam que o melhor trabalho é o último, os fãs mais ardorosos garantem que o melhor ainda é "Satisfaction", o primeiro.

O importante é ter certeza que **Steel Wheels** tem rocks energéticos como "Sad Sad Sad" (que abre o disco) e canções como "Mixed Emotions", no melhor, bom e melhor estilo do grupo. Os Rolling Stones são mais que uma lenda viva. Uma lenda em carne viva. Os quase cinqüentões do rock chegam ao final da década com o pi-



Rolling Stones: o rock faz a força

que todo, como mestres do rock and roll.

"Blinded by Love", "Rock and a Hard Place" e "Continental Drift", por exemplo, são verdadeiros metais preciosos. "It's as pure as silver/It's as pure as gold/It's a rushing river/ Let it run all over me" (Continental Drift).

No início da década, Mick Jagger afir-

mou, numa antológica entrevista, que não queria chegar ao final da vida, vovô, cantando "Satisfaction". Jagger está quase chegando aos cinquenta cantando "Sad Sad Sad", como mesmo vigor, com a mesma força como se estivesse cantando "Satisfaction", aos vinte. O que é muito emocionante para o rock and roll. **Alberto Villas**

ato

Social

Niver

Márcia Antico Prata Silva, ao lado do marido Stael, superintendente do Terminal Almirante Barroso da Petrobrás, recebendo amigos num fino jantar para comemorar seu aniversário. Vai ser no salão do Hotel Porto Grande e, entre os convidados, o multi-candidato a ministro, Ozires Silva, e gente amiga dos vários escalões da Petrobrás.



Helena Gennari Rudge (Sra. Gilson Rudge) é o exemplo do dinamismo e da participação da mulher em nossa sociedade. Além de cuidar com muita dedicação dos três filhos (Felipe, Fábio e Maria Beatriz), comanda, ao lado de sua sócia Cecília Vesanterã, a Manifarma (farmácia de manipulação). Ela ainda encontra tempo para viajar com a família e freqüentar o circuito social mogiano. A foto é de Gerson Garcia.

Nobel da Paz Peão Boiadeiro

Aos 54 anos, de óculos, quase inteiramente calvo e sempre sorridente, o cidadão sem pátria Tenzin Gyatso parece um simpático professor secundário, em meio aos telescópios que adornam sua casa em Dharmslaa, cidade da Índia a quase dois mil metros de altitude, na fronteira com a China. Entretanto, Gyatso – Nobel da Paz 89 – é ninguém menos que a reencarnação da compaixão de Buda, um deus-homem venerado por seis milhões de tibetanos. Mais conhecido como Dalai Lama (Gram de Sábio), concentra em si a ciência de uma filosofia de uma religião de 2.500 anos e corre o mundo dando palestras sobre a situação na religião. A entrega do prêmio será dia 10 de dezembro, em Oslo, na Noruega.

Sob comando do secretário de Esportes e Turismo, coronel Justino Siqueira, e promoção da Prefeitura de Mogi das Cruzes, foi realizada a I Festa do Peão Boiadeiro e Cavalgada. Durante quatro dias os mogianos puderam ver de perto montarias e provas como a do laço de bezerro, cavaleiro e dama e pega garrote.

Bilhões de anos

Dois pedaços de granito com 3,96 bilhões de anos foram encontrados no Norte do Canadá. Eles são 100 milhões de anos mais velhos do que as rochas desenterradas na Groenlândia e na Antártida, consideradas, até então, as mais antigas. Há sinais de que na mesma região existem rochas com 4,1 bilhões de anos.



Esse rosto, conhecido no país todo pelas capas de revistas como Moda Brasil, Cláudia, Clip e outras, é de Denise Portela, uma das principais modelos de Guaratinguetá. Tem 24 anos, é casada com José Hélio Galvão Nunes e tem dois filhos, Mariana e Thiago.



SOLANGE NUNES

SOCIAL

Em momento de concentração, Eduardo Simbalista, diretor da Globo no Vale do Paraíba, Octávio Florisbal, diretor da Central Globo de Marketing, e Carlos Alberto Missirolli, diretor comercial da Globo. O encontro foi logo após a palestra de Florisbal para o pessoal de Mídia do Vale do Paraíba, abordando o tema "O Uso da TV Regional para Promover Negócios". Pouco depois, o grupo voltou a reunir-se em torno da campanha comemorativa do primeiro aniversário da Globo Vale do Paraíba. Aí juntaram-se ao grupo o prefeito Joaquim Bevilacqua, o editor regional da Globo, Carlos Karnas, e o gerente comercial, José Maia, enquanto o Relações Públicas da Volks/Taubaté, Orneli Ferraz foi servir-se do precioso líquido.



From Guará

Dicas do eclético José Luiz de Souza:

- O poeta José da Silva Lacaz, o Tuvira, lança no dia 25 de novembro o seu quarto livro: Rua da Estação. O projeto gráfico, a exemplo dos anteriores, é assinado pelo artista Guto Lacaz.
- O historiador José Luiz Pasin é o entrevistado do mês e o perfil será o da presidente da UDR de São Paulo, Ana Maria Ferreira Leite Pinto. São os assuntos principais da nova edição da revista **Tribô 90**, com lançamento previsto para início de dezembro.
- A sociedade do Médio Vale do Paraíba já programa sua presença na IV Festa de Natal que o próprio José Luiz (foto) organiza no Restaurante Esperança. Será no dia 5 de dezembro e vai reunir empresários, artistas e o beautiful people regional.



GMART

Novembro é mês de arte na General Motors. Pela décima terceira vez, a ADC GM está organizando uma bial para apresentar trabalhos artísticos de funcionários e seus familiares, tanto para os companheiros de fábrica como para o público em geral, que poderá visitar a GMAERT, no salão de jogos da ADC, entre os dias 23 e 26 de novembro, de 15 às 23 horas. A organizadora da mostra, Rosa Lúcia Baltieri, garante que a promoção vem crescendo de importância como meio de integração dos funcionários e de expressão artística. Foram selecionados trabalhos de pintura, fotografia, escultura, artesanato e desenho.

Soliva, já!

De vice em vice, Agustin Soliva vai chegando lá, pertinho da presidência internacional do Lions Club. Para dar mais um passo, ele reuniu em São José dos Campos vários governadores e ex-governadores, Leões brasileiros e latino-americanos de vários países. Serviu-lhes um jantar exemplar e, na sobremesa, preparava os votos para eleger-se terceiro vice-presidente internacional da entidade. Esse é o caminho natural no Lions, pois só quem vai galgando os postos de vice tem chances de chegar à presidência.

Curtas & Boas

- Depois de promover a mais ampla reforma administrativa que o Ita já sofreu até hoje, o professor Jessen Vidal está de volta à reitoria do Instituto, empossado no dia 20 de outubro.
- A 27 de outubro, quem inaugurou exposição de seus quadros foi o grande pintor regional Itacaramby.
- O comércio da região deixa de lado, temporariamente, as feras e vai escolhendo suas belas. Em Taubaté, a Miss Comércio foi escolhida no dia 18 de outubro, e a de Jacareí será eleita em 26 de novembro.
- O mega-empresário Antônio Emílio de Moraes acabou virando semi-paraninfo. Tudo por causa da festa-baile, do show de strip e das transmissões de mensagens de baixo nível com que os formandos do Ita resolveram marcar sua passagem pelo Instituto. A formatura continua marcada para 16 de dezembro, mas sem os formandos que escolheram Emílio como paraninfo.
- Falando nisso, há empresários por aí que continuam dando show de intransigência e inconsistência política em torno das eleições. Que tomem julzo, pelo menos, para enfrentar o segundo turno.
- Kiko (José Francisco de Oliveira Duque) promete fazer muita onda para movimentar o surf nesta temporada e agitar o Litoral Norte com o fortalecimento da entidade que preside, a Associação de Surf de São José dos Campos. Pelas idéias apresentadas no coquetel realizado no Sesc e pelas metas previstas para o ano que vem, muitos torneios, promoções e cursos virão.
- No Dia do Aviador, 23 de outubro, o brigadeiro do ar Sérgio Xavier Ferolla, diretor do CTA, recebeu seu título de Cidadão Joseense concedido pela Câmara Municipal. Parabéns.
- "Arquitetura para o Lazer e a Educação" é o título da exposição realizada pelo Sesc e Senac. Ela foi aberta pelo presidente da Federação do Comércio, Abram Szajman, no Sesc Pompéia. Como expositores, nada menos que o genial Sérgio Bernardes, o criador do projeto "Circo Voador", Perfeito Fortuna e o arquiteto Érico Weidle que participaram de um painel para aprofundar a discussão sobre as possibilidades e limites da arquitetura contemporânea na solução dos problemas de espaço para educação e lazer nas médias e grandes cidades.
- Muita gente surpreendeu-se e houve todo tipo de reação. O fato é que a Noite da Kananga, no mínimo, serviu para mostrar o que alguns sabiam e muitos duvidavam: as colunistas sociais Maria Encarnação e Neuza Mantovani, promotoras da festa de ativar a Globo, estão

mais juntas do que nunca. E provaram, embora não precisassem, que nada têm uma contra a outra.

- Célia Euvaldo (foto), com suas obras em nanquim sobre papel, é um dos destaques na coletiva "O Pequeno Infinito e o Grande Cincunscrito", realizada pela Galeria Bruno Musatti, em São Paulo, de 5 de outubro a 10 de novembro.



Moda & idéias

Empresários de moda, criadores, estilistas e modelistas já têm à sua disposição um grande elenco de sugestões para a moda outono-inverno de 1990. Trata-se do Icla Fashion, um guia lançado pela Icla Comércio e Indústria com mais de 200 croquis-sugestões de estampas para a produção de galões, etiquetas, apliques, pedrarias e outros recursos, além de todo o histórico sobre as inspirações da coleção, os temas, peças-chaves, tecidos e acessórios que vêm por aí. O caderno Icla Fashion é um serviço pioneiro criado para auxiliar confecções, empresas de calçados e acessórios no desenvolvimento de idéias e sistemas para decoração de produtos. A distribuição é gratuita, bastando ligar para (011) 825-9535.



Lécia Bertolini Pereira, aniversariante de novembro (29), vai reunir amigos num jantar para comemorar.

Caixa Alta

NOVO PRESIDENTE – Massaki Inue é o novo diretor da Panasonic no Brasil. Ele assumiu o cargo no mês passado e substituiu o Toshiro Yamada que, depois de vários anos morando em São José dos Campos e presidindo o grupo na América Latina, foi designado para novas funções na sede da empresa, em Kadoma, no Japão.

YÁZIGI – O instituto de Idiomas Yázigí acaba de unir-se ao Trans World Exchange (TWE) para constituir o Yázigí International, marca de patente mundial que incorpora definitivamente uma filosofia de amplo intercâmbio cultural que permitirá aos alunos fazerem cursos em oito países nas áreas de computação, hotelaria, e pós-graduação em línguas. A boa notícia foi anunciada durante coquetel na sede do Yázigí de São José, na rua Presidente de Moraes, 670. O diretor da escola é o dinâmico Renato Gossemelli de Andrade.

NOVO PÃO – Alice Bertolini Pereira (foto) é a mais nova franqueada da finíssima Pão & Cia, uma casa especializada em pães finos que, pelo sistema de franchising está vindo para São José com inauguração para breve. Para tornar a casa bem conhecida, Alice promete abrir espaço todas as tardes para a degustação de seus principais produtos. Os franqueadores, detentores da patente comercial, estarão na loja durante a primeira semana para supervisionar o seu funcionamento e para dar a maior força no esquema de marketing.



KODAK – A empresa é mais uma vítima da política cambial brasileira que deixa o dólar num preço irreal em relação ao cruzado novo e ao próprio dólar no exterior. A matriz da Kodak, a Eastman, em Rochester (EUA) planeja retirar do Brasil a fabricação das sofisticadas câmaras Kodak S-500 – o modelo mundial cuja principal base de produção é no Brasil para fornecimento a 100 países. E ainda cancelou projetos de grande importância na área de produção de papéis e filmes fotográficos.

AVIBRÁS – Só um grande contrato salva a Avibrás. A crise é tão profunda que o presidente da companhia sequer teve sossego para participar de uma exposição das mais importantes do mundo, a movida pela Associação do Exército dos Estados Unidos, formada pelos fabricantes de armas que fornecem ao Exército dos Estados Unidos. A Avibrás montou stand no Hotel Sheraton, em Washington entre 16 e 18 de outubro, enquanto Verdi ficou no Brasil pedindo a compreensão dos empregados pois não havia dinheiro para pagar 85% de seus salários.

INAUGURAÇÕES – A Patrol inaugurou a 18 de outubro sua primeira loja de armas e produtos de segurança, na avenida Adhemar de Barros, 545, expandindo suas atividades. Casando imagem e som, a Over Point – Disco e



Vídeo é a mais nova casa noturna de São José dos Campos, instalada na rua Engenheiro João Fonseca, 66.

ANNA PEGOVA – Bronzeado sem rugas e queimaduras, esta é a nova fórmula de Anna Pegova para o verão. É a Linha Solar Pegotan que previne e repara todos os efeitos nocivos do sol em todas as camadas da pele, proporcionando bronzeado mais seguro, bonito, uniforme e duradouro. São produtos à base de extratos vegetais, vitamina E, Elastina e Aloé. A linha tem o Gel, o Leite, o creme e o charme do Kit Solar com uma sacola inflável que se transforma numa confortável almofada de praia (foto acima).

GENTE – Jaime Lúcio Ribeiro Passos, depois de vários anos de dedicação, demitiu-se do cargo de gerente da Eaton e lançou-se num empreendimento próprio. É agora sócio da Traversim Engenharia e Construções, junto com Felizardo Traversim Filho e Marli Traversim. A empresa já é tradicional na cidade e atua em construção civil, instalações industriais, projetos, linha de transmissão elétrica e rede de distribuição, entre outras atividades do setor.



Em pose exclusiva para esta coluna, a loiríssima Débora Cristina de Almeida que, aos 21 anos, cursa o 3º ano de Biologia na Universidade de Mogi das Cruzes. Formada em piano, nas horas de folga curte música e ginástica. Sem sombra de dúvida, Débora irradia sua beleza pelo circuito jovem mogiano. (Foto Lailson Santos)



Juçara Borba foi alvo de inúmeras demonstrações de carinho, na tarde em que recebeu mais de cinquenta amigas, em sua morada da Milton Pereira, para comemorar mais uma rasgada de folhinha. Entre elas, Eliana Lopes Pereira, na foto, ao lado da anfitriã.

Velho Continente

Terezinha e Jaime Grinberg, os simpáticos e sempre queridos amigos, estiveram excursionando pela Europa em ritmo de férias. Passaram pela Suíça, Alemanha, França e outras capitais. De Paris, me enviaram um bonito postal. Merci pela lembrança.

Na Catedral

A bela Mary Angela Amorim trocou alianças na mão esquerda com Ricardo Dalle Nogare, durante cerimônia oficiada, no início do mês, na Catedral de Santana. Filhos de Genny e Walter Amorim e de Ida e João Dalle Nogare, após a benção nupcial receberam seus convidados no salão de festas do Buffet Pinhal.



Joaquim Rodrigues Neto e sua mulher Angela felizes da vida com o sucesso da coleção masculina de Giorgio Armani, entre os mogianos que fazem questão de estar sempre em dia com a moda. Para quem não sabe, a Rig é representante exclusiva da griffe, que dispensa comentários.



Durante cerimônia religiosa, oficiada na Catedral de Santana, Cristina Sato e Cláudio Tanaka (diretor do Departamento de Abastecimento Agrícola) trocaram alianças na mão esquerda, na presença de centenas de amigos e familiares. Após a benção nupcial, acolitados por seus pais Miyeko e Akiro Sato, Shizuko e Akira Tanaka, receberam convidados na Associação Cultural Esportiva Bunkio, onde ofereceram recepção das mais bem cuidadas.



A sempre bela e querida amiga Sylvania Pires Grinberg (Sra. Saul Grinberg) enfeita com seu sorriso a edição deste mês, em foto assinada por Gerson Garcia.

De Londres

De Londres, o fotógrafo e amigo Gerson Garcia mandando boas novas. Após três meses em um dos melhores cursos de fotografia, ele se prepara para voltar ao Brasil, reabrir o Flash Stúdio e utilizar as técnicas que aprendeu, e que, aliadas ao seu talento inato, farão seu trabalho ainda mais reconhecido.



Marco Aurélio Namura (na foto, ao lado de Terezinha Miranda de Paula e Terezinha Furlan Scavone) recebeu dezenas de convidados na Parada Galeria de Arte, para o vernissage de sua mostra "Paisagens Campestres e Casarios do Interior da Itália".

Agenor Luz Moreira

O presidente da indústria eletrônica Tecnasa fala do desenvolvimento de um radar para o caça tático AMX

A banca que esse advogado de 53 anos mantém em São Paulo tem despertado a inveja de inúmeros de seus pares, embora ele fique no escritório apenas dois dias por semana. Na maior parte do tempo, Agenor Luz Moreira é presidente de uma indústria de porte médio no número de empregados, de boa rentabilidade e uma tecnologia tão avançada quanto poucas companhias brasileiras – a Tecnasa Eletrônica Profissional, agora fabricante de radares, equipamentos de comunicação e navegação aérea e uma série de outros itens sofisticados.

Há 12 anos, ele foi convidado por seu amigo de infância, o engenheiro eletrônico Sebastião Pontes, para trabalhar na Tecnasa como assessor jurídico, acabou na diretoria e, seis anos depois, chegou à presidência, já como um dos sócios controladores da companhia de pouco mais de 400 empregados. Os dois amigos ficaram pouco tempo distantes – separaram-se quando Pontes foi estudar no Ita e Agenor preferiu fazer Direito na Faculdade Mackenzie, em São Paulo, e daí para o mestrado e doutorado.

– Também fui professor na Mackenzie e, nos tempos de estudante, fui orador da turma, orador do Centro Acadêmico, militante na política estudantil, na UEE (União Estadual dos Estudantes) e só por acaso eu não virei político, talvez porque a oportunidade não surgiu na hora certa.

– Essa vivência o ajudou na direção da empresa?

– Sem dúvida alguma. Uma certa base política, própria do advogado, a formação em Direito e minha atuação nesse campo acabaram favorecendo o meu trabalho como empresário. Aqui, eu cuido da parte política da empresa, da administração e negociação de contratos comerciais, no país e no exterior. Da mesma forma, a vida na empresa acaba ajudando minha atuação de advogado, porque eu tomo contato amplo com as questões financeiras, administrativas e comerciais, temas que sempre estão em jogo num escritório de advocacia.

Para compatibilizar essas atividades, Agenor acaba levantando-se de madrugada algumas vezes por semana para ter tempo de estudar um pouco e atualizar-se em processos penais e estudos de casos. Sobra pouco tempo para o lazer – ele gosta de jogar tênis quando é possível – pois além de tudo existem as viagens de negócio ao exterior. “Nessas oportunidades eu sempre aproveito para uma esticada de alguns dias em lugares agradáveis, próximos das cida-



Agenor: participação do empresário para a democratização

des para onde vou a negócios”, explica.

Sua grande paixão, no entanto, é o mar. Em todos os fins-de-semana ele faz questão de ir para a bela casa que mantém em Ubatuba, entre as praias do Perequê-Mirim e Santa Rita. Lá, pega o seu barco e sai para o alto mar bem cedinho, e só retorna quando o sol está indo embora. Em todas as suas atividades, Agenor Luz Moreira obedece fielmente a uma máxima: “Em toda a minha vida, só faço as coisas que gosto.”

No momento o que ele mais gosta é de

falar do sucesso da Tecnasa. “Nossa empresa tem sido citada em muitas publicações estrangeiras como uma das mais avançadas em tecnologia aeroespacial e isso é uma conquista muito importante para nós e para o Brasil”, avalia Agenor. Especialmente porque, por muito tempo, o país foi extremamente dependente de produtos sofisticados, mas hoje, na visão do presidente da Tecnasa, quase já pode limitar suas importações a componentes mais sofisticados. “Isso poupa divisas, evita a dependência tecnológica e coloca o Brasil no mercado que antes era dominado apenas pela grandes potências”, observa.

– Que contribuição a Tecnasa está dando nesse campo?

– Principalmente no desenvolvimento e produção de equipamentos eletrônicos sofisticados aeroespaciais. Como os do sistema Dacta para controle e defesa do espaço aéreo, para auxílio à navegação aérea. Para o Inpe, estamos fazendo o transponder a ser utilizado no satélite nacional. Estamos entregando um radar meteorológico para a Aeronáutica e participando, também, do programa do caça tático AMX.

– O que o senhor considera como mais importante?

– É o desenvolvimento do radar para o AMX que estamos fazendo junto com uma empresa italiana, a SMA. No mundo todo há somente nove empresas que fazem radares militares e o Brasil será o primeiro do Hemisfério Sul a entrar nesse campo. Para acompanhá-lo, estamos desenvolvendo também um equipamento vital de guerra eletrônica. O primeiro protótipo do radar voará no início do ano que vem. Esse é um programa amplo, que representa para a Tecnasa muitos ganhos reais e globais, pois nos permitiu um avanço muito grande, a ponto de nos capacitar para utilizar sistemas CAD-CAM para projetos de engenharia assistidos por computadores.

Agenor também espera que o país, além do campo tecnológico, avance rapidamente na política. Ele defende a participação do empresário no processo de democratização. “Falta a todos nós um pouco mais de patriotismo e responsabilidade, consciência de que o voto é sempre dado no futuro do país e como instrumento de aprimoramento, e de que, para que o processo chegue a bom termo é preciso que todos saibam conviver bem com os extremos e a respeitar a vontade da maioria”, finaliza. ●



Edson: 3º lugar na Olimpíada de Matemática

Edson Roberto Abe, de 18 anos, é considerado um dos gênios das disciplinas de Matemática no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (Ita). Natural de Olímpia (SP), na região de São José do Rio Preto, e cursando o primeiro ano de Engenharia Eletrônica no Ita, ele foi um dos seis estudantes brasileiros a participar da Olimpíada Internacional de Matemática, realizada entre os dias 18 e 23 de julho passado, na cidade de Braunschweig, na Alemanha Ocidental. Edson acabou em terceiro lugar, enquanto os outros cinco brasileiros, de Salvador, Rio e São Paulo, saíram-se tão mal que a equipe nacional acabou em 36º lugar. Mais de 300 estudantes de 52 países participaram do torneio que consistia em resolver três problemas diários, de dificuldades crescentes, durante o prazo máximo de quatro horas e meia. Só dois chineses, vencedores da olimpíada deste ano, superaram a marca de Edson Abe. Agora em novembro, estudantes brasileiros participam de mais uma olimpíada nacional válida para aqueles que estão terminando o colegial. Entre os vencedores, serão escolhidos os participantes da etapa internacional no ano que vem.

Luciano Gonçalves Silva, de 22 anos, cultiva desde os dez uma paixão grande por literatura e livros e quase foi à falência nos tempos em que trabalhou na Livraria Brasiliense e retirava seu salário em livros. Também usou dinheiro de férias, de décimo terceiro e abonos, permitindo-se formar uma biblioteca de mais de dois mil volumes, abordando história, filosofia, pedagogia, direito, poesia, economia, romances, dicionários, infantis, ficção e biográficos. Essa coleção, que vai dos nacionais a Oscar Wilde, Kafka, Lam-pião, até livros publicados em Portugal na década de 30. Lá estão ainda um recentíssimo Dicionário da Revolução Francesa e um curioso Dicionário das Batalhas Brasileiras, onde estão catalogados mais de 300 conflitos. "Seria egoísmo de minha parte manter esses li-

vro em casa", proclama Luciano ao anunciar a criação de uma biblioteca que agrada a todos os gostos, instalada numa barraca dentro da Fundação Valparaibana de Ensino. Por isso, ela se chama Biblioteca Gregos e Troianos e aluga até três livros por uma taxa de apenas NCz\$ 5 (preço de outubro). A biblioteca fica aberta nos intervalos de aulas no Centro de Estudos de História, à noite, mas é de acesso a todos que se interessarem. Luciano, que cursa o último ano de Direito e o primeiro

de História, ainda quer transformar a Gregos e Troianos na "melhor biblioteca especializada em Filosofia e História no Vale do Paraíba", mas esse é um projeto de médio a longo prazo.

O poeta mogiano **Ernani Pereira Júnior**, 31 anos, conseguiu repetir a façanha que o premiou com a medalha "Cruz do Mérito Cultural", em junho passado, em Brasília. Mostrando que nem só de sonhos vivem os poetas, ele arrebatou dessa vez a medalha cultural "D'Almeida Vitor", com o poema "Nunca se diz adeus", que integra

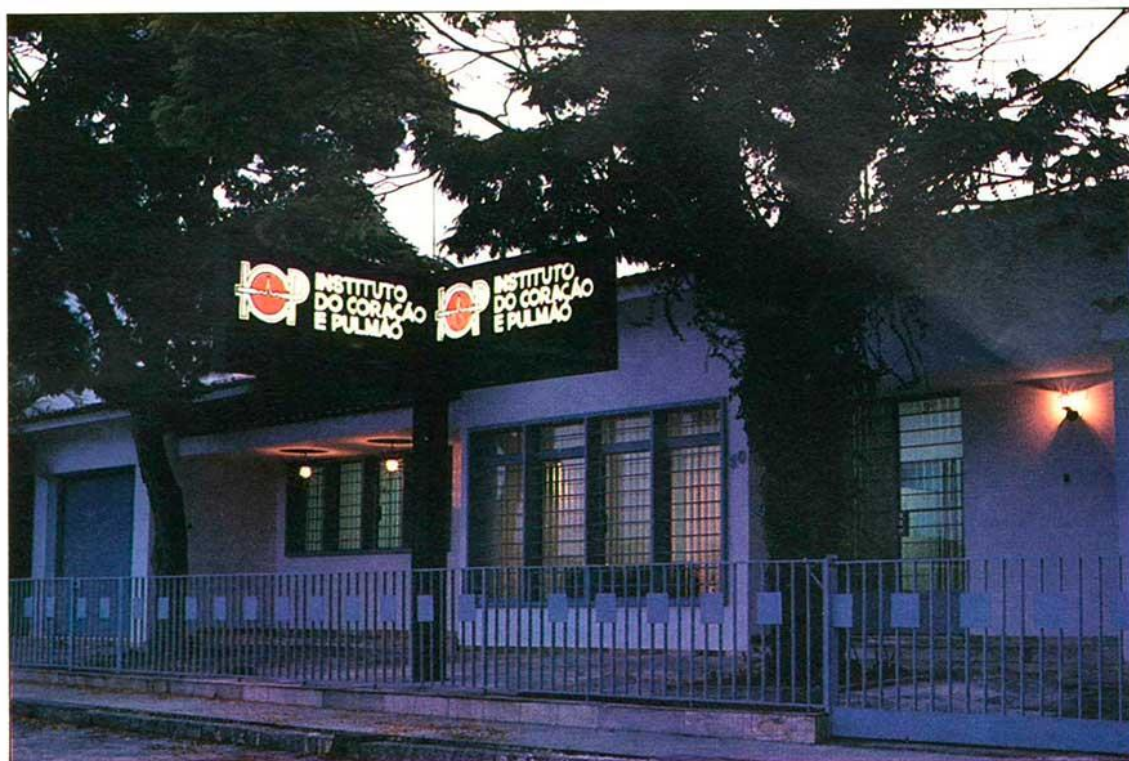


Ernani: atrás de patrocínio para seu livro de poesias

o livro "Valores Literários do Brasil". Essa obra reúne os trabalhos de todos os poetas brasileiros que participaram do 9º Concurso Nacional de Poesias, na capital federal. Além de receber menção honrosa por seu primeiro poema premiado, "Queria tanto", Ernani foi convidado a integrar o grupo responsável pela elaboração do livro "IV Antologia de Poetas e Escritores do Brasil". Autor de mais de 270 poesias em sua carreira, o escritor mogiano acredita que agora, com esses prêmios, já tem a carta de apresentação necessária para realizar seu maior desejo: publicar um livro. Para conseguir esse objetivo, ele corre atrás do apoio de um patrocinador e de uma editora dispostos a investir em seu projeto.



Luciano: biblioteca alternativa com dois mil volumes



Mogi ganha Instituto de Coração e Pulmão

Preocupado com a ausência de uma clínica altamente especializada, com sólidas condições para atender com segurança e conforto os pacientes com distúrbios cardiopulmonares, um grupo de médicos mogianos integrado pelos doutores Guiti Taniguchi, José Osvaldo Moreira, José de Ribamar C. Feitosa, Renato Breviglieri Filho e Júlio B. Cota Pacheco, decidiu montar na cidade o **Instituto de Coração e Pulmão**.

Trata-se da mais bem equipada clínica cardiopulmonar de toda a região, sendo dotada inclusive de um pronto-socorro com Unidade de Tratamento Intensivo e suporte cirúrgico nos principais hospitais de São Paulo. Com isto, o paciente do **Instituto de Coração e Pulmão** tem assegurada a internação nos melhores centros de cirurgia cardíaca e, se necessário for, tratamento cirúrgico, eliminando a preocupa-

ção com vagas e sem enfrentar problemas de ordem burocrática.

DIAGNÓSTICO

Em termos de métodos diagnósticos, o **Instituto de Coração e Pulmão** está apto a fazer eletrocardiogramas, testes de esforço, eletrocardiograma contínuo de 24 horas (Holter), ecocardiograma uni e bidimensional, avaliação de marca-passo e provas funcionais respiratórias. O Instituto também mantém convênio com o Laboratório Centhro, responsável por toda a parte laboratorial da clínica, e com o Centro Radiológico de Mogi das Cruzes, com atendimento no próprio **Instituto de Coração e Pulmão**.

URGÊNCIA

Com relação aos casos de urgência, o **Instituto de Coração e Pulmão** mantém um pronto-socorro que funciona 24 horas por dia, com suporte de uma unidade car-

dio-respiratória e também medicamentos trombolíticos. Aliás, esses são a última aquisição em relação ao tratamento de pacientes infartados e melhoram em muito o prognóstico, ou seja, a sobrevida do paciente.

Quanto aos leitos, o **Instituto de Coração e Pulmão** possui acomodações (apartamentos e Unidade de Terapia Intensiva) equipadas com os mais modernos recursos em termos de aparelhos médicos e equipes médicas especializadas durante 24 horas por dia.

E se não bastasse todo esse aparato técnico, que faz da clínica uma das mais modernas, o **Instituto de Coração e Pulmão** ainda conta com uma localização privilegiada (rua Manoel Pimenta de Abreu, 50, fone 469-2257), um lugar calmo, arborizado, que reúne excelentes condições para uma boa recuperação.



Waldemar Fast, da Hoechst: através do programa do CIEE, de estagiário a gerente de produção

ASSISTÊNCIA

Dupla de área

Parceria empresa-escola oferece melhores estágios

Quando os recém-formados engenheiros químicos Waldemar Fast Sobrinho e Terezinha de Fátima Vieira Lima resolveram sair do Paraná para buscar experiência profissional em Mogi das

Cruzes, no ano de 78, escolheram um caminho que já naquela época estava pavimentado de boas perspectivas: o Centro de Integração Empresa Escola. (CIEE).

Hoje, os dois engenheiros continuam trabalhando na primeira empresa que lhes concederam estágio através do CIEE em 78 – a Hoechst do Brasil –, mas com uma diferença: não são mais estagiários. Waldemar Fast, depois de responder por vários cargos na empresa, é responsável pela Gerência de Produção. Terezinha, por sua vez, implantou o laboratório de formulações

zantes e de nível superior, intensificando o entrosamento empresa-escola.

Como intermediário, o CIEE motiva a dupla Educação-Trabalho, convidando as empresas a participarem de uma sistemática de estágios que se constitui em oferecer oportunidades de profissionalização e ensino-aprendizagem, onde os estudantes tenham condições plenas de tomar parte, em situações reais de vida e trabalho, de atividades que estejam em conformidade com o currículo escolar do envolvido.

Com a experiência de quem já passou

INFORME PUBLICITÁRIO

Tuca Restaurante: o melhor self-service da cidade

Entra ano e sai ano, o **Tuca Restaurante**, que trabalha com sistema self-service de atendimento, continua sendo uma das melhores opções gastronômicas de Mogi das Cruzes.

Com um total de 16 pratos frios e dez quentes, o **Tuca Restaurante** oferece uma ampla variedade de alimentos, satisfazendo os mais variados e exigentes clientes.

O proprietário do **Tuca**, Ryushi Shimotsu, que tem uma larga experiência no ramo de restaurantes, é quem elabora meticulosamente os cardápios todos os dias, de maneira que as refeições sejam sempre variadas e com excelente valor nutritivo. Aliás, é nesse fator de variedade e qualidade que se baseia o restaurante, um dos mais bem

sucedidos e movimentados da cidade.

Ryushi explica que o **Tuca Restaurante** funciona de segunda a segunda-feira, somente para almoço, no horário das 11 às 15 horas. À noite é

destinado exclusivamente à realização de festas particulares, como aniversários, coquetéis, encontros e outroseventos, com um mínimo de 30 e máximo de 130 pessoas. O local é amplo, aconchegante e muito bem localizado, num ponto privilegiado da área central. Além disso, o cliente tem estacionamento garantido no Central Park, com o qual o **Tuca Restaurante** mantém convênio.

De segunda a sexta-feira a frequência maior é de pessoas que trabalham no centro comercial da cidade e que apreciam – além das tradicionais saladas servidas diariamente – uma suculenta feijoada (quarta e sábado), uma boa peixada ou mesmo um apetitoso frango frito com banana à milanesa – uma das especialidades da casa. Já aos domingos a predominância é de famílias que optam por uma comida diferente.

Para Ryushi o sucesso do restaurante está na ampla variedade de pratos e no gostoso tempero caseiro, que dá um toque especial à refeição.

Venha almoçar no **Tuca Restaurante** (rua Senador Dantas, 192, fone 460-2429) e prove uma das melhores comidas da região.



pelo CIEE, a engenheira Terezinha diz que o estágio não deve ser encarado como uma mera exigência do currículo escolar, mas como uma real necessidade. Afinal, um dos maiores problemas da área de profissionalização é o contingente de estudantes que



Patricia: assessoramento técnico

conclui o curso sem o mínimo de experiência e visão profissional. "Os laboratórios pilotos não têm a estrutura de uma empresa, não envolvem custos, produção e vários outros problemas práticos que não aparecem em uma folha de papel", compara Terezinha.

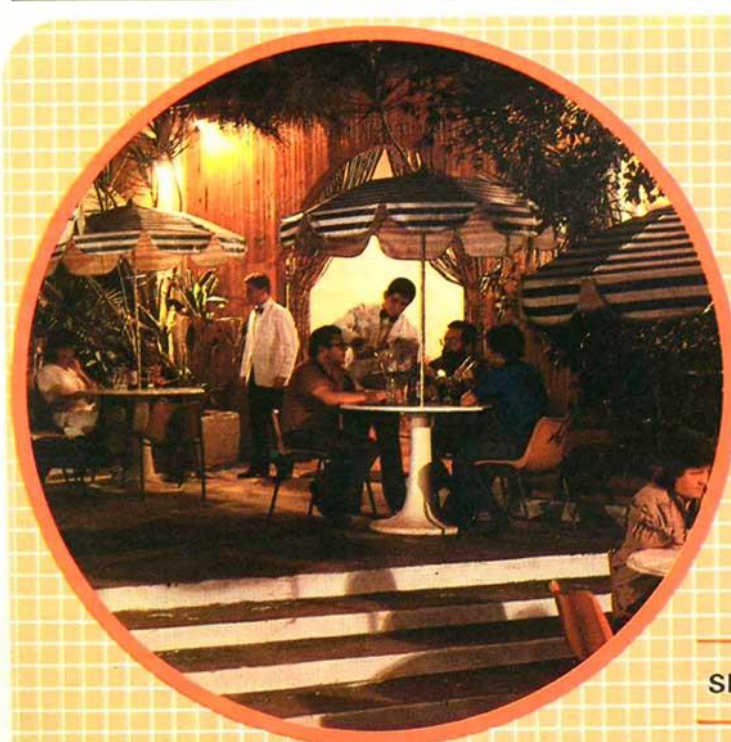
É com o intuito de minimizar este problema que a responsável pelo CIEE em Mogi das Cruzes, Patricia Valério Martins, clama aos empresários para que eles incorporem ainda mais o papel de elo imprescindível na parceria empresa-escola, conveniando suas empresas ao CIEE e oferecendo oportunidade de estágio. E para tanto, aponta algumas vantagens: o assessoramento técnico, administrativo e legal, por exemplo, é por conta do CIEE, cabendo ao concedente do estágio a supervisão, controle de frequência do estagiário e co-participação na elaboração do programa de estágio.

Outra vantagem é o exemplo dos engenheiros da Hoechst do Brasil: há o aprimoramento da formação e preparação de



Terezinha: defesa da real necessidade dos estágios

futuros profissionais em condições de assumir posições na própria empresa. Além disso, há também o estímulo aos estudantes que enquanto estagiários terão uma tabela variável de remuneração por seis horas de trabalho e seguro de acidentes pessoais. No tocante a orientação profissional, o CIEE desenvolve um trabalho em nível de informações profissionais, e inclusive já editou um dicionário de dois volumes com as mais variadas profissões, origens e definições, bem como as escolas e universidades que ministram os cursos.



Scorpions Pizzaria

VENHA CURTIR AQUELE
AMBIENTE FAMILIAR, GOSTOSO E
ACONCHEGANTE E ESCOLHER ENTRE
42 TIPOS DE PIZZAS DELICIOSAS
FEITAS EM FORNO À LENHA.

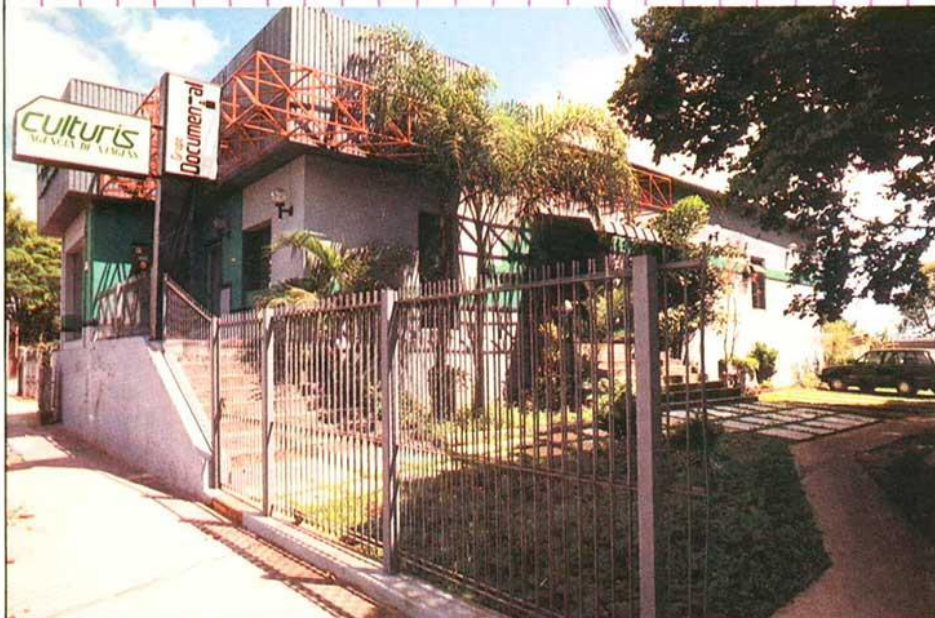
SE PREFERIR PEÇA PELO TELEFONE: (011) 469-5321.

DE TERÇA A DOMINGO A PARTIR DAS 18:00 H.
SHOW AO VIVO DE QUINTA A DOMINGO

AV. NARCISO YAGUE GUIMARAES Nº 312 - M. CRUZES - S.P.

culturis

Agência de Viagens



uma empresa do grupo

Documental

PROGRAME SUAS FÉRIAS DE FIM DE ANO
COM A EQUIPE CULTURIS.
VIAGENS DE LAZER E NEGÓCIOS.
NORTE/NORDESTE — SUL —
AMÉRICA DO SUL —
ESTADOS UNIDOS — EUROPA E ORIENTE.
GRUPOS ESPECIAIS PARA DISNEY.
**PROMOÇÃO: ASSUNÇÃO AÉREO,
HOTEL 5 ESTRELAS —
US\$ 200,00 CÂMBIO OFICIAL.**

ITÁLIA COPA'90

VAMOS TORCER PELO BRASIL
COM A CULTURIS.

PRAÇA GASTÃO VIDIGAL, 04
TEL. (0123) 22-6077
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS



Gondim, do PSDB: agenda remodelada

CÂMARA

Na hora certa

*Vereadores iniciam nova
Lei Orgânica do município*

Com a promulgação da Constituição Estadual no mês passado, os municípios já têm sinal verde para iniciar os trabalhos das respectivas Leis Orgânicas Municipais. Entretanto, em Mogi das Cruzes, os vereadores não saíram na frente nesse aspecto. Eles acreditam que é imprescindível a participação popular nas sessões, mas até o final de outubro ainda não haviam chegado a um consenso para definir o horário ideal das reuniões no plenário. A alternativa que mais tinha adesão era a de realizar sessões às segundas e sextas-feiras, às 18 horas.

Embora o prazo máximo para a elaboração da Constituição Municipal seja de seis meses, nenhuma sanção pode ser aplicada caso os vereadores ultrapassem o prazo estipulado. A não ser, é claro, o ônus de uma legislação inadequada aos moldes da nova Constituição Estadual. Algumas tentativas de apressar os trabalhos foram efetivadas. Os vereadores, por exemplo, encomendaram no mês passado um esboço de lei orgânica à assessoria jurídica da Câmara. E receberam um ante-projeto totalmente pronto. Mas eles não abrem mão da participação popular na Constituinte municipal e, por isso, estudam o melhor horário.

Há alguns temas polêmicos a se discutir. Entre eles, a questão dos mananciais, o transporte coletivo e a saúde. Os vereadores afirmam estar dispostos a "dar sangue" pela causa municipal. Luiz Carlos Gondim, do PSDB, por exemplo, já remodelou totalmente sua agenda de médico, ampliando o seu tempo de dedicação à Câmara. Resta saber se a boa vontade coletiva não acabe, como agora na discussão sobre o melhor horário para as sessões, prejudicando o andamento normal dos trabalhos. ●

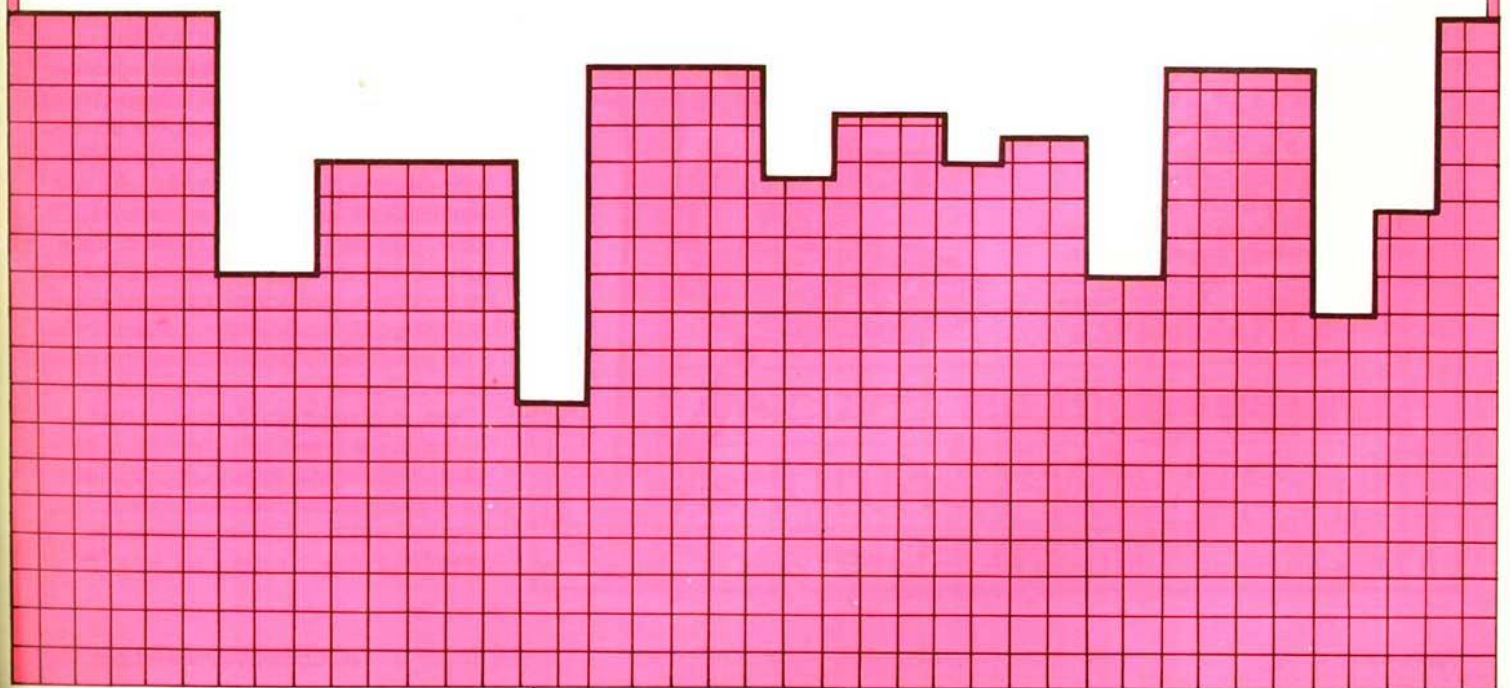
O SUCESSO CONTINUA!

ANO 2

O SUCESSO DE UMA RÁDIO É O RESULTADO
DA RELAÇÃO OUVINTE/EMISSIONA.
POR ISSO, OS OUVINTES CONTINUAM
PREFERINDO A **BAND FM!**



BANDEIRANTES FM
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS



MULHER MODERNA,
QUE SABE MARCAR SUA PRESENÇA
COM MUITA CLASSE E ELEGÂNCIA...

Dyglu

boutique

Estilo • Originalidade • Vanguarda

R. Dr. Paulo Frontin, 393
Tel.: (011) 469-9982
M. Cruzes

CIÊNCIA

Uma nova luz

CTA conclui tecnologia do laser e a coloca no mercado

Promover o desenvolvimento tecnológico, a economia de divisas para o país e a ampliação do parque industrial, são apenas alguns dos princípios que formam a filosofia do Centro Técnico Aeroespacial (CTA), em São José dos Campos. Eles, juntamente com mais algumas outras vantagens, foram reunidos num só documento, que permitirá a utilização de uma avançada tecnologia para a produção de sofisticados equipamentos médicos e industriais a laser.

A tecnologia vinha sendo desenvolvida há quase dez anos no Instituto de Estudos Avançados (IEAv), uma espécie de laboratório ainda pouco conhecido no país inteiro, pois opera numa faixa de pesquisas localizada bem perto das fronteiras do conhecimento humano. Tanto que o protótipo em desenvolvimento conjunto pelo Instituto e a Unilaser já constitui algo que o país conhece por importar alguns poucos aparelhos por ano.

Trata-se de um gerador de raios laser a partir do vapor metálico originário do cobre – excitado por energia elétrica, o gás emite um fecho de luz concentrada com alto teor energético. Controlada segundo as aplicações possíveis, a emissão desses pulsos energéticos serve a várias finalidades, da informática à fotografia, do tratamento da saúde até o controle de qualidade industrial.

CONDIÇÕES FAVORÁVEIS – O diretor geral do CTA, brigadeiro Sérgio Xavier Ferolla, está otimista com os resultados já alcançados pelo projeto. Ele considera "uma rara felicidade para o CTA poder assinar esse contrato com a Unilaser, pois dificilmente num país como o nosso se pode reunir tantas condições favoráveis: um órgão de pesquisa conclui uma etapa importante de seu projeto desenvolvendo uma tecnologia de ponta, depois encontra alguém que esteja interessado nela e transfere todo o conhecimento para uma indústria brasileira, de capital nacional, e que está em condições de absorver a tecnologia e de participar de desenvolvimentos conjuntos no futuro".

Para o diretor da Unilaser, Artêmio Scalabrin, as vantagens também foram muitas. A principal delas é que, de uma só vez, a sua empresa deixa de ser uma prestadora de serviços de manutenção de equipamentos a laser e passa a ser uma fabri-

**PIZZA DE FORNO A LENHA,
EM EMBALAGEM TÉRMICA,
COM CARA DE BOLO DE
ANIVERSÁRIO E VOCÊ PODE
JOGAR UM SNOOKER
ENQUANTO ESPERA.**

O Snooker Bola 7, que também é pizzaria, está lançando a "Pizza Aniversário", que nós entregamos a quem você quiser com os cumprimentos em seu nome, avisando ou não o aniversariante com antecedência. Também organizamos festas de aniversário, acompanhando cerveja ou guaraná (serviço a combinar).

SNOOKER E PIZZARIA
BOLA 7

R. Mons. Nuno de Faria Paiva, 65 – Tel. 460.2774



cante de equipamentos altamente sofisticados. Ele está investindo cerca de US\$ 100 mil para fabricar o primeiro protótipo e, no segundo semestre do ano que vem, estará vendendo seu produto a US\$ 50 mil por unidade, calculando um faturamento anual aproximado de US\$ 1 milhão.

Pode não ser uma fábula, mas certamente será um considerável avanço para uma empresa que até aqui ocupava-se principalmente de consertar canhões de laser utilizados em shows e grandes espetáculos, ou impressoras a laser. Os planos do diretor Artêmio Scalabrin – um físico formado na Universidade de Campinas e que conta com o apoio técnico e científico de seus próprios colegas da Unicamp – vão muito mais longe.

CÉLULAS CANCEROSAS – Ele manteve entendimentos com pesquisadores da Escola Paulista de Medicina (EPM) para mostrar-lhes a tecnologia disponível. Paralelamente, acertou com eles o desenvolvimento de um aparelho para a destruição de células cancerosas de forma seletiva – sem atingir as saudáveis. Da mesma forma, aproveitará estudos já realizados para desenvolver aparelhos oftalmológicos, além de ficar de olho em outras oportunidades que possam surgir no mercado.

Ao mesmo tempo que essa tecnologia promoverá uma sensível economia de divisas do país, eliminando importações, ela abrirá perspectiva de exportação. Afinal, somente três países no mundo atual, Estados Unidos, Austrália e Inglaterra, detêm a capacidade de produção de geradores de laser. E para a indústria isso custará muito pouco: apenas o pagamento de royalties no valor de 5% das vendas. Esse percentual reverte para o Fundo Aeronáutico, de onde saem partes das verbas que o CTA aplica em suas pesquisas.

A Unilaser participa do desenvolvimento desse equipamento, junto com o IEAV, desde 1988, e, dessa forma, capacitou-se a receber a tecnologia. Num primeiro estágio, ela produzirá um gerador de laser na faixa de 40 watts e promete aperfeiçoar e sofisticar o equipamento em curto prazo. Com isso, estará preparando-se para aproveitar outras potencialidades do laser a vapor de cobre, que também pode ser usado na indústria (em inspeções para controle de qualidade por espectroscopia), no tratamento de câncer de pele, na oftalmologia e para coagulação de sangue através da sensibilização pela luz.

Pode ser usado, ainda, para iluminar espetáculos ou para flash em fotografias de eventos de curta duração, pois o laser pode captar acontecimentos muito rápidos com os dez mil pulsos de luz que ele emite por segundo.

FONE: (011) 469-8766

LANÇAGE

boutique

- Primavera/Verão 89 com suas últimas novidades
- Ponta de estoque
- Descontos especiais neste Verão para pagamento à vista

R. Prof. Flaviano de Mello, 1.317 – M. Cruzes

CASA

Ishii

calçados – bolsas
acessórios

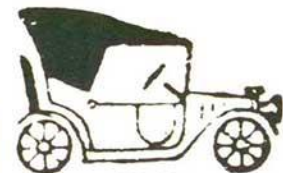
R. Prof. Flaviano de Mello, 1.292
M. Cruzes

FONE: (011) 469-3822

Não rode mais por aí quebrando a cabeça
O "CARRÃO" que você quer está na...

J M

**VEÍCULOS
0Km**



Veículos e utilitários

Tels: (011) 460-1228/3836



Marcos Borenstein, da Marbor: atividades esportivas como válvula de escape

ESPORTE

Lazer de aluguel

Empresário investe US\$ 1 milhão em conjunto esportivo e pretende conseguir 8 mil alunos em várias modalidades

Em fase final de construção, o conjunto poliesportivo que a Marbor Administração e Negócio Ltda está montando no distrito de César de Souza, próximo à rotatória da Vila Suíça, em Mogi das Cruzes, vai certamente – conforme estudos feitos pelos diretores da empresa, Marcos e Henrique Borenstein – suprir uma das principais deficiências na cidade: a falta de áreas para o lazer. A idéia é locar os espaços de cada modalidade para empresas de Mogi e região, com a garantia de boas instalações e comodidade para os usuários. Além disso, a empresa pretende criar cursos com professores habilitados para cada esporte, dando orientação e formação profissional. Ocupando um terreno de oito mil metros quadrados, o projeto terá investimento de cerca de US\$ 1 milhão, com a expectativa de atingir oito mil alunos num curto espaço de tempo. Com inauguração prevista para o primeiro semestre do próximo ano, Marcos Borenstein fornece mais detalhes do projeto.

ATO – O que é a Marbor Esportes?

BORENSTEIN – *Trata-se de um conjunto poliesportivo dentro das mais modernas técnicas da atualidade. Inicialmente será constituído por um ginásio poliesportivo, uma quadra coberta, uma quadra de tênis, uma pista de cooper, um salão para aeróbica, um salão para musculação e uma piscina térmica e coberta, além dos vestiários específicos para todas as modalidades.*

ATO – Como será o ginásio poliesportivo?

BORENSTEIN – *Será coberto, com duas arquibancadas laterais que comportarão um público de até cinco mil pessoas. A quadra é de piso especial com demarcação para jogos de vôlei, basquete, futebol de salão e handball. As tabelas de basquete são de vidro com sistema de elevação. Terá quatro vestiários para os atletas e um para os juizes, além de um placar eletrônico. É um ginásio digno de uma grande cidade. Espero estar entregando uma obra que servirá a todos.*

ATO – E sua utilização?

BORENSTEIN – *O ginásio será o palco para todas as competições. Haverá um esquema de locação que brevemente será anunciado aos interessados.*

ATO – E o resto do projeto?

BORENSTEIN – *A quadra poliesportiva também é coberta e tem as mesmas características da quadra do ginásio; só não tem arquibancadas. É para ser utilizada em jogos amistosos, torneios internos de empresas e es-*

colas, sem grande assistência; a quadra de tênis não é coberta; a pista de cooper possui piso especial para este tipo de atividade, o salão para aeróbica será muito bem montado e comportará até 70 alunos de cada vez; a sala de musculação possui aparelhos sofisticados; a piscina, por ser coberta e aquecida, poderá ser utilizada durante o ano todo por crianças e adultos.

ATO – Como surgiu a idéia de construir um conjunto poliesportivo?

BORENSTEIN – *Acho que o importante deste projeto não é sua arquitetura ou suas modernas quadras. O importante é a filosofia e seu objetivo. No meu entender o esporte é uma válvula de escape para todos os problemas do dia-a-dia. Isso vale para crianças, jovens ou adultos. No esporte você faz amigos, descarrega a energia negativa, se motiva, se educa, se disciplina. É com muito orgulho que vou entregar esse projeto à cidade. Acredito que todos nós lucraremos com esta área reservada ao lazer de que tanto necessita nossa cidade. Todos nós sabemos que o esporte está do lado oposto das drogas, do tédio, da solidão e do stress. De todas as coisas que tive a oportunidade de realizar, esta é a que mais me gratifica, pois preencherá uma enorme lacuna que existe em Mogi das Cruzes e na região.*

ATO – O que mais fará parte do projeto?

BORENSTEIN – *Teremos dois bares descontraindo onde serviremos produtos próprios para esportistas e uma boutique com artigos esportivos.*

ATO – E como se faz para freqüentar?

BORENSTEIN – *A utilização do conjunto poliesportivo vai ser regulamentada brevemente. Haverá inicialmente cursos de vôlei, futebol de salão, basquete, natação, condicionamento físico, aeróbica, musculação e tênis para crianças, jovens e adultos. Esses cursos serão ministrados por profissionais competentes supervisionados por uma diretoria técnica. Haverá locação dos espaços para empresas. Existirão torneios e eventos especiais. Todas as atividades serão controladas por um sofisticado sistema de computação.*



A quadra de tênis: revestimento especial e boa iluminação

**Inglês para quem
não tem tempo
a perder.**

FALE INGLÊS EM 24 HORAS

The WIZARD

of CONVERSATION

- ★ Finalmente no Brasil, um método revolucionário para você falar inglês em apenas 24 horas/aula.
- ★ Centenas de empresas e grupos particulares já comprovaram a eficiência e o alto nível profissional da WIZARD.
- ★ Método desenvolvido no maior instituto de lingüística do mundo (Brigham Young University — USA)
- ★ Aprendizado 100% garantido. Milhares de alunos satisfeitos em todo Brasil.
- ★ Solicite uma aula demonstrativa gratuita em mais de 50 concessionárias em todo o país.
- ★ Método especial também para crianças.
- ★ Traduções — Intérpretes.

**TAMBÉM NOS IDIOMAS:
FRANCÊS — ALEMÃO — ITALIANO**

**RUA SÃO SIMÃO, 32 — ESQUINA AV. SÃO JOÃO — VL. ADY-ANNA
FONES: (0123) 21.6951 E 31.2268**



Sinal dos tempos: o mercado de antenas domésticas e profissionais é confuso

ECONOMIA

Antenas do futuro

Amplimatic completa 25 anos, moderniza sua estrutura e lança uma nova linha de produtos visando o século XXI

Ao completar 25 anos de existência no dia 29 de setembro, a indústria Amplimatic iniciou um novo caminho pelo qual pretende produzir uma revolução interna, capaz de alterar drasticamente os padrões de administração da companhia. A mais tradicional fabricante de antenas domésticas, sistemas de recepção de sinais e antenas profissionais de telecomunicações, está ligada no seu futuro e que vai, a partir de agora, criar em seu efetivo o compromisso de todos com a administração e com os rumos da indústria.

"A gestão participativa será a grande arma para o nosso futuro", proclama o diretor comercial da Amplimatic, Augustin Thomas Woelz, engenheiro eletrônico e também filho do criador da empresa, Augustin Leonard Woelz. Augustin Thomas alerta que, sem uma ampla participação na busca de alternativas, sem uma participação estimulada das bases para os escalões dirigentes, nenhuma empresa chegará ao ano 2000 em níveis competitivos, tão rápida está a evolução das técnicas, dos produtos e de vendas.

Entre os 430 empregados que tem atualmente, a Amplimatic reconhece que, além de seus diretores, existem apenas cinco ou seis colaboradores "realmente pen-

santes" em sua estrutura. A partir de agora, todos vão para cursos de qualificação e campanhas de estímulo para que, em pouco tempo, esse envolvimento com as decisões da fábrica atinja cerca de 100 pessoas.

SOLUÇÕES CRIATIVAS – Além de abrir as portas para a imaginação e a capacidade de seus empregados, até agora contidas pela estrutura administrativa, esse caminho visa, principalmente, liberar o gênio criador de seu fundador, Augustin Leonard Woelz, que, sem as preocupações do dia-a-dia da fábrica e burocracias na mesa, poderá dedicar-se inteiramente aos laboratórios, à pesquisa tecnológica e ao desenvolvimento de novos produtos.

"Eu nunca me preocupei muito com o que vinha acontecendo com meus produtos", confessa Augustin Loenard, "pois eu os criei como criei meus filhos, com todo o carinho e com o esforço máximo para fazê-los perfeitos. Assim, os produtos com a marca Amplimatic, mesmo depois de 20 anos de seu primeiro lançamento, continuam tecnologicamente avançados até hoje. Até agora, eles constituem soluções criativas atualizadas com o estado da arte.

Pode ser uma espécie de anti-marketing, considerando-se que o mundo atual valoriza o descartável, o produto de uso rápido e

que deve ser substituído, e não consertado, cada vez que dá defeito. Mas os busters da Amplimatic lançados em 1968 estão com a mesma tecnologia até hoje, são copiados por indústrias concorrentes e dispensaram melhorias. Diante da nova série que a Amplimatic lança em dezembro, com 36 configurações para o mesmo buster, eles parecerão geriátricos, principalmente os concorrentes.

MUDANÇAS – Preparando-se para o futuro, a empresa começa a mudar sua estrutura. A primeira providência será reunir o que a Embratel desuniu: no início do ano que vem, a Amplimatic Telecomunicações e a Amplimatic serão uma só empresa, como eram na origem. Na verdade, a Amplimatic nasceu Fábrica Nacional de Semi-condutores em 1964, construída com o dinheiro que Augustin Woelz ganhou ao vender a Eletrônica Industrial, uma pequena indústria de Santo Amaro, que fornecia equipamentos de aquecimento indutivo para a Volks, a Metal Leve e outras – a compradora foi a ITT americana.

A FNS trabalhava basicamente para produzir diodos de silício e utilizava, como mão-de-obra especializada, o trabalho de engenheiros e técnicos do Centro Técnico Aeroespacial (CTA). Nos horários de folga, o grupo brincava de fazer busters para os amigos instalarem em casa e eliminarem os chuviscos e "fantasmas" das telas de seus televisores. "Não havia respaldo comercial para uma aventura daquelas, a tal ponto que todos os primeiros 500 busters que montamos foram devolvidos à fábrica porque não resistiam às descargas elétricas dos raios e trovoadas", conta Augustin Thomas.

Após um trabalho de pesquisa e modificações no produto, aquele mesmo buster permanece até agora no mercado, praticamente sem inovações, pois ainda é de tecnologia avançada. A ele se juntaram vários tipos de antenas residenciais, sistemas completos de antenas coletivas para edifícios e antenas profissionais para receber sinais dos satélites de telecomunicações.

Augustin Leonard Woelz ainda se lembra bem do tempo em que saiu com sua primeira antena de TV doméstica debaixo do braço para oferecer aos lojistas da rua Santa Efigênia, em São Paulo. "Era o ano de 1968, minha antena custava 27 cruzeiros e a dos concorrentes podia ser encontrada até por 4 cruzeiros, embora ninguém mais no mercado tivesse um produto com a qualidade do nosso". Ali começou o esforço de divulgar a nova antena, pois estava-se a apenas dois anos da Copa do Mundo, o Brasil sonhava com o tri-campeonato e sonhava em ver, pela primeira vez, a transmissão dos jogos pela TV ao vivo e a cores. E Augustin Woelz foi o primeiro a desenvolver uma antena doméstica projetada especialmente para a recepção de imagens coloridas. No mesmo ano, ele instalou o

primeiro sistema de antena coletiva, no Parque de Exposições do Anhembi.

Aí a Amplamatic disparou. Os produtos começaram a fazer sucesso. Fez cabos paralelos, únicos no país com garantia de 20 anos, desenvolvidos em apenas alguns dias, e levou três anos pesquisando algumas antenas até encontrar a configuração de melhor rendimento, menores ruídos, maior ganho. O sistema coletivo já está em mais de três mil edifícios de São Paulo e há revendedores autorizados Amplimatic no país inteiro.

DIVÓRCIO – Mas quando habilitou-se a vender antenas profissionais de 4,5 e 6 metros de diâmetro, para formar o sistema de recepção de sinais do Brasilsat, a indústria foi obrigada pela Embratel a dividir-se, criando a Amplimatic Telecomunicações, pois a estatal exigia um interlocutor especializado e exclusivamente ligado ao campo das comunicações por satélite.

O divórcio fez com que os investimentos mais pesados fossem dirigidos ao desenvolvimento e fabricação de antenas de grande porte, produtos de pouco mercado e baixa rentabilidade. Gastou-se US\$ 1,5 milhão de recursos próprios para desenvolver a antena em 1980 e, até hoje, ela é a única homologada pela Embratel. Pode ser uma honra esse privilégio, mas não foi bom negócio em momento algum.

Afinal, duplicava-se a estrutura administrativa, encarecia a estrutura fabril, diminuía os lucros, reduziam-se os investimentos em produtos novos e o faturamento não aumentava como seria necessário. Perdeu a empresa e perderam os empregados, pois a Amplimatic foi uma das primeiras empresas brasileiras a implantar um sistema de divisão de lucros com seu pessoal – como os balanços não eram muito animadores, sempre houve muito pouco a repartir.

A filosofia administrativa, agora, avança no sentido de tornar efetiva a participação dos trabalhadores nos lucros e, para isso, já começou o processo de tornar a área de telecomunicações apenas uma divisão da fábrica. O sistema de atendimento aos usuários, também um dos pioneiros no Brasil na tentativa de colocar o consumidor em contato direto com a indústria, ouvindo suas opiniões, elogios e reclamações, vai ser aperfeiçoado.

Para isso, crescerá a ênfase nos cursos de formação de pessoal técnico e até de balconistas, qualquer que seja a loja ou produto. Para a Amplamatic, o consumidor final é o técnico que faz a instalação das antenas e que está habilitado a atender todos os casos de assistência técnica. No país inteiro, há mais de 600 revendedores credenciados pela Amplimatic, mas a empresa dá cursos inclusive para os revendedores de concorrentes, uma forma de instalar uma cabeça de ponte no território inimigo.

CONCORRENTE DESLEAL – Com essa filosofia, a Amplimatic quer acrescentar al-

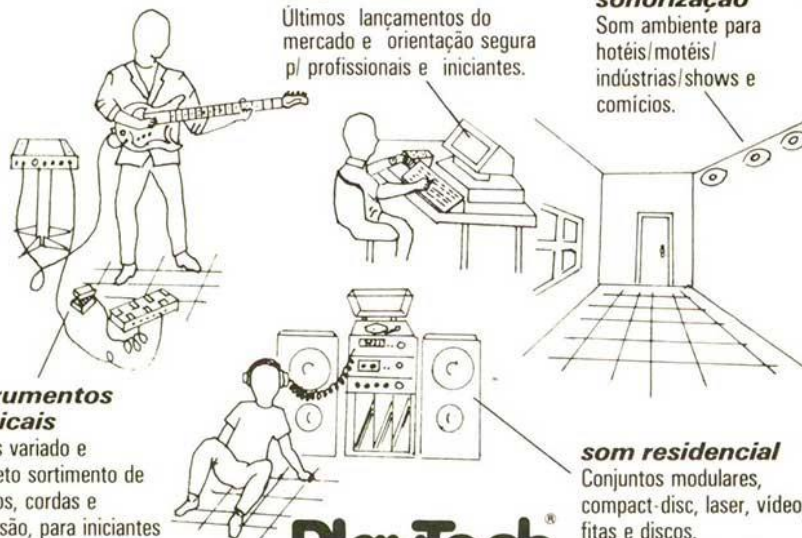
VENDEMOS TODO DIA, O QUE VOCÊ NÃO COMPRA TODO DIA

informática

Últimos lançamentos do mercado e orientação segura p/ profissionais e iniciantes.

sonorização

Som ambiente para hotéis/motéis/ indústrias/shows e comícios.



instrumentos musicais

O mais variado e completo sortimento de teclados, cordas e percussão, para iniciantes e profissionais.

som residencial

Conjuntos modulares, compact-disc, laser, video, fitas e discos. Sempre novidades em promoção.

PlayTech

Audio • Vídeo • Informática

PREÇOS DE SANTA IFIGÊNIA

R. Santa Ifigênia, 250 - Fone: 220.1733

São José dos Campos

Shopping C. Vale - Loja T. 110 - Fone: (0123) 22.5567

Av. Francisco José Longo, 566 - Fone: (0123) 22.0655

R. Rubião Júnior, 215 - Centro - Fone: (0123) 21.3135

Ligue grátis em qualquer lugar do Brasil (011) 800-8246

MERCADO

Viptel

COMPRA — VENDA — FINANCIAMENTO

De Telefones
e Planos de Expansão
São José - Jacareí -
Vale e Litoral

Rua Humaitá, 304
- Em Frente à Telesp -
SJCAMPOS SP.

TELS: 21-3699
21-4133



go mais ao seu padrão de qualidade e, dessa forma, diferenciar-se das concorrentes. Afinal, há pelo menos 15 fabricantes de antenas parabólicas no país, alguns com mera tecnologia copiada, outros, simples montadores. A grande maioria não tem qualquer esquema de assistência técnica e, por isso, acaba vendendo apenas uma vez para cada cliente. Além do contato com o consumidor, a Amplimatic tem uma linha de produtos bem conhecida no mercado: na maior parte de sua linha de produção, ela já está na quarta geração tecnológica, à frente de todos os concorrentes.

O problema é que continuam entrando novos interessados nesse mercado. É o caso da vizinha Avibrás que, desde que mergulhou numa crise sem saída provocada pela entresafra de guerras no mundo árabe, vem ensaiando passos rumo ao mercado civil. E, a partir de um acordo operacional com a Space, empresa de assistência técnica em antenas parabólicas, ela lançou uma linha de antenas domésticas com diâmetros próximos de 2, 3 e 4 metros, mais os equipamentos complementares de recepção de imagens de satélites e transmissão de dados de baixa velocidade. A Avibrás também terá uma família completa de antenas, em-



Augustin Thomas e Augustin Leonard, da Amplimatic

bora sua produção tenha sido afetada pela crise da companhia e paralisações esporádicas por falta de pagamento de salários.

O maior concorrente de todos os fabricantes nacionais, no entanto, continua sendo o contrabando. Trazidos do Paraguai, esses produtos cobrem toda a linha da Amplimatic ou da Avibrás, ou qualquer outra indústria do ramo, e custam a metade do preço dos nacionais, ou até menos. Um amplificador de sinais de satélites, por exemplo, produzido no Brasil com tecnologia chinesa, custa US\$ 150, mas um produto semelhante, no contrabando, custa apenas US\$ 50, e ainda é mais sofisticado.

Para sobreviver nesse mundo de alterna-

tivas, de evolução tecnológica rápida e de desleal concorrência, sobra apenas uma alternativa: investir na inovação, na sofisticação. É o que está fazendo a Amplimatic. Vem aí uma nova antena internacional, com diâmetro de 5 metros, com um kit completo de movimentação da antena por computadores para permitir captar sinais de diferentes satélites e dispensar ajustes demorados na posição dos receptores. Ela virá ao mercado em dezembro, com construção rígida para suportar qualquer temporal.

Para empresas, especialmente bancos, está surgindo um kit completo para transmissão de dados de baixa velocidade, primeiro com antena de fibra de vidro, depois construída por injeção metálica. Ela vem para disputar um mercado anual de oito mil unidades nos próximos dois anos e que está em franca expansão pelo interesse da Embratel de ocupar, da melhor forma possível, os canais vagos no Brasilsat. Para o futuro, a Amplimatic exercita sua imaginação na criação de tecnologias e utilizações para fibra de vidro, laser e microondas. Tudo como ingrediente de um plano diretor da companhia para garantir sua evolução e crescimento na próxima década e prepará-la para o próximo século. ●

**RENATO
JOSÉ
ARGENTINO**



**arquitetura
projeto e
construção**

**Pedras para
Piso e revestimento**

R. CEL. CARDOSO DE SIQUEIRA, 851 - M. CRUZES TEL. (011) 469-0285



KIMEN SEGUROS

**ESTAMOS EM
MOGI DAS CRUZES
HÁ 20 ANOS TRANSMITINDO
CONFIANÇA, TRADIÇÃO E
SEGURANÇA PARA
SEUS BENS.**

- AUTOMÓVEL
 - COMÉRCIO
 - RESIDÊNCIA
 - ROUBO
 - INCÊNDIO
 - VIDA EM GRUPO
 - DEMAIS RAMOS

R. Dr. Antonio Cândido Vieira, 425 - M. Cruzes

Fone: (011) 469-5566 (KS)



**PORTO SEGURO
SEGUROS**



O lixão de São José dos Campos: 350 toneladas por dia ao lado da usina parada

MEIO AMBIENTE – I

Para baixo do tapete

Sem solução ideal para 900 toneladas que produz por dia, o Vale esconde metade de seu lixo nos aterros sanitários

Faltando pouco mais de dez anos para a chegada do século 21, as cidades do Vale do Paraíba ainda não sabem o que fazer com seu lixo. Diariamente 900 toneladas de resíduos saem de casas, indústrias, hospitais, restaurantes e construções para atingir um destino muitas vezes inadequado. Em 27, das 36 cidades da região, predominam os lixões – locais onde se misturam o lixo doméstico, hospitalar e industrial, sem nenhum tratamento. Nos lixões sobrevive a figura do catador, envolvendo famílias inteiras que tiram o seu sustento de coisas que outras pessoas jogaram fora. Hoje, apenas sete cidades dispõem de aterros sanitários e se orgulham de poder enterrar, todos os dias, um pouco dos problemas que o lixo traz. Outras duas cidades somente enterram aleatoriamente seus detritos.

As alternativas para solucionar o problema passam necessariamente pela diminuição do volume de rejeitos, o que pode ser conseguido com a instalação de uma usina

de compostagem. Mas a experiência feita em São José dos Campos foi frustrante, segundo a Companhia Estadual de Tecnologia e Saneamento Ambiental (Cetesb), e desestimulou outros municípios. Para a região, a companhia ainda receita os aterros sanitários como remédio para solucionar a dor de cabeça que o lixo causa, apesar de reconhecer que o sistema coloca as Prefeituras a caminho de outros problemas inevitáveis. O pior deles, e que já começa a ser sentido em outras regiões metropolitanas, é a saturação de espaços disponíveis para a destinação de lixo, problema que se amplia proporcionalmente ao crescimento urbano. Estes espaços podem chegar a 200 mil metros quadrados, com uma vida útil em torno de cinco anos para uma cidade do porte de São José dos Campos, e deve, depois, ser inutilizado para qualquer tipo de construção.

“O esgotamento de áreas para aterros é um risco que corremos”, admite o diretor regional da Cetesb de Taubaté, Valdir

Moreira da Costa. “Este é um problema para daqui a muitos anos. Por enquanto, o Vale do Paraíba tem muitas áreas disponíveis”, justifica. A longo prazo, a Cetesb tem certeza que não conseguirá fugir deste impasse e torce por avanços tecnológicos para a disposição de lixo. A curto prazo, a companhia precisa acabar com os lixões e conseguir que 27 municípios despejem seus resíduos em locais adequados. Tarefa nada fácil de ser cumprida: a maioria das cidades é pequena e sem recursos para investir no setor.

Para garantir a instalação de futuros aterros sanitários a Cetesb prefere não utilizar o talão de multas, mas sim o poder de pressão junto a vereadores e comunidade local. “Nós sabemos que se multarmos as Prefeituras, quem acabará pagando por isso será o contribuinte. Achamos mais efetiva a pressão política a alguns setores”, explica o diretor da Cetesb.

Os resultados efetivos desta pressão são difíceis de ser medidos. Há quase três anos

Campos do Jordão enfrenta problemas com seu lixo e neste período dispôs os resíduos temporariamente em três locais diferentes, dois deles dentro de Áreas de Proteção Ambiental (APAs). Durante dois anos a cidade despejou o lixo em um aterro sanitário que, no entanto, foi embargado pela Cetesb por que a Prefeitura não o operava adequadamente. Depois passou a jogar resíduos no Pico do Itapeva, próximo à nascente do rio Piracuama, que corta Pindamonhangaba, o que valeu um mandado de segurança do prefeito da cidade, Vito Ardito (PSDB), contra o prefeito de Campos, Fauze Paulo (PDS). Há seis meses, outra Área de Proteção Ambiental, o Pico da Ferradura, em Campos do Jordão, vem recebendo as 24 toneladas de lixo produzidas por dia na cidade. Durante a temporada de julho, a área foi poluída por 3,6 mil toneladas de lixo, 120 toneladas/dia.

Para a Cetesb, Campos do Jordão é um caso à parte. "Lá é muito difícil encontrar uma área adequada para aterro. A cidade é rodeada por áreas de proteção ambiental", reclama o diretor da Cetesb, Valdir Moreira da Costa. Segundo ele, restam poucas soluções para o município. A instalação de uma usina de compostagem, consorciada entre as cidades de Campos do Jordão, Santo Antônio do Pinhal e São Bento do Sapucaí, foi estudada, mas já está praticamente descartada. "É um sistema muito caro", justifica Moreira da Costa. Atualmente, a Prefeitura de Campos do Jordão, em conjunto com a Cetesb, está contatando Prefeituras dispostas a receber o lixo da cidade em seus aterros. "Mais isso também é

difícil. A maioria das cidades não consegue resolver nem os seus próprios problemas. Taubaté, por exemplo, a mais próxima de Campos do Jordão, está a procura de uma nova área para aterro, já que a sua está com a vida útil esgotada", diz.

O que fazer com o lixo não é questão que atormenta somente as cidades serranas, mas também as do Litoral Norte. Ubatuba, São Sebastião, Ilhabela e Caraguatatuba estão isoladas entre a serra e o mar. A Serra do Mar é quase totalmente declarada como área de proteção ambiental, além de abrigar parques ecológicos nacionais e estaduais. Caso se encontre uma área que não seja de proteção, o problema então passa a ser a proximidade dos lençóis freáticos com a superfície, o que impossibilita a instalação de um aterro sanitário sem risco de contaminação da água de subsolo.

"Para o Litoral Norte, o mais indicado seria uma usina de compostagem consorciada entre os municípios, hipótese que está sendo estudada por eles", adianta Moreira da Costa. Para a Cetesb as usinas de compostagem são somente indicadas para casos extremos, como os da serra e litoral. "Fora isso, o sistema se mostra caro e existem dificuldades para a venda de todo o composto orgânico produzido", diz.



As árvores da Mata Atlântica começam a tombar vencidas pelo lixo coletado na Costa Sul de São Sebastião e depositado no Lixão da Baleia, já condenado pela Cetesb, mas mantido pela Prefeitura, que não tem outras alternativas.

Enterrar diariamente cerca de 900 toneladas de lixo é uma solução simplista para um problema complexo, mas por enquanto a única acessível ao Vale do Paraíba. A Cetesb sabe que manter o lixo longe dos olhos não significa necessariamente mantê-lo sob controle. Com o crescimento das cidades e a hipótese, não muito distante, de transformação da região em uma megalópole, os problemas referentes ao lixo crescerão geometricamente. Mas a política hoje é: "Quando chegar a hora, a gente pensa nisso".

Célia Paccini

Usina problema

Enquanto a Cetesb desaconselha usinas de compostagem para os municípios do Vale, a Prefeitura de São José dos Campos faz dotações orçamentárias e estudos de viabilidade econômica para reativar a sua usina, paralisada desde 1987. Estudos, entretanto, dificilmente conseguirão sanar os principais problemas da usina: falta de mercado para 100 toneladas de adubo orgânico produzidas por dia, preço abaixo do custo para o composto e funcionamento deficitário. A venda dos subprodutos do lixo não cobre sequer 20% dos custos de operação da usina.

A paralisação da usina por três anos provocou o sucateamento dos equipamentos. Para voltar a funcionar, a usina exige um investimento de US\$ 1 milhão (NCz\$ 4,5 milhões, pelo câmbio oficial de outubro). A Prefeitura, endividada, não consegue pagar essa conta e tem a alternativa de entregar a usina à iniciativa privada.

De acordo com o presidente da Urbanizadora Municipal (Urbam), Antônio Sebastião de Souza, pretendentes não faltam. "Mas quando eles descobrem o quanto ela é deficitária, desistem", diz ele. Se a Prefeitura bancasse a reativação da unidade, arcaria com um prejuízo médio de NCz\$ 200 mil por mês. "É mais barato enterrar o lixo", afirma. Hoje, uma tonelada de lixo disposta no aterro sanitário custa 10 BTN, contra 20 BTN da reciclagem do lixo na usina, conforme cálculo do engenheiro José Victor Vilela, responsável pelo aterro e pela usina.

"O fator favorável ao funcionamento da usina é o aumento da vida útil do aterro sanitário", acrescenta Vilela. A afirmação se baseia em um cálculo: 45% do lixo são transformados em compostos orgânicos, 5% revendidos como material reciclável (plásticos, vidros e papelão) e só 50% do total acabam indo para o aterro.

FERRUGEM – Adquirida pela Prefeitura em 1973 e instalada três anos depois, a usina operou até 78, quando fechou um ano para reposição de peças. De 79 a 86, funcionou sem interrupções. O engenheiro

Vilela garante que ela tem vida útil de mais 14 anos, apesar dos pontos de ferrugem e dos dois motores dos biodigestores estarem semi-desmontados.

Essas dificuldades fizeram com que o prefeito Joaquim Bevilacqua (PTB) reconsiderasse a reativação da usina como prioritária. "O lixo de São José tem uma destinação final adequada e poderemos resolver essa questão em um ano, quando a Prefeitura estiver menos endividada", analisa. A reativação da usina, entretanto, tem ocupado uma boa parte das discussões na Câmara, onde os vereadores montaram uma comissão específica para estudar o caso, presidida por Itamar Cóprio (PMDB). E a Secretaria de Planejamento da Prefeitura elabora um estudo integrado para coleta e tratamento de lixo na cidade, além de uma legislação específica que prevê, entre outras coisas, a reativação da usina pela iniciativa privada. Ou seja, a questão do lixo implantou novo foco de confusão na administração municipal, coisa que muitos estudam e ninguém resolve por falta, mesmo, de alternativas viáveis.

Cemitério perigoso

Lixo industrial em aterro imobiliza área por 300 anos

Durante anos, a reprocessadora de alumínio Tonolli, em Caçapava, depositou seus resíduos no pátio da empresa, ao ar livre. Resíduos classificados como perigosos, com propriedades inflamáveis, tóxicas, corrosivas, combustíveis e patogênicas ficaram a descoberto, sem acondicionamento correto nem tratamento. A Tonolli reuniu 40 mil toneladas de lixo em seu pátio e não sabia o que fazer com elas. A menos de 100 metros da fábrica está um bairro populoso, o Nova Caçapava, e o Ribeirão dos Mudos, que pode ter sido contaminado através do seu lençol freático.

"Estamos analisando o lençol. Se aconteceu a contaminação, a recuperação do lençol custará caro à empresa e demorará muitos anos", diz o diretor regional da Cetesb, Valdir Moreira Costa. Mesmo com tantas irregularidades, a Tonolli tem prazo até o final do ano para dar uma destinação adequada a seu lixo. Caso contrário, adverte a Cetesb, será multada. A empresa estuda o envio do material para a Ecosystema Gerenciamento de Resíduos Industriais,

aterro localizado no distrito de Eugênio de Melo, em São José dos Campos, único no Estado capaz de receber resíduos industriais perigosos.

Como a Tonolli, 33 indústrias produzem resíduos perigosos todos os dias. E a maioria não sabe como se livrar desse lixo. São 3,6 mil toneladas a cada mês e só 48% desse total têm destinação adequada. O resto fica amontoado no pátios das empresas ou nos lixões.

Mensalmente, 900 toneladas de lixo vão para a Ecosystema. Esses resíduos, depositados em valas impermeabilizadas por mantas de PVC, são, em sua maioria, lamas de galvanoplastia (subproduto rico em metais pesados) e borras de tinta. A Ecosystema recebe resíduos apenas do Vale do Paraíba. Mas nem todo lixo tem entrada livre no aterro - lixo atômico, patogênico, combustível e líquido não são bem vindos. O aterro exige, ainda, um Ph alcalino (entre 7 e 14) para todo material recebido.

"Os materiais ácidos solubilizariam os metais e poderia haver a contaminação



José Pedro, da Ecosystema

do lençol freático", diz um dos proprietários da Ecosystema, José Pedro de Oliveira, que abandonou, em 1985, seu trabalho na Cetesb, em São Paulo, para montar o aterro.

COMO UM CEMITÉRIO - Localizada em uma área de oito alqueires, a Ecosystema vende tranquilidade às empresas e facilita o trabalho da Cetesb. "Sabemos quais empresas têm autorização para mandar seu lixo para lá e a quantidade que elas estão mandando, conforme o controle da empresa. E, uma vez por mês, colhemos e analisamos amostras do lençol de água abaixo do aterro. São 14 postos de monitoramento espalhados pelo terreno",

SOL

CAIAQUES
PRANCHAS
MOREY BOOGIE

PESCA
PROFISSIONAL
TODOS OS
ACESSÓRIOS
PARA MERGULHO

AV. FRANCISCO F. LOPES, 953 - BRÁS CUBAS



10 Anos de qualidade
e bóm gosto



QUALIDADE
PREÇO
E ÓTIMO
ATENDIMENTO

MANSUR

PORTAS E
JANELAS

AV. ANTONIO M. FIGUEIRA, 705
FONES: (011) 476-3679 • 477-4811 • 477-4471
CENTRO - SUZANO
AV. FCO. FERREIRA LOPES, 2493/2495
FONE: (011) 461-6911
BRAZ CUBAS - M. CRUZES
ENTREGAMOS NO LITORAL
E VALE DO PARAIBA

Pagamento em 3x sem juros

Mercadoria com
garantia de 5 anos



informa o gerente regional da Cetesb.

A área da Ecossistema é cheia de valas, onde estão milhares de toneladas de lixo perigoso e não perigoso (como a areia da fundição da General Motors, 200 tonela-

das/dia). O perigo sob o solo, entretanto, não pode ser percebido – a vegetação cresce, normalmente, sobre as valas de lixo perigoso. Apesar dessa calma aparente, essa área de oito alqueires não poderá ser usada

para outras finalidades. “Em 15 anos, a área será considerada como um imenso cemitério. E, como em um cemitério, não poderá ser reutilizada nos próximos 300 anos”, compara Oliveira. (C.P.)

O lixo “doente”

Todos os dias 5,8 toneladas de lixo dos 72 hospitais do Vale do Paraíba são despejadas em lixões – alguns deles localizados em áreas de risco, como o de Guaratinguetá, na várzea do rio Paraíba. A legislação que responsabiliza os hospitais pela incineração do lixo é desconhecida. A maioria deles não possui nem incinerador – restos cirúrgicos e de curativos são queimados nos próprios fornos de assepsia dos hospitais, mesmo com a recomendação expressa da Secretaria da Saúde para que isso não seja feito.

Esses fornos têm uma temperatura máxima de 300 graus, muito abaixo dos 850 graus alcançados pelos incineradores. Mas existem situações piores: muitos hospitais queimam o lixo em tambores ou enterram os rejeitos nos fundos de suas instalações.

A solução, embora seja da iniciativa

privada, foi transferida aos municípios – grupos de cidades vizinhas estudam a compra de um incinerador consorciado. Essa medida retiraria o lixo hospitalar dos lixões, fora do alcance de catadores ou de uma possível contaminação do meio ambiente. Aos hospitais, restará pagar às Prefeituras taxas para ter um lixo adequadamente destinado. São José dos Campos está mais adiantada nas negociações para aquisição de um incinerador, avaliado em outubro em NCz\$ 1 milhão. A operação do incinerador ficará a cargo da iniciativa privada – uma concorrência pública nesse sentido será aberta até o final do ano e uma legislação específica está sendo elaborada, para oferecer aos municípios vizinhos os serviços do equipamento.

COLETA ESPECIAL – As 5,8 toneladas que chegam aos lixões não representam todo o lixo hospitalar produzido na região. O total é de 7,7 toneladas, mas 1,9 toneladas têm disposição adequada. Do total, 60% são compostos por lixo não asséptico, que oferece menos riscos de contaminação.

Esse lixo pode ser coletado e disposto em um aterro sanitário comum – embora necessite de tratamento e manuseio especiais. Apenas o município de São José dos Campos tem uma coleta diferenciada para lixo hospitalar e farmacêutico – são 269 pontos atendidos, duas vezes por semana, por uma equipe de pessoas treinadas para essa tarefa e com vestimentas apropriadas (luvas, botas e roupas brancas).

Essa equipe elabora relatórios mensais sobre possíveis irregularidades na disposição do lixo por parte de hospitais, farmácias, ambulatórios médicos e odontológicos. Os estabelecimentos têm normas rígidas de segurança a serem cumpridas, como, por exemplo, acondicionar o lixo em sacos plásticos leitosos, embrulhar agulhas e seringas em papel e a colocar todo o material em tambores, onde será coletado. No aterro sanitário, o lixo hospitalar é imediatamente enterrado e coberto por camadas de terra e lixo doméstico.

COMBINANDO A CIÊNCIA DA ALIMENTAÇÃO
SAUDÁVEL E NATURAL AO PRAZER DOS
PRATOS MAIS SABOROSOS

RESTAURANTE VEGETARIANO

NUTRIBEM

TEMOS UM PLANO ESPECIAL E DIFERENCIADO
PARA O ATENDIMENTO ÀS EMPRESAS E INDÚSTRIAS

5 pratos quentes
e 6 tipos de saladas,
pão caseiro, lasanha,
bife à milanesa vegetariano,
maionese, tabule...

almôndegas, tortas,
assado de legumes, suflês
pizzas enroladas, panquecas,
1 suco e 1 sobremesa
por conta da casa.

R. Princ. Isabel de Bragança, 134 – M. Cruzes – Tel.: (011) 469-9123 (após às 14:00 h.)

Destino incerto

Litoral Norte quer criar usina para tratar o lixo

Com uma produção diária de 73,8 toneladas de lixo, sem áreas adequadas e sem equipamentos para manter aterros sanitários, o Litoral Norte não sabe como resolver o problema. Essa questão afeta quatro municípios – Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – e é o maior problema ambiental da região, junto com a falta de saneamento básico (somente 20% dos moradores do Litoral são servidos por rede de esgoto). Os dois problemas têm uma mesma raiz: a falta de planejamento ambiental.

Sem outra solução à vista, os prefeitos do Litoral Norte receberam com entusiasmo, e sem questionamento, o projeto de implantação de uma usina de lixo em Caraguatatuba, para atender toda a região. O projeto se baseia em uma experiência piloto da Cetesb em Novo Horizonte e está sendo coordenado pelo Escritório Regional de Planejamento (ERP), com participação das Prefeituras e das secretarias da Agricultura e Meio Ambiente.

O projeto prevê a implantação da usina

em 12 meses, em uma área de 75 mil metros quadrados no bairro do Tingão, onde há dez anos existe um lixão. A usina teria capacidade para processar 150 toneladas de lixo por dia e empregar 108 funcionários. Sua administração seria consorciada entre os quatro municípios. “Nossa meta é a produção de húmus, que atua na recomposição do solo e é especialmente indicado para o Litoral, onde o solo é pobre, arenoso e ácido”, analisa a arquiteta Célia Ballario, coordenadora do projeto, denominado de Produmus.

SEM RECURSOS O prazo do início das obras está estourado e não existem cálculos reais de custo. O orçamento inicial previa NCz\$ 1 milhão, sem incluir o Relatório de Impacto Ambiental (Rima) e equipamentos para transporte de lixo. E não há recursos destinados para a usina – a busca de recursos, segundo Célia Ballario, será articulada depois, junto à Secretaria do Meio Ambiente, LBA e Banco do Brasil. “A Secretaria do Planejamento me informou que estava sendo tentada a obtenção de recursos do BNDES, mas não existe dinheiro”, diz o prefeito de Ubatuba, José Nélio de Carvalho (PFL).

Além disso, existem outros problemas. A Costa Sul de São Sebastião, por exemplo, fica a mais de 100 quilômetros da usina. Hoje, o lixo da Costa Sul não vai nem para o lixão de Caraguatatuba – a Prefeitura da

cidade fez um lixão no sertão da Praia da Baleia. Isso não desanima o prefeito Paulo Julião (PSDB). “Confio que a usina será a solução e me resolverá 80% dos problemas de lixo. Depois eu terei que programar uma mini-usina para a Costa Sul”, explica o chefe do Executivo.

O diretor de Obras da Prefeitura de Ubatuba, engenheiro Antônio F.ibeiro Pe-

Operação minhoca

O projeto Produmus prevê a implantação de uma usina comum de reciclagem de lixo e produção de composto orgânico. O material reciclável, a sucata, é separada e vendida e o material orgânico é moído, depositado em pátios de compostagem e, através do processo de cura aeróbica, transformado em adubo orgânico pela ação de microorganismos. A novidade do projeto para o Litoral Norte é a vermicompostagem – processo desenvolvido pela Unicamp. O material orgânico é depositado em viveiros de minhocas e serve de fonte de alimento para elas. O produto da digestão das minhocas é o vermicomposto, usado como adubo.

**TUDO O QUE
VOCÊ PRECISA
PARA CRIAR
UMA BOMBA
DE IMPRESSÃO**

GRAFICA
Santana

IMPRESSOS EM GERAL – OFF-SET
TRADIÇÃO, ARTE E BOM GOSTO
R. Dr. Paulo Frontin, 395
TEL.: (011) 469-9066 – M. Cruzes
R. XV de Novembro, 676
Salesópolis

ATENDEMOS TODA A REGIÃO

na, entretanto, acha o projeto inviável. "A usina tem capacidade para 150 toneladas diárias e só Ubatuba coleta 120 toneladas por dia durante a temporada", afirma. Pena retoma o problema da distância entre a usina e os municípios. "De Ubatuba até a usina são 70 quilômetros. E existem os congestionamentos da SP-55 nas temporadas — uma vez, eu levei uma hora para ir da cidade

de à Praia das Toninhas, uma distância de cinco quilômetros", comenta. Para ele, a solução é a separação doméstica do lixo, experiência que vem sendo feita em São Sebastião ou a instalação de mini-usinas em cada município.

O transporte do lixo se torna mais preocupante no caso de Ilhabela — 7,5 toneladas de lixo atravessariam, de balsa, diariamente

o Canal de São Sebastião. "A idéia de uma balsa especial para o lixo é inviável. Nos feriados, o Departamento Hidroviário não dá conta sequer de atravessar os turistas, que ficam quatro ou cinco horas na fila", diz o vereador Marco Antônio Mroz (PV). Para ele, a usina é uma boa solução apenas para a Costa Norte de São Sebastião e Caraguatatuba — o custo para o transporte de lixo de Ubatuba, Ilhabela e Costa Sul seria altíssimo.

IMPACTO AMBIENTAL — A bióloga Patrícia Blauth, assessora de Educação Ambiental da Prefeitura de São Sebastião, denuncia a inexistência de um Rima para o projeto e aponta outras falhas. "Não houve levantamento da quantidade e tipo de lixo durante a temporada, as distâncias foram mal consideradas, não há previsão de aterro sanitário para os rejeitos da usina, não houve levantamento da demanda de composto na região e não foi considerado o risco de contaminação por metais pesados", relaciona a bióloga.

Existem também problemas técnicos, como a manutenção cara. Algumas peças, como os martelos dos moinhos, por exemplo, são trocadas a cada oito meses. "Imagine a usina quebrada ou em manutenção, com o lixo de toda a região acumulado em Caraguatatuba durante vários dias", diz Patrícia Blauth.

Raquel Salgado, de São Sebastião

Coleta seletiva

Desde abril, São Sebastião iniciou um projeto alternativo de coleta de lixo — a coleta seletiva, que envolve 10% dos habitantes do município e atinge quatro bairros, onde a coleta da sucata é feita em um único dia. A coleta seletiva consiste em separar, nas residências, o lixo orgânico da sucata, e armazená-los em locais diferentes. No início de outubro, a venda de 6,5 toneladas de sucata, acumulada na coleta de dois dias, rendeu NCz\$ 1,1 mil, que foram distribuídos entre as entidades dos bairros que adotaram o sistema.

O prefeito da cidade, Paulo Julião, criou, em junho, um depósito especial para a sucata. A venda ainda é feita a sucateiros, mas o projeto prevê a venda

direta a indústrias que reutilizam o material (papel, papelão, vidro, metal e plástico), segundo a coordenadora do projeto, Patrícia Blauth. A idéia entusiasmou a Prefeitura da Ubatuba, que iniciou um projeto semelhante em setembro. A experiência está sendo tentada no bairro da Estufa 2.

Em São Sebastião, o depósito tem dois triadores, que trabalham com duas toneladas de sucata por dia, sem maquinário. O lixo orgânico deverá ter um depósito de compostagem. Esta solução, entretanto, inclui a instalação de um incinerador no município, para queima de lixo hospitalar e portuário. "O lixo portuário ainda é queimado, a céu aberto, na área do Terminal Almirante Barroso (Tebar) e o hospitalar vai para o lixão de Caraguatatuba", esclarece a bióloga Patrícia.

Lembra daquela Deo Colônia Desodorante que deixava as mulheres malucas? O número 900 da Água de Cheiro. Foi ele que mudou de nome e entrou na Linha Tenerife. Este bando de conquistadores é composto pela Deo Colônia Desodorante 900 e o Desodorante de fragrância jovem e esportiva. O tubo Sabonete com glicerina e o Shampoo que vão esquentar o seu banho. E o DeoAfter Shave, que vai deixar a pele do seu rosto macia e aveludada.

LINHA TENERIFE. PARA HOMENS DIFÍCEIS DE PRENDER.

Andando com estes elementos você vai ver como é fácil roubar corações, matar de amor, de paixão e cometer outros crimes passionais. Não experimentar a Linha Tenerife da Água de Cheiro, isto sim, é imperdoável.

Água de Cheiro

CENTERVALE SHOPPING — PISO DUTRA
ENTRADA B — LOJA S-309

SHOPPING CENTRO SÃO JOSÉ
1º PISO — LOJA 29





RESTAURANTE

Cozinha Internacional À La Carte

HÁ 5 ANOS EM CAÇAPAVA,

AGORA TAMBÉM NO TAUBATÉ SHOPPING CENTER.

TC
TAUBATÉ
SHOPPING CENTER

Vanguarda na cidade

Arquiteta mogiana mostra com projetos arrojados como é possível a convivência do novo e do antigo

Há algo de novo na velha Mogi. Quer comprovar? Dê uma olhada à sua volta. Nessa quatrocentenária cidade, repleta de construções antigas — nem sempre respeitadas, diga-se de passagem — e ruas estreitas adquire a cada dia áreas de vanguarda: são edifícios, casas que fogem do chavão colonial moderno e, principalmente, lojas e escritórios com novas concepções de arquitetura. São poucos os arquitetos da nova geração, entretanto, que se preocupam em dar à cidade construções modernas — no sentido de acompanhar as tendências atuais. Entre estes, podem ser citados os arquitetos Renato Argentino, Guilherme Mattos e, sem dúvida, Solange Parada.

São dela, por exemplo, os projetos de várias casas comerciais da cidade que comprovam essa tendência e uma teoria: a de que essas novas construções podem perfeitamente conviver em harmonia com casas que datam

dos séculos XVIII e XIX. "É o contraste do novo com o antigo que quebra a monotonia", acredita a arquiteta. Ao mesmo tempo, ela lembra que essa concepção caberia melhor para definir a arquitetura de

Mogi das Cruzes, se existisse realmente uma conservação das construções antigas, o que bem sabemos, não é o caso. De qualquer forma, o contraste novo-antigo, é possível. Vide o museu do Louvre, que Solange visitou em junho deste ano. Ao lado dele ergue-se, imponente, um pirâmide de vidro. A construção foi largamente questionada, mas agora, convive pacifica-

mente ao lado do respeitável Louvre. Prova de que, modernizar, também significa impor nossa marca no tempo: fazer a história. Foi pensando nisso que Solange Parada, formada em 1980 pela Universidade de Mogi das Cruzes e pós-graduada pela USP, passou a optar pela reforma e construção de pontos comerciais na cidade. São dela, por exemplo, os projetos da galeria de arte Parada, da boutique Vivance, da loja de calçados Destak, da imobiliária Meca, do cabeleireiro Benitez e do interior de outro "point" de sucesso, o Help Bar.

Depois de iniciar sua carreira com projetos de residências — alguns deles, inclusive, destacados nas revistas **Arquitetura & Construção** e **Projeto**, Solange passou a preferir a

área comercial. Uma área em que ela encontra mais liberdade para impor suas idéias arrojadas. A sede da imobiliária Meca, por exemplo, tem a estrutura toda metálica. "Nessa área o respeito pelo nosso



FOTOS LAILSON SANTOS



Solange: trabalho com fachadas como as da Destak Calçados e Galeria Parada



CHAVEIRO DE OURO

CHAVES, FECHADURAS E CADEADOS EM GERAL. FECHADURAS EM ESTILO RÚSTICO E COLONIAL. FERRAGENS PARA PORTAS E JANELAS.

RUA FRANCISCO PAES, 361 — TEL. (0123) 21.7124 — S.J. CAMPOS



Utilizando materiais mais ricos, a arquiteta também realiza projetos para interiores, como os da Destak e Benitez Cabeleireiro

trabalho é muito grade", elogia ela. Além disso, o desenvolvimento de seus projetos ganhou rapidez e economia: "A mão-de-obra é especializada e não há perda de material", explica.

Da mesma forma, seu belo projeto para a nova loja de calçados da Destak ficou pronto em 30 dias. "Num dia, estávamos em meio a obra e, no outro, bebericávamos vinho já na inauguração", surpreende-se. Solange se utiliza agora dessa tendência

já antiga na Europa: a industrialização da construção civil. "Esse é o caminho", acredita ela. Mas para aplicar esse método, a arquiteta explica que, por vezes, tem de enfrentar resistências. Pessoas que ainda pensam, por exemplo, que placas de alumínio na fachada das lojas dão um visual bonito a um custo baixo. A rua Paulo Frontin, repleta de casas assim, é um belo exemplo do trabalho que Solange terá para mudar essa mentalidade simplista. "O importante é

trabalhar com materiais ricos, que além de proporcionar um bom visual são baratos", ensina ela.

Mas nem tudo está perdido. Que o digam os frequentadores do Help Bar, projeto do arquiteto Guilherme Mattos, com o interior feito por Solange. Um local bonito, simples e moderno em termos de arquitetura, o que pode, em parte, explicar seu sucesso como casa noturna. "Minha satisfação é ver tantas pessoas utilizando este espaço", orgulha-se ela. A iluminação proposta na galeria Parada, que valoriza os quadros, também é outra mostra de como um projeto pode – e deve – levar em conta o espaço a que ele será destinado. "A Parada é um misto de loja e galeria, pode ser utilizada das duas formas", explica. No mais, Solange entusiasma-se com o crescimento da construção civil em Mogi e com o futuro shopping center. Estas, para ela, são demonstrações de que a cidade, apesar de próxima da capital, começa a pensar por si própria e cuidar melhor da sua aparência. Já não era sem tempo. ●



A Meca Imóveis é um exemplo de projeto arrojado com bom aproveitamento das áreas livres



mark decorações

O SEU AMBIENTE MERECE O MELHOR

Rua Turquia, 286 Tel. (0123) 21.3270 Jd. Osvaldo Cruz Osvaldo São José dos Campos

 Geny
presentes
364

gráfica **N. S. da GLÓRIA** Ltda.
TIPOGRAFIA • OFF SET
TELS.: (011) 469-2667 • 468-3147
413

 **VIDEOSSON**
SERVIÇO AUTORIZADO
SEMP TOSHIBA
386

Rian BOUTIQUE
823

 **OFF THE WALL**
SURF, SKATE & CIA
546

DR. CORREIA

**A RUA COMERCIAL QUE MAIS
SE MODERNIZA EM MOGI**

Nas asas da amizade

Intercâmbio internacional abre oportunidade para fazer amigos e conhecer o mundo a partir de sua própria casa

Para quem mora no Vale do Paraíba, conhecer o mundo agora ficou mais fácil e barato. Desde o início de novembro está funcionando na região um núcleo do Friendship Force (Força da Amizade), uma organização internacional, com sede em Atlanta (EUA), que desde 1977 procura integrar, através da amizade, pessoas de nacionalidades, idiomas e raças diferentes, além de promover turismo entre seus associados a 40 países. Na realidade, o clube funciona como um "grupo de amigos", que hospedam uns aos outros durante visitas a seus países. Dessa forma, quem viaja não põe a mão no bolso para pagar despesas com hospedagens. Desde a sua fundação, há 12 anos, o clube já envolveu mais de 250 mil pessoas neste círculo.

O núcleo valeparaibano do clube começou a funcionar oficialmente com a chegada do primeiro grupo de visitantes à região. Foram 16 norte-americanos, vindos do Estado de Iowa, que passaram uma semana

conhecendo o Vale do Paraíba e ampliando seu círculo de amizades para um raio de alguns milhares de quilômetros. Eles ficaram hospedados em residências de São José dos Campos, Taubaté, Tremembé e Pindamonhangaba e, praticamente todos os dias, se reuniam para passeios organizados pela Força da Amizade do Vale do Paraíba. Conheceram as cidades de Parati, Ubatuba e Caraguatatuba, no Litoral Norte, e promoveram encontros festivos que incluíram jantares, coquetéis e até rodadas de chope.

"As pessoas que receberam este grupo, provavelmente no próximo ano, serão convidadas a participar de uma viagem organizada pela Força da Amizade. Esta viagem pode ser para qualquer um dos 40 países, embora a maior procura seja para os Estados Unidos", explica Vera Lúcia Soares, responsável pela organização do núcleo da Força da Amizade na região. Vera manteve o primeiro contato com o clube há 11 meses, durante um jantar, encantou-se

pela maneira de fazer amizade e conhecer lugares diferentes ao mesmo tempo, e começou a articular a fundação de um núcleo no Vale do Paraíba. Ela ainda não fez nenhuma viagem pela Força da Amizade, embora já conheça os Estados Unidos e Europa, mas já arruma as malas para, no segundo semestre do próximo ano, conhecer o Japão, Tailândia e Coreia, pelo preço de US\$ 3 mil. "Este preço cobre os gastos com traslados aéreos e eu estou guardando dinheiro para comprar lembranças", diz.

A LÍNGUA DA MÍMICA – Vera, assim como a maioria das pessoas que participam dos intercâmbios promovidos pela Força da Amizade, não fala a língua do país que visitará. "Sei falar inglês o suficiente para me comunicar, mas japonês não falo nada. Isso não me preocupa e chega a ser interessante a gente ter que conversar através de mímicas e ir aprendendo a falar uma ou outra palavra", diz. Aos novos sócios, o clube aconselha a não se preocupar com a barreira da língua, e incentiva com exemplo de amizades sólidas e duradouras que começaram entre pessoas que falavam idiomas tão diferentes quanto coreano e inglês, ou alemão e tailandês.

"As amizades que nascem dessas viagens são muito intensas e as pessoas voltam a se hospedar na casa uma das outras, mesmo fora do intercâmbio promovido pelo clube", explica Vera Lúcia. A média de idade



Exclusividade...

- Móveis com beleza e qualidade conjugados
- Atendimento personalizado (por equipe especialmente treinada)
- Preços ótimos



GHAZAL

Móveis e Decorações

Av. FERNANDO COSTA, 789 – MOGI DAS CRUZES, S.P. – FONE (011) 469-6038

ELETRÔNICA SIDERAL

Serviços em
Vídeo-Cassete
TV à cores, som
e vídeo-game
Orçamento
gratuito
Técnicos treinados
na fábrica
Seis meses
de garantia



Atendimento
à domicílio
Estacionamento
próprio
Cortesia e
atendimento
perfeito
Que já são
tradicionais
na Sideral.

R. Flaviano de Mello, 313 - Centro - Fone: (011) 469-5244 - M. Cruzes - S.P.

Agora dá pra segurar.



A União Paulista Seguros chegou para atuar em todos os ramos. Segurança em Seguros desde 1962, a União Paulista traz para Mogi todo um complexo operacional que envolve o que existe de mais moderno em comunicação e informática. Conheça o sistema UPS de seguros para automóvel, solicite um representante pelo fone 4694066, telex (011) 60423, fax 4691016, ou visite a União Paulista em Mogi; Rua Tenente Manoel Alves, 550.

UPS
UNIÃO PAULISTA
Seguros

Conheça o sistema UPS de seguros!
Menor custo, menor franquia! Confira: fone 4694066

dos participantes varia entre 40 e 80 anos, o que colabora, segundo Vera, para tornar as viagens, e sobretudo as despedidas, momentos emocionantes. Mas não é só com adultos e pessoas idosas que a Força da Amizade sobrevive. Também os filhos de associados têm vez em viagens especialmente organizadas para eles. E a organizadora acredita que o Vale do Paraíba será responsável para um sangue novo no clube. "Entre as famílias anfitriãs cadastradas aqui na região muitas são de jovens entre 16 e 23 anos", explica.

O núcleo da Força da Amizade no Vale do Paraíba é a mais nova base do clube no Estado. Outros núcleos iguais a este existem nas cidades de Araraquara, São Carlos e Campinas, sob a coordenação da sede no Estado, localizada em São Paulo. Pessoas ilustres participam dos quadros internacionais da organização como o ex-presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter e sua esposa Rosalyn, que detém, desde a sua fundação, em 1977, o título de presidente de honra da Força da Amizade. O próprio presidente participou do início do clube, anunciando sua fundação e incentivando suas atividades durante uma reunião de governadores na Casa Branca, naquele ano.

Somente três anos após a sua fundação, a Força da Amizade chegou ao Brasil, realizando com sucesso um intercâmbio simultâneo entre as cidades de São Paulo e São Carlos com a cidade norte-americana de Charlotte, no Estado da Carolina do Norte. Este primeiro intercâmbio movimentou 162 embaixadores da amizade, como são chamados os associados de cada país.

TURISMO BARATO - Uma das idéias que mais atraem associados para a Força da Amizade é, sem dúvida, o fato de fazer turismo em países tão distintos como Estados Unidos, Índia, Colômbia, Tailândia, Israel e Rússia, a um preço acessível. Todos os anos, sedes da organização no mundo todo enviam à central a sua programação de datas para intercâmbios do ano seguinte. Assim, as viagens são divulgadas com um prazo mínimo de seis meses de antecedência, o que favorece a admissão de novos sócios que queiram participar de um determinado programa do clube. Para assegurar sua vaga junto ao grupo que viajará, o sócio tem que efetivar sua participação, hospedando alguém antes, ou indicando duas famílias anfitriãs.

O clube intermedia, junto a agências de viagens, a obtenção de descontos para as passagens, o que normalmente é conseguido devido ao grande número de passageiros que participam de cada viagem. A partir daí, cada participante do grupo adquire diretamente da agência de viagens a sua passagem. O processo é lucrativo e atraente aos sócios, que pagam por uma viagem de três semanas bem menos do que as tarifas vigentes no mercado. Uma viagem para Iowa pela Força da Amizade, por exemplo,

custaria hoje US\$ 880, mas em uma agência de viagens um turista comum teria de pagar cerca de US\$ 1,1 mil pelo mesmo passeio. A coordenadora do núcleo do Vale do Paraíba, Vera Lúcia Soares, conta que dificilmente teria os US\$ 11 mil para uma viagem como a que fará no próximo ano, quando conhecerá o Japão, Tailândia e Coréia. Pela viagem através da Força da Amizade, ela desembolsará somente US\$ 3 mil, em pagamentos parcelados.

Além do preço acessível, o que mais estimula os intercâmbios são as oportunidades de colocar em prática um treinamento intensivo de um segundo idioma, principalmente o inglês. Recebendo ou sendo recebido em outros países, o sócio tem oportunidade de conviver por alguns dias em comunidades diferentes e se inteirar não somente dos pontos turísticos locais ou da língua, mas também dos aspectos culturais. Neste ponto, a Força da Amizade se orgulha em ser diferente de empresas promotoras de excursões turísticas, e proporcionar um contato mais pessoal entre intercambistas e famílias anfitriãs. Para quem pretende fazer parte do círculo de amizades ao redor do mundo, é dada a garantia de "ter acesso aos aspectos mais vivos e preciosos da região e do país, ao invés de consumir atrações turísticas de valor e interesse duvidosos", conforme diz o folheto explicativo da organização. ●

A LUZ DE UMA CASA FAZ PARTE DA SUA DECORAÇÃO

Nós temos lustres e objetos de iluminação residencial para você transformar a luz da sua casa num acessório de bom gosto.

Fabricação própria.
Instalação com técnicos especializados.



MOGI-LUZ
LUSTRES E PRESENTES

Rua Barão de Jaceguai, 458
Tel. 460-1937
Mogi das Cruzes

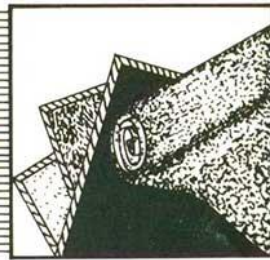
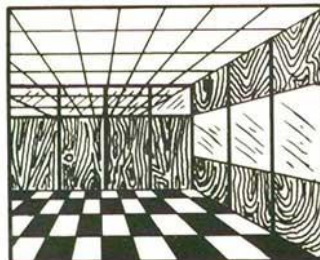
CC

ato

SEMPRE
VISTA
E

REVISTA

Revesti-e-Mogi



FORROS E DIVISÓRIAS EUCATEX

PISOS: PAVIFLEX • PISOFLEX • DECORFLEX
PAPEL DE PAREDE • CORTIÇA • PAINÉIS

CORTINAS: TRADICIONAL • PAINEL • PORTAS
SANFONADAS • PERSIANAS • BOX • TOLDOS

CARPETES: TABACOW
BANDEIRANTE • SÃO CARLOS

PABX: (011) 469 4844-469 7540

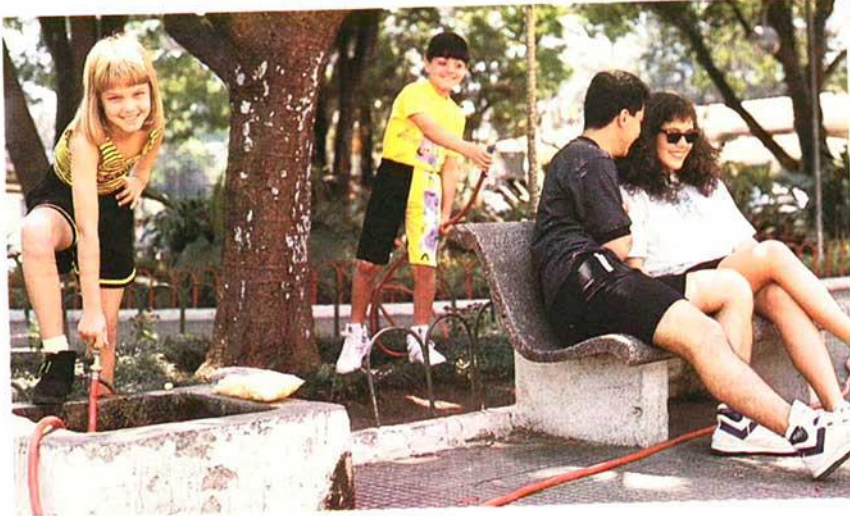
R. BARÃO DE JACEGUAI, 457 • M. CRUZES • SP



**MALHARIA
GATARINENSE**

M. Lucia

Conheça o seu
novo estilo.



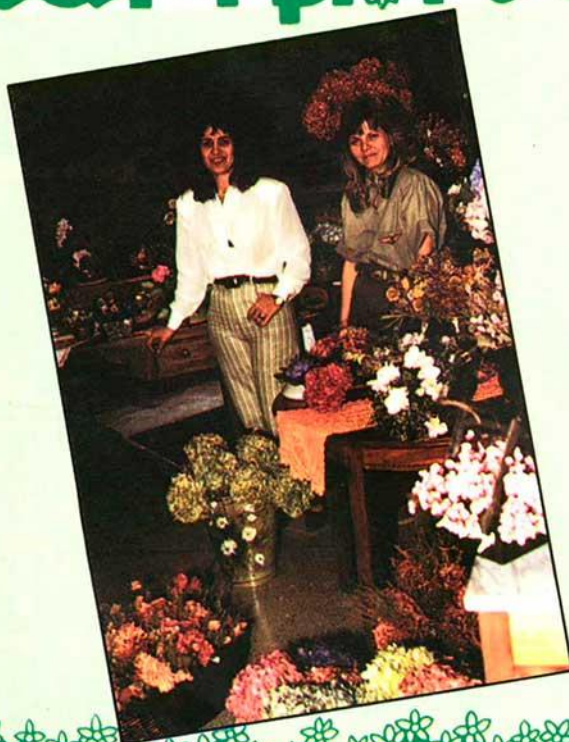
Amplas Lojas:
conforto e
estacionamento
próprio.

AV. JOÃO GUILHERMINO, 358
TEL. (0123) 21.9058

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

PÇA. PRESIDENTE KENNEDY, 200
TEL. (0123) 22.2527

heart flores heart



ARTE EM ARRANJOS FLORAIS

ARRANJOS NATALINOS, GUIRLANDAS, FESTÕES,
CESTAS, ARRANJOS DE MESA.
DECORAÇÕES AMBIENTES INTERNOS, HOTÉIS,
RESTAURANTES, CLUBES, BUFFETS, CASAMENTOS,
CONVENÇÕES E FEIRAS.

RUA DR. RICARDO VILELA, 103
TEL. (011) 469.8090 — MOGI DAS CRUZES

CENTERVALE SHOPPING
EMBAIXO ESCADA ROLANTE
TEL. (0123) 23.1459 — S.J.CAMPOS

A MAIS NOVA DANCETERIA
DISCO-VIDEO
DO VALE



Disco. Video.

RUA ENG: JOÃO FONSECA DOS SANTOS, 66
VILA ADY-ANNA — SÃO JOSÉ DOS CAMPOS



Centenas de carros e motos aguardam nos desmanches oficiais a realização de um leilão evitado pela burocracia da polícia

CARROS

Na zona vermelha

Mesmo sem ação de quadrilhas organizadas, há um roubo de carro a cada 6 horas nas ruas centrais de São José

O comerciante Yolanda Ulguin de Souza estacionou seu carro próximo ao Parque Santos Dumont na madrugada de 26 de agosto, para ir a um baile no Sesc de São José dos Campos. Quando procurou seu carro, após o baile, entrou em pânico – seu Chevette branco, ano 80, placas PE-6794 (São Paulo), havia sumido. Menos de 48 horas depois, Yolanda recebeu um telefonema da Polícia Civil comunicando que o carro havia sido encontrado – intacto, o Chevette estava estacionado em frente a Regional Centro da Secretaria de Serviços Municipais (SSM), a menos de 500 metros de onde havia sido estacionado na madrugada do dia 26.

A mesma sorte não teve o contador Diocésar Pereira da Silva. No mesmo dia em que Yolanda recuperou seu carro, Diocésar teve sua Brasília bege, ano 76, placas UZ-3955 (São José dos Campos), furtada na rua Rubião Júnior meia hora após ser estacionada. Era uma manhã de domingo, dia que Diocésar não vai esquecer por muito tempo.

Embora não se conheçam, Yolanda e Diocésar têm em comum um mesmo senti-

mento: o medo de serem roubados novamente. Yolanda reforçou a segurança do seu carro com travas e alarmes, mesma medida que Diocésar pensa tomar quando conseguir comprar outro veículo – ou, possibilidade remota, conseguir reaver sua Brasília. Não acalmam a ambos as estatísticas da Polícia Civil, que apontam uma diminuição dos roubos de carros em São José dos Campos em 30%. “Não quero nunca mais passar por isso”, desabafa Yolanda.

Esses motoristas, assim como centenas e centenas de outros, sofrem do medo de perder o carro, uma neurose que se alastra principalmente nos finais de semana e que atinge até a própria Polícia. “Eu nunca iria a um baile sem ter um local seguro para guardar meu carro. Se não tiver um local para estacionar, vou à pé ou, simplesmente, fico em casa”, afirma o chefe dos investigadores da Polícia Civil de São José dos Campos, Mauro Vítor Caetano. “Todo cuidado é pouco. O motorista deve estar sempre atento, para evitar uma surpresa desagradável”, completa.

ESTATÍSTICAS – A neurose do carro roubado é parte de um medo maior, a sen-

sação da falta de segurança, maior preocupação do joseense, como demonstra a amostragem realizada pela Prefeitura para realização do projeto de Orçamento Participativo. Um medo cuja responsabilidade a Polícia quer dividir com os próprios motoristas. “O proprietário do veículo precisa ser mais cuidadoso”, opina o delegado seccional de Polícia, Cícero Simonetti. Um cuidado que se traduz, segundo o delegado, nas dificuldades que ele coloca para o ladrão. “Dificultar a ação do ladrão espanta o ladrão e ajuda a Polícia”, afirma. “Para a Polícia é impossível vigiar cada um dos 120 mil veículos da cidade. Seria preciso termos dois policiais em cada esquina. Por isso precisamos da ajuda dos motoristas”, acrescenta.

Para o delegado, entretanto, o medo do roubo é maior que os roubos reais. Nos primeiros seis meses de 1989, a Polícia Civil registrou 725 veículos roubados em São José dos Campos – o que representa mais de quatro veículos roubados por dia, ou um roubo a cada seis horas. No entanto, 320 desses veículos foram recuperados – um índice de recuperação de 44%. Desmontando essa estatística, vê-se uma queda no número de veículos roubados. No primeiro trimestre do ano foram roubados 120 carros por mês. Nos três últimos meses, esse número caiu em 30%. Coincidência ou não, nesse período houve um aumento nos efetivos das polícias Civil e Militar.

A área preferida para atuação dos ladrões é o centro da cidade, nas regiões do Mercado Municipal e da Rodoviária Velha

(alguns agem também na Rovoviária Nova). Esse é o circuito predileto dos "puxadores". Mas há muito perigo também no chamado polígono dos jardins, área que no jargão policial identifica um circuito formado pelas avenidas João Guilhermino, Adhemar de Barros, Nove de Julho, Francisco José Longo e São João. Nesse polígono se concentra o que há de mais agradável na vida noturna de São José dos Campos.

NO LOCAL DO CRIME – O horário preferido dos "puxadores" agirem é a noite/madrugada e a maioria dos roubos acontece de quinta-feira a domingo, quando o movimento dos bares, restaurantes e clubes aumenta. As ruas próximas a esses lugares ficam repletas de carros e acabam sendo um alvo fácil para os ladrões.

"Aqui na cidade só agem os pés de chinelo", afirma o delegado-chefe do Grupo Armado de Repressão a Roubo e Assaltos (Garra), João Chrysóstomo, para quem os quadrilheiros sumiram de São José dos Campos. "Ou estão presos ou mudaram", diz. Para o delegado do Garra, quem age



Chrysóstomo: sem bandos organizados



Simonetti: dois policiais em cada esquina?

hoje na cidade "trabalha" por conta própria. Em agosto, os "puxadores" ganhavam entre NCz\$ 100 e NCz\$ 200 por carro roubado entregue aos desmanches. Outros roubos acontecem por um motivo mais "prático" – os veículos roubados são usa-

dos em assaltos e logo após abandonados (como deve ter ocorrido com o Chevette de Yolanda Ulguin de Souza).

A última grande quadrilha que operava na cidade foi desbaratada em 1988. Era uma quadrilha do Rio de Janeiro, chefiada por um homem conhecido com "Gordo" e que usava uma casa alugada no Jardim Esplanada como garagem para veículos roubados em São Paulo. Os carros tinham os chassis adulterados, documentos "esquentados" e levados para o Paraguai, destino final da maioria dos carros roubados no país. Policiais da Delegacia de Investigações Criminais (Deic) "estouraram" o local, prenderam alguns ladrões, 35 veículos, mas o "Gordo" conseguiu escapar.

OS MAIS ROUBADOS – Uma evidência apresentada pela Polícia para apontar a ação apenas de "pés de chinelo" em São José dos Campos está nas marcas dos carros mais cobiçados pelos ladrões. Os campeões são, atualmente, o Chevette e o Fusca, carros fora de linha. Depenados, suas peças alimentam o mercado negro de peças de automóveis. E pensar um carro não é um bicho de sete cabeças, lugar para isso



Yolanda: fim de festa, carro roubado

Sucata burocrática

Trezentos veículos roubados e recuperados pela polícia repousam nos pátios de dois ferro-velhos, muitos já reduzidos a sucata. Tecnicamente, eles esperam que seus proprietários sejam localizados. Na prática, eles estão abandonados – alguns veículos descansam nos pátios há seis anos, outros, pela adulteração dos chassis e dos números dos chamados agregados (câmbios, eixos e outras peças), nunca poderão ser devolvidos a seus donos. Os dois ferro-velhos querem se livrar desse "abacaxi" e solicitaram à Delegacia Seccional de Polícia a realização de um

leilão público dos veículos – o que, pela disposição da polícia, não deverá ocorrer tão cedo.

No pátio do ferro-velho Barranco há 50 carros e 70 motos estocados em um canto, abandonados pela dificuldade de localização de seus proprietários. Em outro canto, 60 motos aguardam a regularização de sua documentação para serem liberadas. "Muitos ficam aqui pelas dificuldades de regularização de documentos", atesta o proprietário do ferro-velho, João Teixeira, o João Barranco. A mesma situação existe no Bolla Branca, com 200 veículos no pátio, abandonados.

"O ideal seria a realização de um leilão desses carros", afirma uma das proprietárias do Bolla Branca, Maria de Fátima Silva

Conceição, lembrando que o último leilão desse tipo em São José dos Campos ocorreu há 14 anos.

Um leilão desses veículos esbarra na burocracia da polícia, que o considera uma tarefa muito difícil de ser executada. "É preciso inventariar o material roubado, publicar essa relação na imprensa e marcar o leilão. A Polícia Civil não tem, na região, funcionários disponíveis para este trabalho", afirma o delegado seccional, Cícero Simonetti. Essa burocracia, entretanto, parece ser fácil na cidade de São Paulo – a cada seis meses é realizado na capital um leilão de veículos, entre os quais, muitas vezes, encontram-se carros roubados no Vale do Paraíba.

Dicas anti-roubo

Dificultar a ação do ladrão é o melhor conselho que a Polícia Civil tem para dar aos proprietários de veículos. Estas são as principais dicas que podem ajudar a prevenir que seu carro não vá parar na indesejável lista do Centro de Comunicação da Polícia Civil (Cepol):

- Dotar o veículo de qualquer sistema anti-roubo. Vale tudo: travas, alarmes, correntes, entre outros.
- Procurar guardar o carro em estacionamentos.
- À noite, não estacionar o veículo em lugares escuros e nem distantes do local onde você vai estar. Procure, de vez em quando, ver se está tudo em ordem com o carro.
- Ao chegar em casa, olhar nas proximidades para certificar-se de que não há pessoas suspeitas. Se houver, não pare: é preferível, segundo a Polícia, dar mais uma volta no quarteirão do que perder o carro.
- Sempre que puder, deixe o carro em casa e saia à pé. Segundo a Polícia, essa medida é a mais eficiente: em casa o carro estará mais seguro.



Caetano: cuidados com o próprio carro

não falta – locais preferidos são as estradas rurais da Zona Norte e o bairro do Cajuru, atrás da Refinaria do Vale do Paraíba (Revap).

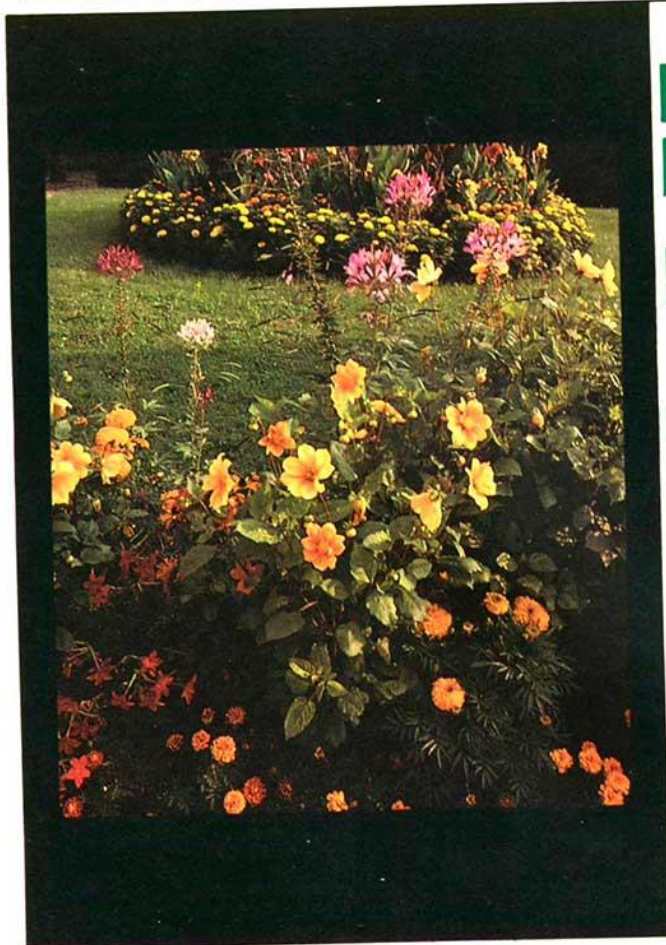
Fora da parte marginal, a trajetória seguida por um carro roubado é complexa. O proprietário faz a queixa à Polícia, que passa os dados do veículo para o Centro de Comunicação da Polícia Civil (Cepol), em São Paulo. O Cepol, com base em informações de todo Estado, emite uma listagem geral de carros roubados em São Paulo. Encontrado um veículo, pela listagem se

pode localizar o proprietário. Quando isso não é possível, o carro acaba em um desmanche autorizado pela Polícia (veja box à página 97), onde pode ser resgatado, leiloado ou até virar sucata após anos e anos de abandono.

Por sorte não foi essa a trajetória do Chevette de Yolanda Ulguin de Souza. Mas poderá ser a da Brasília de Diocésar. Ambos ainda se sentem "otários" pelo

que aconteceu. Não foi a primeira experiência para ambos, o que agrava a situação – Yolanda teve todas as ferramentas de um Fusca roubadas há seis anos e Diocésar viu depenado um Fusca na garagem de sua casa. "Você pensa que está em um inferno", queixa-se Diocésar, que terá de enfrentar agora o sacolejo e a demora de um ônibus urbano toda vez que tiver de ir do bairro onde mora, o Novo Horizonte, até o centro da cidade – 40 minutos de viagem, antes feita em pouco mais de cinco.

Chico Pereira



PAISAGISMO

CONSERVAÇÃO DE ÁREAS VERDES E

AJARDINADAS

Consultoria • Execução

PROJETOS

Planejamento • Assistência Técnica
Engenheiros Agrônomos • Paisagistas

GRAMAS EM TAPETE

Variedades:
ESMERALDA • SÃO CARLOS
SANTO AGOSTINHO • ZOYSIA (JAPONESA)

Plantas Ornamentais • Terra Vegetal
Fertilizantes Químicos e Orgânicos • Vasos



TECNOLOGIA VERDE

SP — (011) 832.1142 — 832.1143
TELEX: 1182604 SSDY BR

S.J. CAMPOS — (0123) 21.4893 — 22.6789



A ação da PM para dispersar os grevistas: 130 policiais, cães e bombas de gás

GREVE

Com o pé no freio

Greve de 1,3 mil empregados da Bundy afeta indústria de automóveis e quebra o monopólio da empresa no mercado

Uma greve de 1,3 mil metalúrgicos em uma empresa até então não descoberta pela cidade paralisou as indústrias montadoras do país. A General Motors, a Autolatina (Ford e Volkswagen) e a Fiat tiveram suas linhas de montagem paradas por uma peça estranha e desconhecida: o tubo de freio, uma peça de aço produzida até outubro com exclusividade pela Bundy Tubing do Brasil, uma fábrica média que ganhou as manchetes dos principais veículos de comunicação e perdeu a hegemonia de um mercado em que chegou a ter uma fatia de 90%. Uma greve em que a divergência principal (o aumento salarial) acabou tumultuada por divergências paralelas entre a empresa e os funcionários, entre facções diferentes do Sindicato dos Metalúrgicos que disputam a eleição para nova diretoria em março de 1990 e entre as indústrias montadoras e o governo, por maiores aumentos nos preços dos veículos.

Os grevistas ocuparam a fábrica da Bundy por 20 dias, período em que ficou hasteada, na torre da empresa, uma bandeira vermelha da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Na madrugada do dia 30 de outubro, dois pelotões de choque da Polícia Militar desalojaram os grevistas, uma operação que durou dez minutos e duas bombas de gás lacrimogêneo, apesar da Convergência Socialista ter preparado um "plano de defesa" da fábrica.

A Bundy fabrica o tubo de aço que leva o óleo do cilindro mestre ("burrinho") para as sapatas das rodas, alimentando o sistema de freios. Sem esses tubos, nenhum veículo

pode ser entregue. No dia seguinte, 9,5 mil veículos esperavam nos pátios da Autolatina à espera dos tubos, enquanto a linha de montagem da Volks em São Bernardo estava parada e operava, em Taubaté, apenas com 30% de sua capacidade. Na GM, os veículos incompletos ultrapassavam 12 mil na mesma data.

Esse xeque-mate no maior complexo industrial do país, que emprega 100 mil pessoas e faturou US\$ 12 bilhões em 1988 (4% do Produto Interno Bruto), custou à Bundy a hegemonia do mercado. Com 21 dias de greve, a General Motors anunciou o recebimento do primeiro lote de tubos importados da Bundy da Venezuela, utilizado para reativar a linha de produção do Kadett e do Chevette, em São José. A Autolatina resolveu incentivar indústrias pequenas a fabricarem o tubo de freios e a Fiat trouxe um lote da Itália. Mas nem só nesse setor a greve freiou a Bundy: a Consul e a Brastemp, que foram paralisadas por tabela, iniciaram a fabricação de condensadores próprios, golpeando mais uma vez a hegemonia da Bundy no mercado de peças.

NEGOCIAÇÃO DIFÍCIL – A Bundy só negociou com os grevistas (que pediam 120% de aumento a partir de outubro) no 15º dia da greve, por pressão das montadoras. Antes, levou a greve a julgamento no 15ª Delegacia Regional do Trabalho (DRT), em Campinas, conseguiu que ela fosse declarada improcedente (ilegal) e conseguiu uma liminar de reintegração de posse, dada pelo juiz da 4ª Vara Civil da comarca de São José dos Campos, Luiz

Augusto de Salles Vieira. Mais cautela nas negociações tiveram o próprio juiz, que convocou uma audiência informal de conciliação entre a empresa e o Sindicato dos Metalúrgicos, e o comandante da Polícia Militar, coronel José Vicente da Silva Filho, que adiou até o limite possível o cumprimento da liminar.

A resistência da empresa em negociar revelou uma faceta até então conhecida apenas pelos funcionários – o autoritarismo da Bundy. A greve, para muitos funcionários, funcionava como um acerto de contas com a empresa. No início, havia denúncias de comida estragada nos refeitórios e pressão excessiva das chefias.

Mesmo negociando a empresa tropeçou nas propostas. Ofereceu um aumento de 5% acima do índice negociado entre o Grupo 19 da Fiesp e o Departamento Metalúrgico da CUT, mais um abono de NCz\$ 1,4 mil e desconto de metade dos dias parados – proposta de quando a fábrica estava ocupada pelos grevistas. Com os metalúrgicos retirados pela Polícia Militar, a proposta retrocedeu, estacionando no índice da Fiesp. O que seria um aumento real de 25,5% acabou em um aumento real de pouco mais de 17%.

A proposta, para agravar a situação, não foi nem apresentada oficialmente – saiu estampada no **Valeparaibano**, que entrou, assim, sem querer, como um dos negociadores dessa greve. Mesmo assessorada por um especialista em negociações trabalhistas, o consultor Dráusio Villas-Boas Rangel, a Bundy bateu cabeça e contribuiu para o prolongamento da greve.

PLANO DE DEFESA – A Bundy perdeu, em outubro, NCz\$ 20 milhões (NCz\$ 38,6 milhões, em valores atuais) a cada dez dias de paralisação e teve afetada sua previsão de faturamento de US\$ 54 milhões para 1989. Pressionado, o presidente da empresa, Gentil Pereira do Nascimento, apontou um plano da CUT para paralisar o país, via Bundy. "A greve é estratégica. Estamos enfrentando aqui, em São José dos Campos, a máquina sindical da CUT, que quer forçar um novo parâmetro para acordos coletivos", disse, em entrevista coletiva.

"Uma grande conquista trabalhista aqui teria conseqüências eleitorais", arriscou Gentil, antevendo um complô nacional na greve. Fantasma que sobrevoou o movimento durante muito tempo. Era o temor de uma nova Volta Redonda, caso houvesse violência na invasão da fábrica pela PM.

Não houve. A PM fez uma operação surpresa de dez minutos, durante a madrugada, e retirou 40 grevistas acampados na fábrica. Um pelotão de 30 soldados entrou pelo portão da frente, dispersou uma tímida tentativa de resistência com bombas de gás lacrimogêneo, enquanto outro grupo invadia a fábrica pelos fundos. Esse grupo evitou que a greve tivesse conseqüências maiores – dois militantes da Convergência

LATICÍNIOS



MARAVILHA

HÁ 28 ANOS VALORIZANDO O
SEU BOM GOSTO, COM PRODUTOS
DE EXCELENTE QUALIDADE



QUEIJOS
VINHOS
FRIOS

MARAVILHA
AV. FRANCISCO RODRIGUES FILHO, 951 – FONE: (011) 468-2911

MARAVILHA
AV. CAP. MANOEL RUDGE, 641 – FONE: (011) 469-7303

MARAVILHA
R. CEL. SOUZA FRANCO, 594 – FONE: (011) 469-5900

Solução pela força

Ninguém costumava prestar atenção às greves da Bundy Tubing do Brasil, até que a indústria automobilística passou a utilizá-la como prova da sua falta de peças e desculpa para a paralisação da produção. Quando as montadoras reclamaram e passaram a enviar seus especialistas para assessorar a atordoada direção da Bundy, a greve ganhou outros contornos e chamou a atenção do aparato policial.

Se a polícia teve alguma competência para expulsar os grevistas de dentro da fábrica em sua primeira ação, enquanto eles dormiam, na segunda, ao atacar o acampamento armado na entrada da fábrica, fez apenas uma demonstração de intolerância e desmedida violência. Não havia 50 grevistas no acampamento, mas 25 deles tiveram de ser atendidos pelos médicos do sindicato com vários tipos de ferimento e três foram para o Pronto Socorro, onde foram presos.

A polícia espancou metalúrgicos e jornalistas em frente a Bundy e ainda distribuiu seu aparato em pontos estratégicos da Vila Industrial para dar prosseguimento à perseguição. A ação correu sem qualquer aviso, sem uma tentativa a mais de negociação, desconheceu os perigos da violência praticada em horário de pico no trânsito pela Dutra em véspera de “feriadão” (o fim de semana prolongado com o Dia de Finados).

Os 130 policiais militares, ajudados por cachorros, cassetetes, revólveres e bombas de efeito moral, chegaram justamente no momento em que o acam-

Socialista foram presos por esses PMs quando tentavam depredar o forno e o tanque de tintas da fábrica. Vinte minutos após ser iniciada a operação, a bandeira da CUT foi retirada da torre da fábrica e pendurada uma bandeira verde, sem símbolo aparente.

A ação da PM colocou abaixo um plano de defesa da Bundy, arquitetado pela Convergência. O plano previa a vigilância da fábrica por grevistas munidos de binóculos, patrulhas com rádio-transmissores e segurança especial em pontos isolados. Nada disso funcionou. Um final de semana e o impasse judicial criado pelo próprio Sindicato (que pretendia, pela via jurídica, retardar o cumprimento da liminar) desestabilizaram o plano.

QUARTA DESCULPA – A greve da Bundy foi um gargalo já conhecido pelas indústrias montadoras. Em 1989, o setor interrompeu suas entregas de veículos três vezes antes da crise da Bundy – em janeiro

pamento de grevistas estava desarticulando-se. Naquele momento, ônibus da empresa estavam saindo e vários grevistas aproveitaram a carona para ir para casa e retornar apenas após o feriado, na sexta-feira. E mais: tudo que a polícia queria era liberar a saída de caminhões da Bundy carregados de peças e, naquele final de tarde, os grevistas não estavam articulados para impedir que isso ocorresse.

Pior. O comando da PM foi duas vezes informado de que não haveria resistência à saída dos caminhões naquele dia e, se esperasse um pouco mais, não encontraria 30 grevistas no acampamento. A tropa chegou batendo e sequer utilizou a clássica demonstração de força para obter a saída pacífica dos metalúrgicos. Mais grave ainda, os fotógrafos que tentavam registrar os fatos foram perseguidos como criminosos e tiveram suas máquinas arrancadas pelos policiais – uma delas, do fotógrafo Nelson Almeida, do **Valparaibano**, desapareceu.

A polícia, que, por seu comandante, o coronel José Vicente Silva Filho, tanto analisava as segundas intenções da greve e encontrava nela uma inusitada disposição de prolongar a paralisação até 15 de novembro, acabou abusando de sua autoridade e fornecendo aos metalúrgicos o fôlego que eles precisavam para buscar a solidariedade dos políticos, da sociedade. Deu-lhes exatamente o que mais temia: o motivo para aprofundar o caráter político, as passeatas. A mesma polícia que arguia a incompetência da maior parte dos empresários para relacionar-se com os sindicatos e a CUT, demonstrou, com sua violência, o seu próprio despreparo e prepotência.

faltaram pneus e vidros, em julho foram as chapas de aço que sumiram e, em agosto, faltaram os espelhos retrovisores. Isso tudo apesar dos aumentos de preço dos veículos terem superado, em outubro, a inflação – os veículos subiram até o final daquele mês 723,2%, contra uma inflação acumulada de 717,9%. E com a insistência das montadoras em pedir mais reajustes.

Entre todos os envolvidos na greve, o trabalhador foi o que mais perdeu. Com um piso de NCz\$ 799,80 em outubro, a Bundy, é uma das fábricas que paga os menores salários em sua faixa na região, 20% abaixo do mercado. Enquanto no mesmo mês o salário médio da Embraer era de NCz\$ 3 mil e na GM de NCz\$ 2,8 mil, o trabalhador da Bundy ganhava NCz\$ 1 mil. Essa defasagem não desapareceu, de todo, com o reajuste. Marcas do movimento ainda ficaram transpassadas nas relações empresa/funcionários. Pagará o pato quem sempre paga no Brasil: o lado mais fraco. ●



MADEFER
PORTAS E JANELAS COM ARTE

R. Dr. Deodato Wertheimer, 1930

Tel.: (011) 469-3061

Mogi das Cruzes

Pendurado no ar

Um novo esporte invade os céus: o paragliding - um pára-quadras que leva o homem para um passeio pelo ar

Há muito tempo que voar deixou de ser um mistério. Mas nunca se sabe que novidade virá do céu para mostrar que o homem continua perseguindo novas emoções e desafios no velho sonho de voar. Talvez isso explique o surgimento de um novo esporte - ou sensação de voar - que chegou ao Brasil no início do ano e vem sendo praticado por um grupo de pessoas do Centro de Vôo a Vela de Ipuã, em Caçapava: o paragliding. Quem nunca ouviu falar no paragliding e vê uma pessoa despencando de um morro, a mais de mil metros de altura, tem certeza que o voador não é o superhomem, mas certamente ficará em dúvida se ele é um pára-quadrista ou um praticante de vôo livre. Exageros à parte, o motivo do dilema é simples. Nesse novo esporte usa-se um pára-quadras para realizar um vôo semelhante ao de uma asa delta.

Trata-se, no entanto, de um pára-quadras - denominado de paraglider - adaptado para esse tipo de vôo. Os primeiros modelos foram desenvolvidos na França em 1980, quando os alpinistas inventaram o paragliding, procurando acrescentar emoções diferentes às escaladas. O paraglider possui formato retangular dividido em 18 gomos com aberturas (bocas) na extremidade da frente para permitir a entrada de ar e, assim, ficarem inflados. A área do tecido - 23 metros quadrados - é maior que a do pára-quadras comum, para dar maior sustentação. Feito de nylon especial e fivelas de alumínio, o paraglider acondicionado na mochila pesa cinco quilos.

CURIOSIDADE - No Brasil, os primeiros adeptos do paragliding invadiram o espaço aéreo mais famoso do vôo livre e um dos



FOTOS SÉRGIO CASTRO

Sambatti: cuidados para abrir o paraglider no solo

cartões postais mais conhecidos do país, a praia do Pepino, no Rio de Janeiro. Apesar do congestionamento normal da rampa por causa do grande número de asas delta, a presença desses novos voadores foi bem

aceita e logo apareceram curiosos interessados em conhecer o esporte. Foi o caso do desenhista industrial Daniel Schimit, que fazia vôos duplos de asa delta com turistas e hoje é um adepto do paragliding. Ele detém o recorde brasileiro de vôo à distância - 22 quilômetros - em paragliding e obteve o 20º lugar - entre 240 participantes - no Campeonato Mundial de Paragliding, reali-

zado este ano na Áustria. A equipe brasileira também surpreendeu conquistando o 8º lugar na classificação geral.

Foi o desenhista industrial que ensinou a técnica do paragliding a um grupo de amigos do Centro de Vôo a Vela, a cerca de dez quilômetros de Caçapava. No meio desse grupo estavam Roberto Hering e Olympio Sambatti, dois engenheiros aeronáuticos que já vinham trabalhando num protótipo de paraglider. "Como era preciso importar um paraglider, e isso geralmente é complicado, arrumamos um modelo e começamos a desenvolver um protótipo", explica Olympio Sambatti.

Em novembro do ano passado, Sambatti - que já teve uma fábrica de ultra-leve em São José dos Campos - esteve na França participando do Salão de Aeronáutica de Le Bourget. Voltou de lá com informações suficientes para colocar em prática o projeto de produzir um dos primeiros - se não o primeiro - paraglider inteiramente nacional. Hoje, os engenhei-

ESTAMPARIA

Tropical

MALHARIA

CAMISETAS PROMOCIONAIS
UNIFORMES ESCOLARES
ATACADO E VAREJO.

Visual

GRANDE VARIEDADES
EM MOLETOM,
MALWEE E SULFABRIL.

R. HUMAITÁ, 326 — TEL. (0123)21.8585 — S.J.CAMPOS

ros Olympio Sambatti e Roberto Hering são sócios na firma Paragliding Systems, que fabrica paragliders com material 100% nacional.

Apesar dos poucos adeptos e do preço meio salgado de um paraglider (veja box à página 104), os dois sócios apostam que o novo esporte vai pegar e tem tudo para ficar tão conhecido quanto o vôo livre. "É um esporte emocionante e até mais simples de ser praticado que o vôo livre. Afinal, você carrega o paraglider dentro de uma mochila e pode abri-lo em qualquer lugar. Para guardá-lo é ainda mais simples. É só usar a técnica de dobrar lençol de casal", brinca Hering, que pratica vôo livre desde 1981.

TESTE NA PRÁTICA - Se para produzir o paraglider Olympio Sambatti teve que ir ao Salão de Le Bourget, para se descobrir como se praticava o paragliding foi preciso ir até o morro mais próximo do aeroclube. "Nós abrimos o paragliding e ficamos imaginando o que era preciso fazer para saltar. Depois fomos até um morro para ver se dava certo", conta Hering.

As "experiências" deram certo, afinal, ninguém sofreu até hoje nenhum acidente grave e atualmente existem cerca de 15 pessoas que aprenderam a voar de paraglider no aeroclube de Caçapava, entre eles os dois filhos de Olympio Sambatti - Juliano e Sabrina - e Gustavo Monteiro Paixão, de 16 anos.

O principal ponto de decolagem desse grupo é um morro de 330 metros de altura - distante alguns quilômetros do aeroclube - onde fica a sede da Fazenda do Pica-Pau Amarelo. Mas eles já começam a invadir os redutos mais famosos do vôo livre do interior de São Paulo como, por exemplo, o Pico Agudo, em Santo Antonio do Pinhal, a Pedra Grande, em Atibaia, e os municípios de Extrema, em Minas Gerais, Joanópolis e São Pedro.

TÉRMICAS E VENTOS - A procura pelos mesmos lugares onde se pratica o vôo livre é natural, já que o paragliding exige as mesmas condições de vôo que a asa delta. Ele voa pela sustentação do ar, aproveitan-



Após a corrida, ganha-se sustentação para o vôo, iniciado com um salto

MOBILHETO
O MÓVEL INTELIGENTE

RESIDÊNCIAS / ESCRITÓRIOS

PROJETOS E PRODUTOS PERSONALIZADOS
GARANTIA 2 ANOS
CONDIÇÕES ADEQUADAS AO SEU ORÇAMENTO.

NOVO SHOW-ROOM
AV. NOVE DE JULHO, 553
TEL. (0123) 21.5511-S.J.CAMPOS

do a camada de ar quente que sobe em espiral (as conhecidas térmicas) e os ventos que batem nas colinas – ou num outro obstáculo – e sobem. Para localizar esses dois fenômenos, existem alguns macetes muito conhecidos por quem voa também de asa delta ou planador. O primeiro é que a presença de nuvens e urubus voando em círculos é sinal de térmica. E próximo aos morros, provavelmente, existem ventos ascendentes.

A duração de um vôo vai depender das condições atmosféricas, da vontade e habilidade da pessoa. Há quem goste – e gosto não se discute – de ficar 11 horas



Hering: o paraglider na mochila pesa 5 quilos

e vinte minutos (tempo do recorde mundial) pendurado no ar.

A direção do vôo também fica a critério do voador. O paraglider é comandado, através de dois batoques (cordinhas), com os quais se pode controlar a direção do vôo. A decolagem – feita sempre contra o vento – é relativamente simples. O paraglider é estendido, no chão, em forma de concha, com as bocas viradas para cima. Uma pequena corrida – como fazem os praticantes de vôo livre – é o suficiente para que o paraglider se infle e fique sobre a

cabeça da pessoa. Na decolagem, o principal é verificar se todos os gomos inflaram. “É possível continuar mesmo que alguns gomos não tenham inflado direito, mas isso só deve ser feito por quem tenha experiência no esporte. Os novatos devem parar e repetir tudo de novo”, aconselha o engenheiro Roberto Hering.

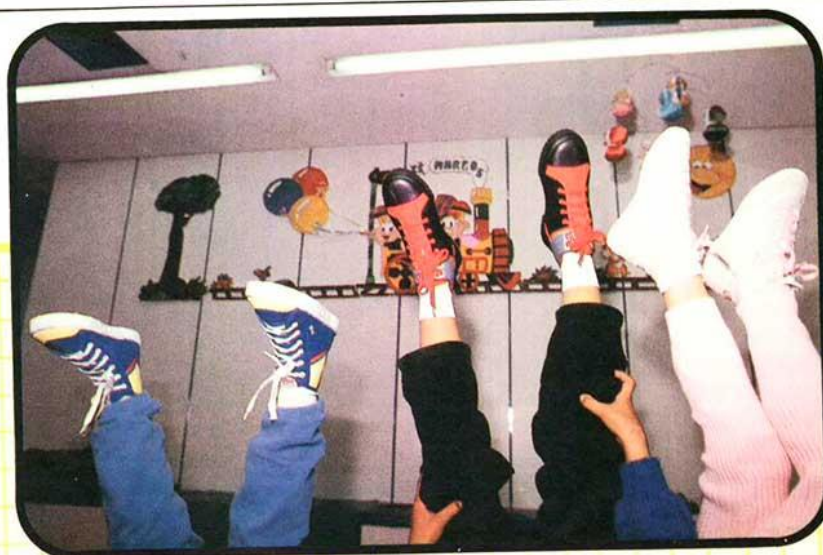
Com a repetição dos vôos, a tendência é da pessoa gostar cada vez mais do paragliding. “É difícil descrever a sensação. Não é medo, mas nos primeiros vôos você tem a consciência de que não está no seu estado normal”, explica Sabrina Sambatti. Mas com o tempo – garantem os mais experientes – os sobressaltos diminuem e o prazer de voar aumenta. ●

Coragem e dólares

Não basta ter coragem para aventurar-se no paraglider. Este é um esporte cotado em dólares. Para aprender a voar no Centro de Vôo à Vela, em Caçapava, nos cursos de Roberto Hering e Olímpio Sambatti (duração de 8 finais de semana), o iniciante paga US\$ 100. Nos cursos, a pessoa aprende a correr com o paraglider, a controlá-lo, fazer manobra e, depois, parte para pequenos vôos. Paralelo às aulas práticas, os cursos têm uma base teórica, que engloba noções de

vôo e, principalmente, ensina a conhecer as correntes de ar. Essas aulas podem ser individuais ou em grupo.

Mas o susto mesmo vem quando o iniciante pensa em comprar o seu paraglider. O modelo nacional sai a US\$ 1.150 e os importados variam de US\$ 1,5 a 2,6 mil dólares. Informações sobre os cursos podem ser conseguidas pelo telefone (0123) 21-3133, com Roberto Hering. Quem quiser conhecer o esporte apenas como curiosidade, basta se dirigir ao Aeroclube, no bairro do Pedregulho, a dez quilômetros do centro de Caçapava.



pézinho
de
criança...

exige
carinho e
conforto!

ZÉ CALÇADOS INFANTIS MARCOS



CENTRALE SHOPPING — LOJA S — 102
TEL. (0123) 21.3624
S.J.CAMPOS

R. 7 DE SETEMBRO, 226
TEL. (011) 913.0107
GUARULHOS

SHOPPING CENTER SÃO JOSÉ — LOJA 53
TEL. (0123) 22.6023
S.J.CAMPOS



SANEAMENTO CONSTRUÇÕES LTDA

HÁ 15 ANOS CUIDANDO DA SUA SAÚDE,
EXECUTANDO OBRAS DE SANEAMENTO COM
EFICIÊNCIA, RAPIDEZ E QUALIDADE.

P RINCIPAIS SERVIÇOS:

REDES DE DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA POTÁVEL
REDES DE ESGOTOS SANITÁRIOS E INDUSTRIAIS
GALERIAS DE ÁGUAS PLUVIAIS
DRENAGENS
SISTEMAS DE TRATAMENTO DE ÁGUA OU ESGOTOS
ESTAÇÕES ELEVATÓRIAS DE ÁGUA OU ESGOTOS

MAJOS — A EMPRESA QUE CONHECE O NOSSO CHÃO

Rua Prof: Maria Lima Cesar, 32 — Jd. Bandeirantes
Tel. (0123) 22.1666 — Cep. 12.215 — São José dos Campos — SP

Meu primeiro voto

FERNANDO RODRIGUES ROSA

ensando sobre meu primeiro voto, aos 16 anos, chego à conclusão de que várias coisas intimamente ligadas a este fato também estão acontecendo. Este texto tem como título "Meu Primeiro Voto", mas é fundamental deixar claro que, além de ser a primeira vez na história do Brasil que os jovens maiores de 16 anos puderam exercer a democracia através do direito de voto, também foi a primeira oportunidade que milhões de brasileiros tiveram para escolher o seu presidente. A meu ver, a ida às urnas no dia 15 de novembro representou à toda nação e, especialmente, à juventude um passo de extrema importância, decorrente de uma série de transformações políticas e sociais que se deu nos últimos anos.

Nesse ponto do texto, gostaria de comentar alguns fatos marcantes de nosso passado e também dizer algo sobre o nosso "marcante presente" porque vejo uma relação íntima entre estes e o processo de transição pelo qual passamos. A partir de 1964 e, durante mais de 20 anos, nosso país foi literalmente afogado num mar de lama. Esses eram os tempos nos quais toda e qualquer forma de liberdade era cassada, não se tinha o direito de se expressar os anseios e necessidades, nem mesmo se pôde usufruir da liberdade de pensamento. Dentro desse regime totalitário e opressivo, o direito de voto era restrito a uma minoria que inteligentemente sabia usá-lo em seu próprio proveito. Essa "forma de governo" tinha uma característica muito interessante - uma minoria votava numa outra minoria (seus próprios representantes, é claro); a grande maioria, por sua vez, ficava a ver navios no que dizia respeito à qualquer forma de participação política. Sinto que é importante frisar a palavra "minorias" porque em raros momentos de nossa história houve governos que se preocupassem com a grande massa, ou seja, o dito povo. E é com este povo (trabalhadores em geral, profissionais liberais, pequenos empresários), que entrega sua vida trabalhando em prol do país, que o governo deve se preo-



Fernando: consciência na hora do voto

ocupar. Havendo esta preocupação, naturalmente vem às nossas mentes a famosa palavra "democracia", ou seja, o governo feito pelo povo e que agirá em seu favor. Para mim, é só disto que o Brasil precisa. Mas como chegar lá? Creio que o único caminho é ratificando o direito de voto no 2º turno, em dezembro.

É evidente que durante os últimos meses, com a campanha à sucessão presidencial passamos por um momento singular. Mas esta nova situação, na minha opinião, não foi correspondida em sua plenitude pelo povo brasileiro. Desgastada e humilhada por um regime que já comentamos e que ainda hoje apresenta resquícios, a grande maioria não se viu com grande interesse em eleger o seu novo presidente, fato refletido pelos baixos níveis de audiência dos programas políticos no horário nobre na TV e, também, pelo alto número de votos nulos. Por outro lado, devemos notar que um pequeno horizonte esperançoso se vislumbra e que, apesar de distante ainda, há uma luz no fundo do túnel. Em outras palavras, podemos dizer que ainda há tempo para uma eventual mudança, que o nosso país pode num futuro próximo vir a emergir como uma nação mais justa e feliz. Inexoravelmente, todo este processo tem de ser acompanhado por uma profunda conscientização política, que se encontra muito distante da realidade da grande maioria. Con-

vivendo com meus jovens colegas, percebo, que muitos deles defenderam com "dentes e garras" o ponto de vista e as propostas dos seus candidatos, ou mesmo os que estavam indecisos se esforçaram ao máximo para obter preciosas informações para definir a sua escolha. Até em jovens que não estavam aptos a votar nestas eleições, o interesse político também se manifestou. De tudo isso só consigo constatar uma verdade: esta nova geração não é alienada, ao contrário do que muita gente pensa. A juventude sente que o país precisa mudar o mais rápido possível, pois ela, em especial, sofrerá muito se isto não ocorrer. Por estes motivos, o jovem procura se informar, estando "por dentro" do que acontece ao seu redor e sabendo distinguir aquilo que lhe é prejudicial ou benéfico. Associado à nossa grande dinâmica de vida, consciência e maturidade, o direito de voto se transforma em uma poderosa arma. Se usada de maneira adequada, esta arma pode causar inúmeras surpresas porque só ela tem a capacidade de acabar de uma vez por todas com a miséria e injustiça que reinam neste país. Mas devemos tomar cuidado, pois o direito de voto também é uma "faça de dois gumes" e, se for usado de forma displicente, as consequências disso, fatalmente, serão sentidas.

Foi-me dado este espaço para que eu expusesse a minha opinião a respeito de toda esta polêmica que cerca o direito de voto cedido aos jovens maiores de 16 anos. Procurei fazê-lo da maneira mais clara e sincera possível. Como milhões de jovens iguais a mim, também tentei demonstrar minha preocupação com o atual panorama de nossa sociedade. Por fim, tomo a liberdade de pedir àqueles que me estão lendo que usem, agora no 2º turno, o seu voto da maneira mais consciente e séria possível, e que principalmente não sejam egoístas na hora de decidir o destino de seu povo.

Fernando Rodrigues Rosa, 16 anos, é aluno do 2º ano do 2º grau no colégio São Marcos, em Mogi das Cruzes.

EM MATERIA DE PICK-UP, FECHE COM SIDCAR.

Invista em certezas.

Sidcar transforma sua Pick-up, de qualquer ano ou marca, em Cabine Dupla ou Blazer. Com rapidez, economia e os melhores acessórios, multiplique o valor e a beleza do seu carro



CABINE DUPLA

- Totalmente personalizada
- Pintura e acabamento impecáveis
- Bancos anatômicos e reclináveis
- Forração luxo
- Vidros panorâmicos

BLAZER NEVADA

- Ágil, forte, resistente
- Estampada em chapa de aço
 - Interior em veludo
 - Piso acarpetado
- Espaço para 7 pessoas e muita bagagem



GARANTIA DE ATÉ UM ANO EM SERVIÇOS

TAMPÃO DE FIBRA SIDCAR
Uma novidade para toda Pick-up
Cabine Dupla. Original ou não.
Segurança • Durabilidade • Qualidade

SIDCAR

Fabrica: Av. José Meloni, 1280 - Br. Mogilar
Mogi das Cruzes - SP
Tel. 460-1755

A CONSTRUTORA REFLORA VAI REVELAR OS 7 SEGREDOS DO SUCESSO DO EDIFÍCIO CHALET GRISON

1. *Financiamento*
BRDESCO

2. *Elevadores*
KONE

3. *Concreto*
ENGEMIX

4. *Caixilhos*
STARLINE

5. *Vidros*
MAXIGLASS

6. *Material de Acabamento*
HM — HABITAÇÕES MODERNAS

7. *Aço*
DISA — FERRO-AÇO

Construção e Incorporação:

**construtora
reflora ltda.**

O segredo é a qualidade

R. Dr. Jorge de Moraes Barros, 120 — S. Dimas
Tel: (0123) 22-6699/21-1437 — Telex: 123 3399 CN
CEP 12245 — São José dos Campos — São Paulo

Edifício Chalet Grison
R. Sta Elza, 41 — Vila Jaci
CEP 12243 — S. José dos Camr

